

# *Memórias*

volume II

**de Raul Brandão**

A TEIXEIRA DE PASCOAES

## ÍNDICE:

- O Silêncio e o Lume
- O Meu Diário
- Ainda o Regicídio
- Vivos e Mortos
- Os Últimos Anos de Junqueiro

## O SILÊNCIO E O LUME

Dezembro de 1924

Querida: estamos sozinhos à mesa nesta noite infinita em que a chuva cai lá fora com um ruído monótono de choro. Estamos sós nesta noite de saudade e nunca foi maior a nossa companhia, porque cada vez me sinto mais perto dos mortos. Rodeiam-nos, chegam-se para mim e sentam-se ao nosso lume. São legião... Mais perto, que eu faço uma labareda que nos aqueça a todos! A velha mesa da consoada foi-se despovoando com o tempo, mas hoje estão aqui sentadas todas as figuras que conheço desde que me conheço... Tu, toda branca, e que mesmo através do túmulo me transmites sonho; tu, mais longe, mais apagada e sumida; e tu, que vens de volta, e encostas os teus cabelos brancos aos meus cabelos brancos, para me dizeres baixinho – Menino! – Pois ainda me chamas menino?! – Outro, acolá, sorri e outro tenta falar... Dois vivos e tantos mortos sentados à roda desta mesa que veio de meu pai, foi de meu avô e pertenceu já a outras gerações desconhecidas, mas que estão aqui também comigo, escutando e sorrindo, enquanto as pinhas se transformam em flores maravilhosas e as vides que plantei se reduzem a cinza!... Nunca estive tão acompanhado como hoje nesta ceia religiosa de fantasmas, numa comunhão de saudade e de lágrimas, e sentindo que cada Natal volvido mais me aproxima dos mortos. Aumenta o silêncio húmido que nos isola do mundo... Dá-me as tuas mãos, querida, e deixa arder o lume, enquanto eu falo baixinho diante da legião que nos escuta, acompanhado pelo ruído de lágrimas que se ouve lá fora.

Um dia destes temos de nos separar, e é natural que seja eu, que sou mais velho, o primeiro a partir... Antes, porem, quero dizer-te que te devo o melhor da vida. Foste tu que me desvendaste o amor, que eu desconhecia. A bondade e a ternura, que eu desconhecia. Não exerci talvez nenhuma influência na tua alma – tu apaziguaste-me. O amor cru em mim um simples impulso: criaste-o, e pouco e pouco essa força, nas tuas mãos, se transformou em sentimento religioso.

Olha para os meus cabelos todos brancos... Julgava que o amor ia diminuindo com o tempo – e o meu amor não cessa de aumentar até à morte e para além da morte. «Na ocasião em que escrevo estas linhas – diz Alfieri nas *Memórias* – na idade em que já desapareceram de todo as ilusões, sinto que a amo cada vez mais, à medida que o tempo destrói o brilho da sua passageira beleza. Ela tornou melhor, elevou e pacificou o meu coração – e eu ousou dizer a mesma coisa do seu, que sustento e fortifico.»

É certo: cada ano que passa é um laço que nos prende e quanto melhor conheço a tua alma mais me purifico ao seu contacto. Não só fazes parte do meu ser, mas da minha consciência. Chego às vezes a supor que és tu a minha consciência.

Por isso esta separação vai ser dolorosa, ainda que eu creia que nos tornaremos a encontrar noutro mundo melhor. Não decerto para vivermos as horas que passámos juntos à beira do lume, penetrados um do outro e unidos pelo silêncio, mas numa vida superior que antevejo e numa paz mais profunda. Ainda assim tenho pena. Tenho pena das horas monótonas que correm – do tempo que passa – da brasa que se extingue...

Foste o fio que ligou a minha vida desordenada. Há em mim um ser desconhecido que me leva, se não estou de sobreaviso, a acções que detesto. Uma palavra tua me detém. Tenho passado o tempo a comentar-me e poucas almas me interessam como a minha. O que eu amo sobretudo é o diálogo com esse ser esfarrapado. Dêem-me um buraco e papéis e condenem-me à solidão perpétua. É-me indiferente... Isto é um erro –

e tu fizeste-me sentir. Sem mo dizeres – compreendi que a nossa vida é, principalmente, a vida dos outros... Melhor: compreendi que a ternura era o melhor da vida. O resto não vale nada. Não é por a esmola da velha do Evangelho ser dada com sacrifício que é mais aceita no céu que o ouro do rico – é por ser dada com ternura. O importante é a comunicação de alma para alma. A mão que aperta a nossa mão, o olhar húmido que procura o nosso olhar, o sorriso que nos acolhe, desvendam-nos o mundo. Às vezes é um nada que nos faz reflectir, é o momento, é uma figura que nos entra pela porta dentro e de quem nos sentimos logo irmãos... Ainda não há muito que passei uma tarde no lagar, com os homens que assentavam os dornões, e achei um grande encanto àquela lida rude. Cheirava a mosto, e o cheiro pareceu-me mais penetrante que das outras vezes. É a quadra do ano em que caem as primeiras chuvas. Sente-se que vem aí o desabar imenso, nas noites que não têm fim – e aquela voz séria que nos faz reflectir. Há já um pique de frio, que sabe bem, e os ratos e as doninhas começam a levar para os buracos as primeiras folhas amarelecidas que caem das árvores. Tudo adivinha o Inverno. A porta da adega comunica com a cozinha térrea da nossa pequena lavoura. Debruçada sobre o lar, a mulher deitava um feixe de sarmentos da poda sobre as brasas, e a fogueira lambia as paredes negras que reluzem, iluminava os potes de ferro e o berço do filho ao lado do lume, a quem ela ia falando enquanto fazia o caldo... Este pequeno quadro de interior humilde o homem que trabalha comigo na mesma vinha, o moço que o ajuda, a mulher e o berço, fizeram-me cismar... Aproximo-me cada vez mais – outro Inverno ou a ideia da morte? – da vida de todos os dias. Esta época do ano é a que melhor se harmoniza com a minha alma um pouco cansada e triste – já resignada diante do fim. É agora que eu acho mais sabor à vida – quando a sinto fugir-me. Cheira a folhas apodrecidas. As sombras mais frias, à espera de outras sombras geladas e eternas, trespassam-me de humidade. Anuncia-se o grande Inverno no pio das aves, no cor das folhas que se arripiam com a lufada do vento e caem uma a uma com um ruído tão leve como os passas da Morte...

O sentimento da vida humilde inspiraste-me tu; este e outros de apaziguamento e verdade. Ligaste-me mais aos vivos e aos mortos. Aos que estão sentados ao nosso lado nesta noite sagrada e à legião infinita que tem sofrido no mundo, cumprido a vida, aos desgraçados e aos humildes, aos pobres de pedir que caminham como santos pedia estrada... A chuva cai lá fora, com o ruído manso de quem se resigna e aceita a dor... Cheguemo-nos mais para o lar, que eu faço arder uma fogueira que nos aqueça a todos – todos de carvalho duros como ferro que dão uma luz mortiça e um calor persistente; o pinheiro que arde, estala, flameja, numa grande labareda fugaz; as vides que plantei e já me aquecem há dois invernos e as pinhas que gosto de atirar uma a uma ao lume e que se transformam em maravilhosas flores de ouro, cujas pétalas só duram um instante... Cheguem-se todos os que no mundo me deram um bocadinho de ternura!

Tu, primeiro, de quem herdei a sensibilidade e esta paixão pelas árvores e pela água, e de quem sinto as mãos pousadas sobre a cabeça, trespassando-me de ternura; e tu, tão velhinha, que me quiseste como a um filho, e vós todas de quem confundo as cabeças brancas. Sinto na mão um dedo nodoso que já não existe e a que a minha mão ainda se apega. Sinto as mãos que toquei durante a vida. Muitas já desapareceram, mas estão aqui entre as minhas – as mãos de meu pai, as mãos de minha mãe, as mãos pequeninas das crianças. Não a mão material – mas as mãos espirituais. As mãos quando a gente as aperta e as tem entre as suas dão-nos o ser inteiro pelo contacto. Destruídas pela morte, fica a ternura que nos transmitiram.

Um momento, um só momento, um momento e lágrimas, um único momento para lhes fazer sentir também a minha ternura, aumentada pelos anos, aumentada pela saudade, amplificada pelo conhecimento da vida e da dor!...

Impossível. De muitos nem já sei o nome. Passaram no tropel dos mortos. Ficou-me um olhar impresso, o calor da tua mão na minha mão. Mais nada. Como te chamas tu? Por mais esforços que faça, não me lembro. Entre nós interpôs-se esta coisa monstruosa que se chama o tempo. Se soubessem a pena que isto me faz! Mortos! mortos para sempre, morta comigo a vossa ternura, para toda a eternidade! Só estes três fantasmas se chegam mais para mim: – Tu, que fazes que não vens? – Nem eu sei o que espero para me juntar a vós. Esta companhia doirada de todo o Inverno, que ali se consome no lar, já não basta para me aquecer. Preciso doutro lume, que só vós me podeis transmitir. Nem eu sei o que espero para sentir meu coração mais perto do vosso coração, agora que a vida me ensinou que a ternura é a melhor coisa da vida.

Foi ontem! foi ontem que os conheci e que te conheci, foi ontem que te amei – e estamos ambos velhos! O tempo – não sei se o tempo existe... Pelo menos não decorre com regularidade. Custa muito a passar até certa idade e, depois, atropela-se, desaparece, escoa-se, some-se. E o que me impressiona mais não é o tempo, é a distância. Há uma coisa monstruosa que nos leva e empurra, e as figuras e os factos apagam-se pouco e pouco. Tu ainda conservas as feições queridas, mas eu vejo-as já mais longe – e estendo os braços, suplicando – cada vez mais longe... Oh, minha ternura, não tardarás a estar tão afastada de mim, que mal te distinguirei! Cada vez o espaço se dilata mais. Uma coisa monstruosa se interpõe entre nós, e nos leva de escantilhão não sei para onde...

Uma alma é preciso criá-la, e quando está criada – deixá-la. Tanta luta, tanta dúvida, perguntas ansiosas, respostas que nos deixam perplexos, necessidade de recalcar os instintos, e quando, enfim, a gente tem, à custa de dor, construído um universo que não existe e criado uma alma que não tinha, está cansada, velha, exausta, e é forçoso deixá-la!

\*

A certa altura da vida tive a impressão de que me despenhara num mundo de espectros. A face humana meteu-me medo pelo que nela descobria de repulsivo e de grotesco. Fugi para poder viver; tudo me soava a falso e me parecia inútil. Paz e uma árvore. Vamos ser, disseste, como aqueles náufragos da jangada, que vi numa estampa, agarrados um ao outro, entre o mar encapelado. Estamos nas mãos duma coisa desconforme e frenética que nos dá a ilusão e a morte. Deixemo-nos levar, que isto dura pouco. E, daí, não sei... Muitas vezes tenho perguntado se seríamos mais felizes noutra existência calma. Supõe a eternidade imutável no céu imutável, e talvez tivéssemos saudade da dor...

Mas tudo isto, no fundo, bem no fundo, era egoísmo. Não compreendia a vida. À própria natureza preferia em cenário. E o que eu não queria era ver a outra coisa enorme – a outra coisa esplêndida que é a Vida. O que eu não queria era ver...

Fugimos para a aldeia... A nossa casa fica a meia encosta da colina. Por trás, o mar verde dos pinheiros, em frente, os montes solitários. Este cantinho rústico criei-o eu palmo a palmo. Tudo isto foi pedra e uma árvore contemporânea da fundação da Monarquia. O carvalho centenário cobria todo o eido. Era enorme, era prodigioso. No tronco, que nem seis homens podiam abranger, tinham os bichos as luras e seu hálito sentia-se ao longe. Logo que o vi, fiquei apaixonado. – Vamos viver juntos, vou envelhecer ao pé de ti. – Nós não ouvimos as árvores, mas a sua alma comunica sempre

conosco: sua força benigna toca-nos e penetra-nos...

Construí a casa, plantei as árvores, minei as águas. Absorvi-me. Uma pedra basta, basta-me um tronco carcomido... Este tipo esgalgado e seco, já ruço, que dorme nas eiras ou sonha acordado pelos caminhos, sou eu. Sou eu que gesticulo e falo alto sozinho, envolto na nuvem que me envolve e impregna. Que força me guia e impele até à morte?

Tenho apanhado sol em todas estas eiras. Nunca me farto de ver as grandes pedras veneráveis, nem de falar com jornaleiros, cavadores e pedreiros, que não ganham para comer, porque as mulheres têm filhos às ninhadas como os ratos. Refiro-me principalmente aos pedreiros – geração formidável que há. séculos vem rachando a alvenaria para edificar a casa, erguer os socalcos e lajear as eiras. São homens só ossatura e pele, que na mesma cantilena – ou pedra – ou – oupa – lá – têm erguido as cabanas de todos estes arredores. É o Torto, o Carvalhoa, o Bernardino, quase todos da mesma família, alguns velhos de poucas falas, e os filhos, que vão sucedendo aos pais no mesmo «mister» de cortar a laje e a afeiçoar a pico e cinzel, sempre cantando e trabalhando – ou pedra – ou – oupa – lá – para no fim da vida acabarem de fome.

O que aqui conserva um carácter eterno são as árvores, os montes e o trabalho no campo e nas eiras, que à força de ser transmitido – sempre os mesmos gestos – adquiriu uma beleza extraordinária, entranhada até ao âmago, nos vivos e nos mortos.

A cantiga gutural do rapaz do gado vem do princípio do Mundo, quando os homens primitivos não sabiam ainda falar. A atitude da moça que ergue um molho de erva, o bater dos manguais na eiras, o movimento dos homens que lavram a terra nas vessadas tudo isto é a repetição textual de outros gestos já desfeitos em pó. O lagar dos cabaneiros é o mesmo que vi nos muros de Pompeia, e o feitor, como o feitor romano, marca no vime, com um corte de navalha, os almudes de vinho que saem para a baça. Tenho pena de não poder trazer para aqui o velho moinho do regato; a eira escavada num pedregulho do Arco – a venerável laje inteiriça onde durante tantas gerações os de Martim secaram o pão para se manterem; a terra batida, com uma mão de bosta, com que muitos lavradores acrescentam o lajedo; o lar enegrecido, a caixa, os potes, e a resignação cristã da vida só com os montes e as estrelas.

E mais ainda, melhor ainda, a solidão tremenda e as noites de temporal desfeito, entre as lajes desmedidas... O vento clama, revolve e abana as pedras... Toda a noite sonhei que ia levado na lufada negra como o negrume, entre as folhas de oiro da tília e as folhas tintas das vides. O Inverno chega-nos para mais perto da morte. Tocamos-lhe. O inverno, com a sua voz clamorosa e as noites plangentes, é a mais bela estação do ano: contém em si todas as primaveras. Quatro paredes, uma luzinha, e à volta o imenso desabar de lágrimas... O que eu queria reconstruir neste papel gelado os primeiros dias de Inverno e de sol! Névoa, depois oiro, e as árvores dum oiro desmaiado. Não lhe mexam, não lhe toquem, neste dia quieto e doirado, azul e doirado, adormecido e doirado! Pelo chão andam restos das eiras e das folhas. As vinhas ficaram cor de mosto, os pessegueiros cor de sangue e o último vestido da figueira é dum verde já passado — cor da moda — que lhe fica a matar. Reluz a primeira estrela, e entre as hastes dos pinheiros há tintas convencionais que só os pintores encontram para os quadros. Ali na eira malham. É o caseiro, a mulher e o moço. Ouve-se o bater dos panos sacudindo a pojeira, que sobe ao ar e apanha ainda alguma luz. Vai. nascer a lua trás os montes — sufoco de emoção...

\*

Fugimos para longe, e passámos as noites, as infinitas noites de Inverno em que chove sempre, à beira do lume, eu calado a escrever, tu calada a olhar para mim. Solidão tão pesada que eu distinguia o remexer dos bichos inteiriçados de frio, que vivem nos buracos das paredes e que se revolviam no fundo dos ninhos, para caírem logo no torpor invernal – e o caminhar da raiz da árvore que plantei e que sob o chão teima em se aproximar de nós. Foi nesse silêncio que a minha alma se criou. Foi esse silêncio que nos uniu indestrutivelmente. No corredor escuro onde entrei e onde tacteei como um cego, fazendo alguns riscos a carvão nas paredes, encontrei a tua mão que me ampara e nunca mais a larguei. Aprendi que há outras existências, as dos humildes, maiores que a nossa. E vi Deus.

Qual é a força extraordinária que possuis? – pergunto muitas vezes a mim mesmo. Dois ou três princípios cristãos inabaláveis – e por trás milhares de seres que desapareceram ignorados, cumprindo a vida ignorada. Nem sequer se debateram. Entregaram-se. Confiaram. A mulher portuguesa comunica ao lar a ternura com que os pássaros aquecem o ninho. Sua vida dá luz, para alumiar os outros. Foi assim, com tão pequenos meios, que me ensinaste. Com uma palavra e mais nada, com um simples olhar, com silêncio e mais nada. Uma atitude fazia-me pensar. E mal sabes tu que, quando os teus dedos ágeis trabalhavam a meu lado, teciam ao mesmo tempo o pano grosso de casa e a nossa vida espiritual.

E como tu milhares de seres têm cumprido a vida em silêncio, aceitando-a sem exageros. Nas mãos das mulheres até as coisas vulgares que se fazem na aldeia – cozer o pão, lançar a teia – assumem um carácter sagrado. Elas passam desconhecidas e dispõem dum poder extraordinário. Mantêm a vida ordenada com um sorriso tímido. A mulher está mais perto que nós da Natureza e de Deus.

Cada vez me aproximo mais de ti. O que há de puro em mim a ti o devo. És limpidez e ternura.

Eu exagero sempre a dor, tu nunca te queixas. Andas nas pontas dos pés. Mal respiras: – e estás sempre presente. Tens uma capacidade para a dor que eu não possuo.

Tudo em ti se faz naturalmente, tão naturalmente que ninguém dá por isso. A tua bondade não é um esforço. E é-te tão fácil partilhar a desgraça e as penas dos que se aproximam de ti!... Ninguém te vê e fazes-te sentir em toda a casa. Aquece-la. Estás em toda a parte, e ao mesmo tempo a meu lado. És como o ar que respiro.

Qual é a fonte escondida da tua vida, só o sei agora. Nunca pensas em ti – pensas sempre nos outros, ocupada num dever a cumprir, não como dever, mas como instintiva compreensão da Vida.

Já uma vez te propus matarmo-nos ambos, para penetrarmos mais depressa noutra mundo que adivinho esplêndido. Matarmo-nos não por horror à vida, mas por amor a vida. A outra vida maior. E não só por isso: – para ver a tua alma na sua completa nudez.

Nas caladas noites de Inverno, quando despego o olhar dos papéis, encontro sempre os teus olhos, que me envolvem de ternura. Isto é quase nada – e revolve o mundo. É saudade, e a vida que passa e a morte que se aproxima, enquanto o tronco arde no lume, o pinheiro estala ou o carvalho amorroa. De fora vem o hálito da floresta e das águas. Mais silêncio... Surpreendo-te então a repetir o meu pensamento, ou é o teu que me acode ao mesmo tempo. Não fales! Outra figura transparece atrás da tua figura.

Nesse momento até o lume parece encantado e ficas tão linda que antevejo a vida misteriosa que me fascina e deslumbra. Isto só dura um segundo. Mas basta às vezes que sorrias e é a tua alma que sorri, basta às vezes que não fales e é a tua alma que me fala! Nesse momento somos um ser: eu sou tu, tu és eu; tu sorris, eu sorrio... Então cai sobre nós o silêncio – e eu descubro o que só nos é dado ver depois da morte, a amplidão das almas, seu poder magnético e, num deslumbramento, ao lado da existência pueril, a imensidade do universo e o infinito que nos rodeia e de que perdemos a sensação pelo hábito. A casa, que tem raízes de granito, voga no éter, arrastada num turbilhão que me mete medo... Alguém nos vai bater à porta... Alguém se aproxima pouco e pouco num cerco que se aperta e em passos tão leves que mal se ouvem... Rodeia-nos o silêncio vivo, alma do mundo, o silêncio que é talvez o que eu mais amo na aldeia, este silêncio perfumado que envolve a nossa casa na solidão tremenda da noite: mais perto de mim arfa alguma coisa de religioso e profundo: – sinto a Vida e a Morte. Sinto-as enquanto a última brasa se apaga e as tuas mãos se agarram às minhas mãos de velho.

## O MEU DIÁRIO

4 de Outubro de 1910

Mataram o dr. Bombarda. Espalha-se na cidade que foram os padres que instigaram um tenente a assassiná-lo. É falso, mas há correrias no Rossio e o *Portugal* foi apedrejado. Toda a gente acredita num crime planeado, toda a gente se insurge contra o facto brutal – toda a cidade republicana se transforma num vulcão. No Rossio juntam-se grupos de gente taciturna e desesperada: – Mataram-no! mataram-no! – ouve-se. A uma hora da noite o Machado Santos, à frente dum bando de populares, atira-se ao portão de Infantaria 16.

\*

De manhã até às quatro horas ouço o canhão e descargas de fuzilaria. O meu bairro tranquilo: um vizinho sacha as suas couves com indiferença. As lojas fecharam. Ajuntam-se grupos pelas esquinas. De segundo em segundo a artilharia troa. Saio. No Chiado encontro o Alpoim:

– A minha convicção é que os revolucionários perdem, mas a Monarquia não se salva. Como resistir ao sangue, aos ódios e aos julgamentos que hão-de ser fatalmente o processo dos últimos reinados?

E com um sorriso irónico conclui:

– Esta tarde o rei sai para a rua à frente duma brigada...

\*

Alguém que estive de manhã na Rotunda afirma que os revolucionários não passam de quinhentos. Entre eles populares esfarrapados, galegos e mulheres da feira de Agosto.<sup>1</sup> Algumas davam beijos aos soldados, que as sacudiam:

– Deixa-me, isso não é para aqui.

Um homem descalço empunhava uma grande espada, dando ordens:

– Estamos à espera da artilharia de Queluz.

\*

Consta que o almirante Cândido dos Reis se suicidou; consta que mataram o comandante da Guarda, o que é falso. Quem assassinaram foi um oficial e o comandante do 16. «Despachámo-los», segundo a frase cruel dum popular no *País*.

\*

A Marinha está com os revolucionários. Agora, três e meia da tarde, cessam de todo as descargas para recomeçarem com violência às quatro e meia. Às seis horas um cruzador abre o fogo contra o Arsenal e o Terreiro do Paço. Está um céu de labaredas.

---

<sup>1</sup> V., sr. redactor, sabe que na Rotunda estiveram combatendo muitos galegos e que foi um que desde o primeiro momento se pôs a sua disposição, saindo com v. do Centro de Santa Isabel; este galego é José Amoedo, chefe do grupo Lix.

(*Intransigente*, 12 de Abril)

Outro vaso de guerra desce o rio e coloca-se em frente das Necessidades.

Às dez e meia da noite sei mais notícias: os navios bombardearam o Paço; as tropas fiéis à Monarquia estão encurraladas no Rossio. E o Maximiliano de Azevedo conta-me:

– Já da outra vez quem comandava tudo era o Cândido dos Reis, que me disse: «Não dei o sinal a vinte e oito de Janeiro porque não mataram o João Franco. Tinha duas esperas, mas os bandos não se colocaram a distância a que se avistassem, e o ditador escapou. Eu estava à beira-rio, pronto a dar o sinal à Armada, e via as lanchas carregadas de munições – cuja existência o Governo desconhecia – deslizarem no escuro para bordo.»

## 5 de Outubro

Toda a noite ouço o estampido brutal do canhão, que por vezes chega ao auge, para depois cair sobre a cidade um silencio mortal, um silêncio pior. Que se passa? Distingo o assobio das granadas, e de quando em quando um despedaçar de beiral que cai à rua. E isto dura até à madrugada. De manhã as tropas do Rossio rendem-se e os marinheiros desembarcam na Alfândega. Às oito e meia está proclamada a República. Passa aqui na Rua de S. Mamede um resto de Caçadores 5, soldados exaustos, entre populares que os aclamam.

O rei fugiu. Um genro do Cayola, oficial de Infantaria 16, contou ao Maximiliano: Acompanharam-no no parque das Necessidades o Sabugosa, o Faial, o Tarouca e o Ravara. Um deles dizia-lhe: – Vossa Majestade já fez o que tinha a fazer. – O rei estava lívido e num gesto maquinal tirava e metia os anéis nos dedos.

Um farmacêutico da Ericeira assegura que o viu chegar a Mafra dentro dum automóvel. O D. Afonso embarcou no Estoril, mostrando aos que o acompanharam até ao fim uma carteira com duzentos mil réis. – o que levo... – A D. Amélia partiu também de Sintra para Mafra. Tinha-se espalhado entre o povo que fora a rainha quem mandara assassinar o dr. Bombarda. Se a apanham matam-na.

\*

*A República Portuguesa*, nº22, de 3 de Novembro de 1910, publica o seguinte:

Na noite de 2 de Novembro de 1910, portanto a menos dum mês da Revolução de 5 de Outubro, estive na redacção da *República Portuguesa*, acompanhado pelo filho de Miguei Bombarda, o alferes Celestino Soares. A sala estava cheia de redactores e amigos do jornal, mas, entre os que lá se encontravam, só nos recordamos de dois:

Manuel Bravo, um dos directores, e F. Pulido Valente, que se prestou amavelmente a tomar nota do depoimento que segue:

Ao romper da manhã do dia 4, estavam no quartel de Infantaria 16 as praças que não tinham ido para a Rotunda, talvez cem homens. Um forte grupo de populares desarmados – talvez quatrocentos – dirigiu-se à porta do quartel a pedir armas e munições.

Duma janela, o alferes Celestino Soares explicou ao povo que no quartel havia escassamente as armas e o municionamento das praças que lá tinham ficado e aconselhou-o a dispersar.

Pelo meio-dia recebeu-se a ordem do quartel-general para que a força disponível do 16 marchasse para as Necessidades. Nessa ocasião defendia o paço a guarda de Infantaria 2, dividida em quatro secções. A 1ª, pastada em frente do palácio, era comandada por um capitão e pelo alferes Leite; a 2ª, no picadeiro; a 3ª, na porta do convento; a 4ª, no pátio do Rilvas, Caçadores 2 tomava com metralhadoras as embocaduras das ruas. O contingente de Infantaria

16, mal chegado, formou com o primeiro troço de Infantaria 2, com a frente para o palácio, e imediatamente rompeu sobre eles vi o fogo do quartel dos marinheiros. Então Infantaria 16 retira para a tapada das Necessidades e os homens deitam-se no chão, por trás dum terraço ao abrigo do fogo.

Nesta altura subia a tapada o ajudante de campo Velez Caldeira, dizendo que ia falar ao rei, e o alferes Celestino Soares acompanhou-o. Já se estava fazendo o bombardeamento do paço e o rei Manuel tinha abandonado o edificio. Velez Caldeira e Celestino Soares encontraram-no à porta do picadeiro, de pé, junto a uma cadeira, muito pálido, tirando e pondo com a mão direita dois anéis da mão esquerda. Próximo dele e a cavalo, estava o tenente da municipal Raul de Meneses. Estavam também presentes o marquês do Faial, conde de Sabugosa, dr. Ravara Waddington e Lavradio.

O rei, dirigindo-se ao alferes Celestino Soares perguntou-lhe qual era a sua impressão pessoal sobre as condições de defesa do paço, sendo-lhe respondido que não poderia resistir a um ataque violento. «Então parece-lhe que isto está mal?» «Parece-me que não podemos resistir eficazmente.» O conde Tarouca exclama: «Não quer dizer nada! Mandam-se vir mais tropas fiéis.» Alferes Celestino Soares: «Donde?» Tarouca: «Infantaria 2...» Alferes Soares: «Infantaria 2, com «a baterias de Queluz, tenta neste momento um ataque envolvente à Rotunda.» Tarouca: «E o resto?» Alferes Soares: «Estão guardando os bancos, o Arsenal do Exército, etc...»

O rei ouve calado e de olhos no chão. De súbito, volta-se para Raul de Meneses e pergunta. «V. responsabiliza-se pela minha vida?» Ao que este responde: «Enquanto for vivo, não tocarão em V. M. Mas um morto não pode responder por ninguém.»

Do lado gritavam ao rei: «Ouve, ouve? V. M. já cumpriu o seu dever. Agora seria temeridade ficar. Saiamos enquanto é tempo.»

O rei volta-se então para o alferes Celestino Soares, a quem trata pela primeira vez por tu, e diz-lhe:

– Vai ao telefone e diz-me já ao presidente do conselho que, se estiver algum *destroyer* inglês no Tejo, lhe mande dizer que meta no fundo os navios portugueses.

O alferes Soares vai ao telefone, colocado no quarto do comandante do posto do picadeiro, manda limar para o aspirante alferes Leite no posto principal da guarda de Infantaria 2 e diz-lhe textualmente: «Diz el-rei que o presidente do conselho já tem ordem para, se estiver no Tejo algum *destroyer* inglês, meter no fundo os barcos portugueses.»

O aspirante Leite responde:

– Bem, fico sabendo.

O sr. Celestino Soares volta para junto do rei e comunica-lhe:

«Acabo de cumprir as ordens de V. M.» Depois cavalgou o muro para vigiar os arredores e, como tudo estivesse tranquilo, o rei e a comitiva subiram uma escada, passaram para a quinta pegada ao palácio, onde se estava construindo, diz-se, a futura residência da rainha Amélia, por aí foram até ao automóvel.

O último a sair foi o dr. Ravara, que perguntou, ao alferes: «Você fica?» Ao que este respondeu: «Que hei-de fazer?!»

À noite, estando os oficiais reunidos, o alferes Celestino Soares comunicou ao comandante da primeira brigada de infantaria, Brito e Abreu, sob cujas ordens estava a guarnição do paço, a ordem que o rei lhe dera e como, ele a não cumprira. Brito e Abreu diz-lhe:

– Se v. quiser transmitir essa ordem ao presidente do conselho, transmita-a. Eu recuso-me terminantemente a isso.

E ninguém a cumpriu.

\*

Os jornais dizem em grandes letras:

– É falso que o almirante Cândido dos Reis morresse.

O *Século* (quarta-feira, 5 de Outubro) publica à última hora em normando:

## A proclamação da República

À 8,30 da manhã passava pela Rua do Ouro, em triunfo, a artilharia, que erra delirantemente ovacionada pelo povo.

As ruas acham-se repletas de gente, que se abraça. O jubilo é indescritível!

A essa hora, no castelo de S. Jorge, que tinha a bandeira azul e branca, foi içada a bandeira republicana.

O povo dirigiu-se para a Câmara Municipal, dando muitos vivas à REPÚBLICA, içando também a bandeira republicana.

*O povo em massa dirigiu-se aos quartéis dos Paulistas, Carmo e Rua da Estrela, onde foram içadas as bandeiras brancas, dando vivas à república e à pátria, que eram correspondidos entusiasticamente pelos soldados. Às 8,20 as forças que estavam no Rossio entregaram-se, aclamando-as o povo com delírio. À hora a que escrevemos, os navios estão salvando à bandeira republicana. O «S. Paulo» salvou igualmente.*

Vê-se muita gente no Castelo de S. Jorge acenando com lenços para o povo que anda na baixa. Os membros do directório foram às 8,40 para a Câmara Municipal, onde proclamaram a República com as aclamações entusiásticas do povo.

O governo provisório consta será assim constituído: presidente, Teófilo Braga; interior, António José de Almeida; guerra, coronel Barreto; marinha, Azevedo Gomes; obras públicas, António Luís Gomes, fazenda, Basílio Teles; justiça, Afonso Costa; estrangeiros, Bernardino Machado.

Governador civil, Eusébio Leão.

Em quase todos os edificios públicos estão tremulando bandeiras republicanas. A polícia faz causa comum com o povo, que percorre as ruas conduzindo bandeiras e dando vivas à República.

\*

As paredes amanhecem forradas de editais:

## **EDITAL**

ANTÓNIO DO CARVALHAL DA SILVEIRA TELES DE CARVALHO,  
General Comandante da 1ª Divisão Militar e da cidade de Lisboa.

Faço saber que está proclamada a Republica tanto na capital como noutras localidades do país, e que reina a ordem mais completa. A nobre attitude do povo revolucionário tem protegido tanto quanto é possível nestas occasiões os haveres e a vida dos moradores de Lisboa. É de esperar, portanto, que o comércio desta capital corresponda a esta attitude levantada do povo lisbonense, abrindo os seus estabelecimentos, principalmente os de viveres, que tão indispensáveis são à população, e que terão de ser abertos pela força militar se até às 3 horas o não forem espontaneamente pelos respectivos proprietários.

Os estabelecimentos de bebidas alcoólicas, cafés e casas de pasto fecharão às 8 horas da noite.

O governo da cidade continua provisoriamente entregue à autoridade militar.

## **Ao Exército e à Marinha**

*O Governo Provisório da Republica Portuguesa saúda as forças de terra e mar que com o povo instituíram a Republica para felicidade da Pátria.*

*Confia no patriotismo de todos. E porque a Republica para todos é feita, espera que os oficiais do exército e da armada, que não tomaram parte no movimento revolucionário, se apresentem no Quartel General a garantir pela sua honra a mais absoluta lealdade ao novo regimen.*

*No entretanto, os revolucionários devem guardar todas as suas posições para defesa e consolidação da República.*

Lisboa, 5 d'Outubro de 1910.

### **PELO GOVERNO PROVISÓRIO**

## **O Presidente, TEÓFILO BRAGA**

6 de Outubro

Andam bandos pelas ruas. Alguns esfarrapados guardam os bancos de clavina ao ombro. Toda a gente aceita o facto consumado. O comandante da Guarda Municipal submeteu-se. Aderiu a Polícia. Ressano Garcia aderiu. Já há Governo Provisório: Presidência, dr. Teófilo Braga. Interior, dr. António José de Almeida. Justiça, dr. Afonso tosta. Fazenda, Basílio Teles, Guerra, António Correia Barreto. Marinha, Amaro Justiniano de Azevedo Gomes. Estrangeiros, dr. Bernardino Luís Machado Guimarães. Obras Públicas, dr. António Luís Gomes.<sup>2</sup>

Hoje (7) passam no Chiado grupos de pistola: – Viva a República! – farrapos de tropas comandados por tenentes; soldados a cavalo entre magotes de povo; mulheres num carro com a cruz vermelha no braço e clavina em punho.

– Viva a República! Entusiasmo, bandeiras hasteadas, exclamações, palavras, gritos, e aqui e ali alguns padres entre escoltas a caminho da prisão.

\*

A revolução esteve perdida. Houve um momento tão duvidoso que Cândido dos Reis se suicidou. Alguns oficiais fugiram. Pior: a casa donde saíram as ordens e onde estavam o Chagas, o António José de Almeida, o Eusébio Leão, foi investida: saíram pelas traseiras e nunca mais se puderam encontrar. Foi então que Cândido dos Reis

---

<sup>2</sup> A Comissão de Resistência da Maçonaria deixou ao Directório a escolha das pessoas que deviam constituir o Governo da República e desistiu de lançar a sua proclamação ao País, que tinha sido redigida por Guerra Junqueiro e José Pereira de Sampaio (Bruno).

O Directório escolheu para o Governo Provisório 3 dos membros da Comissão de Resistência: António José de Almeida, Miguel Bombarda e Carlos Cândido dos Reis.

*O plano dos amigos.* Machado dos Santos, *Intransigente*, 20 de Março de 1911.

disse consigo: – Vou acabar a noite numa esquadra. Prefiro morrer.

Ao que José Relvas acrescenta:

– Aí têm porque o Cândido dos Reis se matou: – não lhe apareceram os oficiais com quem contava. Na última reunião na Rua da Esperança, muitos foram de opinião que não viéssemos para a rua. Ele insistiu e, por fim: – Bem sei o que tenho a fazer...

\*

Mais editais nas esquinas:

# REPÚBLICA PORTUGUESA

**Pátria e Liberdade**

---

Governo Civil de Lisboa

**AO POVO**

*Ordem e trabalho é a divisa da Pátria libertada pela Republica.*

*A todos os cidadãos de Lisboa se pede que sejam os primeiros a manter a tranquilidade publica.*

*Respeito pelas pessoas e propriedades dos estrangeiros, respeito pelas pessoas e pelas propriedades dos portugueses sejam quais forem as suas classes, profissões e opiniões políticas ou religiosas.*

O governador civil

*EUSÉBIO LEÃO*

**REPÚBLICA PORTUGUESA**  
**PÁTRIA E LIBERDADE**

---

**EDITAL**

Previne-se o publico contra boatos malévolos sobre a existência de frades em casas particulares.

A casa do cidadão é inviolável. Ninguém «sem autorização especial» pode forçar o domicílio de quem quer que seja.

A contravenção deste preceito será rigorosamente punida.

As autoridades competentes estão procedendo com segurança e energia para resolver a questão religiosa.

Lisboa, 9 de Outubro de 1910.

O Governador Civil,

*F. Eusébio Leão*

\*

Continua a caça aos padres. Todas as noites tem havido tiroteio nos conventos.

\*

### TELEGRAMA DE GUERRA JUNQUEIRO

Ao Governo Provisório da República Portuguesa. – Lisboa – Saúdo na República a libertação magnânima e sublime do grande povo português. Um bando de heróis extraordinários remiu-nos a todos do cativeiro. A alma da pátria desabrocha vitoriosamente em flor de luz, em flor de ideal. Glória eterna aos vencedores, paz e perdão para os vencidos. Confrangem-me a alma tantas desgraças e tanto sangue derramado. Mas, entre as mortes, há uma, a de Cândido dos Reis, que me banha de lágrimas ardentes, que me atravessa de dor o coração. Pavoroso destino o dessa figura augusta, uma das mais altas e nobres que conheci sobre a terra! Esperemos agora que a República seja sinónimo de ordem e de harmonia, de inteligência e de trabalho, de amor e de justiça, de liberdade e de beleza, para que a história de Portugal esplenda no mundo novamente.

Viva a pátria republicana! Viva Lisboa, a cidade heróica! – a) Guerra Junqueiro.

\*

Edital do Governo Provisório:

## AO POVO DE LISBOA

A atitude do povo tem sido admirável de serenidade e cordura. Após o acto revolucionário, em que ele foi de uma bravura antiga, sucedeu-se o entusiasmo da vitória, em que ele se tem comportado como um triunfador generoso, que fez da nobreza de sentimentos o mais belo padrão da sua glória legendária.

Mas é preciso regressar ao trabalho fecundo, que será, com uma moralidade severa, a base da nossa regeneração.

Por isso o Governo Provisório convida todos os grupos revolucionários e forças populares não militarizadas a entregarem as suas armas às comissões paroquiais.

As adesões militares que de todas as partes do país chegam, a cada momento, ao Governo da República garantem de uma maneira categórica as novas instituições. Hoje não pode haver veleidades nem desvairadas esperanças por parte de um regime que vergonhosamente liquidou numa derrota moral, que mais humilhante tornou a tremenda lição que sofreu por parte das armas republicanas. Não, há, pois, motivo para que os cidadãos conservem em seu poder as armas de que tão heroicamente se serviram. Antes é urgente que elas recolham a um depósito, onde, catalogadas, fiquem prestes a ser tomadas pelo braço popular, se algum dia houver risco para a Pátria ou para a Liberdade.

O Governo Provisório da República Portuguesa confia no bom senso do povo, no seu patriotismo e na sua dedicação à República.

Por isso o exorta a que continue a ser generoso e cordato, a que respeite a vida e a fazenda alheias, a que não persiga ninguém, a que dê enfim mais um alto e nobre exemplo da sua rara envergadura moral.

O momento da guerra vai passando. Entramos agora num período de paz laboriosa, para, de harmonia com todos os portugueses, fundarmos o regime da liberdade, pelo qual tanto sangue correu, tanto martírio foi sofrido e tanta esperança foi frustrada.

Cidadãos! O futuro da Pátria está nas vossas mãos. Não o zelar com o carinho que lhe devemos seria mais que perdê-lo, porque seria desonrá-lo. Ergamo-lo bem alto para que de todas as partes do Mundo ele seja visto, e os países civilizados possam dizer, referindo-se a Portugal: eis um povo antigo pelas tradições heróicas, mas que pela serenidade, peio amor ao trabalho e pela dignidade cívica é tão moderno que vai na dianteira de todos os povos.

Lisboa, 7 de Outubro de 1910.

*O Governo Provisório da República.*

9 de Outubro

Esta tarde procurei o José de Azevedo no Pátio, do Pimenta. Estava lívido.

– Meus filhos disseram-me que me procuravam para me matar. Escrevi logo ao António José de Almeida dizendo-lhe onde me encontrava.

– Os senhores sabiam da revolução?

– Sabíamos, mas o Teixeira de Sousa dizia que tinha tudo arranjado.

– Sabe o que se diz para aí? Diz-se que o Teixeira de Sousa estava feito com os republicanos. Estaria?...

Um momento de hesitação e depois estas palavras textuais:

– Parece-me que não.

E continua:

– Eu estive até ao fim no quartel-general, e vim a pé para casa depois de tudo acabado. Já não pude passar e fui bater à porta dum amigo (talvez do Centeno). Oh, nunca vi tanta inépcia e tanta desordem na minha vida! Eu bem lhes dizia: – «Senhores, saiamos daqui, vamos para qualquer parte, vamos para a serra de Monsanto...» – Aquilo não tinha nexo!

– Traidores?

– Incompetentes. Se os da Rotunda e os do Rossio se sentam em cadeiras e esperam três dias, ao fim de três dias a República estava proclamada. Quem decidiu por fim a contenda foi o tenente-coronel de Infantaria 5, que reuniu os oficiais e disse alto e bom som: – «Acabemos com isto, escusamos de nos estar aqui a massacrar.» – Estas palavras desmoralizaram todos Os outros.

– E o rei? – pergunto.

– É um pateta, mas a rainha não, é uma mulher inteligente e séria... Agora isto que se fez vem a dar na mesma; é uma república onde entra toda a monarquia. Enquanto se tratar de casas religiosas, política e palavras, tudo corre bem, mas nas coisas essenciais não mudamos, verás... Uma revolução que atirasse com o excesso de funcionalismo à rua e que reformasse o Exército, que nos leva 11.000 contos, ainda faria alguma coisa, mas eles têm de acolher toda a gente e de contar com o Exército.

– E a Monarquia?

– Morreu para sempre. O único perigo é a Espanha... Dias antes da revolução leram-se em conselho de ministros três decretos que, se chegam a ir à assinatura, a apressariam em vez de a conter, porque o rei decerto se recusava a assiná-los.

– Um deles era a expulsão dos jesuítas?

Acena com a cabeça que sim e conclui:

– A República de 93 saiu do sangue, derrubou e construiu, a do Brasil encontrou diante de si um país novo, mas nós! nós!... Vai ser a mesma coisa, verás!

\*

O Teixeira de Sousa continua a ser muito discutido. Um político monárquico assevera:

– Não, o Teixeira de Sousa não traiu; o que ele não quis foi incorrer nos ódios. Podia ter prendido o Afonso Costa e o António José de Almeida. Limitou-se a prevenir o rei e a Corte e não os prendeu para não andar a monte, caso os republicanos vencessem. No Quartel-General informaram-no: «Os soldados dispararam as metralhadoras para o ar.» Ao que ele respondeu: «Então isto ainda está mais sério do que o que eu pensava!» E foi para casa.

\*

E hoje encontro um republicano famoso que me diz:

Se não fosse o governo Teixeira de Sousa, nunca tínhamos podido fazer a revolução. Com Venceslau e o Campos Henriques nada pudemos tentar. Andávamos desanimados.

\*

Oh, meu Deus; nestas ocasiões é que eu queria ver por dentro estes homens lívidos e com um sorriso estampado na

cara, que sobem as escadas dos ministérios para aderirem à República! É este e aquele, os que estão ameaçados de perderem os seus Lugares, as altas situações, o Poder. Os tipos não importam – o que importa é o fantasma que transparece atrás da figura; o que importa é o monólogo interior, as verdadeiras palavras que não se pronunciam, o debate que não tem fim, o que nestas ocasiões de crise ruge lá dentro sem cessar. Escutá-los a todos! possuir o dom mágico de ouvir através das paredes e dos corpos!... Toda a noite, toda a noite de Cinco de Outubro, quantos perguntaram, ansiosos:

Quem vai vencer? onde é o meu lugar?... Bem me importam a mim as tragédias e as mortes!... Interesses, ambição, medo, tantos fantasmas que nem eu supunha existirem e que levantam a cabeça!

Não há nada que chegue a estes momentos históricos em que o fundo dos fundos se agita e remexe, para cada um se avaliar e saber o que vale uma alma...

E o desfile segue – o desfile dos tipos que sabem as escadarias dos ministérios, dos que descem as escadarias dos ministérios, uns já com o olhar de donos, mas vacilantes ainda, sem poderem acreditar na realidade, outros com um sorriso estampado que lhes dói. Estamos todos lívidos por fora e por dentro...

## OUTUBRO

*A Palavra* publica o seguinte protesto:

### UMA INFÂMIA

Jornais de Lisboa, Porto e províncias continuam a afirmar que algumas das religiosas capturadas nos últimos dias na capital se tornaram mães já depois de presas.

É uma refalsada mentira e uma crueldade sem nome. Senhoras das mais dignas e santas, que se dedicam a tratar enfermos, educar meninas, valer a pobres, famintos e velhos, são assim enxovalhadas e caluniadas!

E como *A Palavra* toma a responsabilidade das suas afirmações, DESAFIA quem quer que seja a demonstrar que alguma senhora, pertencente a qualquer ordem religiosa, cometera essa falta.

Citem nomes e provem o que afirmam.

(De *A Palavra*, 12 de Outubro de 1910.)

\*

Do Governo Civil de Lisboa eram dadas aos repórteres informações como esta:

Acabam de nos dizer que foram enviadas para o hospital cinco irmãs de caridade no seu estado interessante e três que já tiveram o seu bom-sucesso.

(*Imparcial*, 8 de Outubro de 1910.)

Alguns marinheiros traziam nas mãos falos de borracha que diziam ter encontrado nos conventos.

11 de Outubro

Foi um bambúrrio, diz-se. Mas não se esqueçam de que tudo estava preparado por dentro para esse bambúrrio. Convicções monárquicas não existiam, e a obra de demolição era extraordinária. Até no próprio *Dia*, num gabinete e quase nas barbas do Moreira de Almeida, se iniciava gente na Carbonária. No dia 5 os telegrafistas, ao receberem despachos do Governo, diziam invariavelmente: – As linhas estão cortadas. – O trabalho da Carbonária entre os soldados tinha sido persistente e oculto. Há muito que a Marinha era inteiramente republicana. – «Um dia – diz Simões Raposo – estive vai não vai para me meter dentro do *Adamastor*, sair a barra com as caldeiras apagadas e ir proclamar a República a Setúbal. O Sul era todo nosso.. Quantas vezes foi preciso conter a impaciência das guarnições dos navios, que estavam connosco, desde os grumetes aos oficiais!» – No Campo Entrincheirado nunca se previra a hipótese de bater o rio. Juntem a isto as causas fortuitas: a fuga do rei – a intervenção do ministro da Alemanha, com o seu automóvel de bandeira branca no mais aceso da luta, acudindo logo o povo ao Rossio aos gritos de viva a República – é a bomba, a dinamite, o fantasma da revolução.

Bastou o estrondo para desabar o trono. Os estragos são insignificantes, a cidade tem beliscaduras. O Rossio não está subvertido, como era de supor depois de uma noite de bombardeio. O quartel do Carmo, que passou por ter sido reduzido a cinzas, nem sequer foi arranhado. Na Avenida um casarão derrocado, meia dúzia de árvores feridas. Lá no alto um canteiro espezinhado. Junto à Penitenciária um muro velho com oliveiras velhas: foi dali que Paiva Couceiro, com a bateria de Queluz, arrombou a porta do quartel de artilharia e duas janelas de uma casa vizinha. Mais nada. Vamos às Necessidades: uma janela em estilhaços, beliscaduras na cal das paredes, os fios do telefone cortados, e um pedaço de mármore da torre levado por uma granada. Só isto?! Deço ao quartel dos marinheiros: as portas intactas, os vidros intactos. Anotem, se querem, um poste de eléctrico furado, duas tabuletas arrancadas, e eis todos os estragos da revolução. Foi o estrondo. Toda a tarde, toda a noite o canhão troou. E com o estrondo foram as consciências: o Crédito Predial, o Teixeira de Sousa, o espectáculo dos políticos.

«Tudo concorria – diz um jornalista – para tornar a derrota inevitável e o desastre tremendo. Havia a lutar contra esse poderosíssimo organismo que é, em toda a parte, o «estado de coisas», contra o exército, contra a municipal, e, vencidos os primeiros obstáculos, até contra a própria província, contra o estrangeiro. Homens sensatos e previdentes repeliram toda a ideia de êxito de uma tentativa. Pois foram os loucos que tiveram razão. Foram eles que venceram, contra o bom senso, contra o raciocínio, contra a lógica, contra tudo.

«Reflecta ainda nos incidentes da última hora. A insurreição devia ser iniciada por uma salva no Tejo, dada de bordo de um dos navios revoltosos. Ninguém a ouve, porque não foi possível dá-la. Regimentos com cujo concurso se contava – Lanceiros e Caçadores 2 – não aparecem. Os mais denodados desanimam. São um punhado de homens, apenas, os que seguem para o alto da Avenida, sem comando, sem apoio, sem notícias do que se passava no resto da cidade. Oficiais comprometidos no movimento retiram-se para casa e dão ordem de dispersar, convictos do malogro. Cândido dos Reis suicida-se para não sobreviver à derrota. Uma só companhia da Guarda Municipal, que se lançasse corajosamente sobre o acampamento, destroçaria completamente a insurreição. Essa companhia não aparece; a coroa de D. Manuel, pendente durante alguns minutos do gesto de cem ou duzentos homens decididos, cai da cabeça do último monarca porque esses duzentos homens, contra toda a lógica, não surgiram na hora própria.»

Bastou o estrondo, bastaram as consciências. A revolução foi menos contra o monarca do que contra os políticos. Em menos palavras di-lo o *Morning Post*:

«Toda a Europa se admirou da facilidade com que a monarquia foi aniquilada; mas a revolução foi menos uma afirmação de sentimentos republicanos do que um protesto contra os processos dos políticos com que a monarquia se identificara.»

Não foi preciso que os carbonários aparecessem. Quase todos faltaram (*Capital*. Carlos Amaro). Pouco foi necessário para a República se exteriorizar. Por isso Junqueiro diz:

– «Na Rotunda fez-se um milagre como em Lourdes. Em Lourdes é a fé que faz erguer os paralíticos, na Rotunda é o povo paralítico há séculos que se ergue por ter fé em Nossa Senhora da Liberdade ou da Pátria.»

## 23 de Outubro

No dia da revolução instaram com o José Luciano para que fugisse. Pedia-lho a mulher, as filhas, o conde de Monsaraz. E o velho teimoso respondia: – Aqui vivi, aqui hei-de ficar. Se me matarem, acabou-se. — O bando assaltou-lhe a casa com pistolas e machados clamando: –Matem o ladrão do Crédito Predial! Dêem cabo desse malandro! – A família meteu-o, não num cofre, como se diz, mas na casa de banho, com a mulher à porta: – Matem-me primeiro a mim – dizia ela. – Uma hesitação, novos gritos. E o velho teimava: –Servi o meu país, julguei sempre fazer bem e algumas vezes vali aos republicanos. – Foi nessa altura que interveio o António José, que o salvou: – Prendam-no, que é preciso julgá-lo!

Remexeram tudo, revolveram tudo, gavetas, jóias, armários. Não faltou um alfinete. Minto: levaram da cozinha duas galinhas já depenadas e em troca da libré rica e das botas do laçao deixaram-lhe um casaco velho e uns sapatos fedorentos.

\*

O Malaquias de Lemos, ex-comandante da Guarda, encontrou ontem uma senhora a quem estendeu a mão e que lha recusou com crueldade, dizendo:

– Pois há ainda quem lhe estenda a mão?

Mais tarde foi visitar o Arnoso.

– Venho conversar contigo sobre os acontecimentos.

E o Arnoso recebeu-o de pé sem uma palavra.

– Bem vêes, era um sacrificio inútil. Já me tinham morrido trinta homens.

E o Arnoso calado e impassível.  
– Vou-me embora, já vejo que não tens nada a dizer-me...  
– Tenho, tenho a dizer-te que esses trinta homens que tu dizes terem morrido eram os únicos homens de bem que havia na Guarda.

\*

Guerra Junqueiro diz ao *Imparcial* de Madrid o que pensa da revolução da República portuguesa:

Não sei se irei para Madrid como ministro da República. O Governo assim o quer e eu também o desejo; há, porém, um motivo raro eu hesitar: tenho doentes as minhas filhas. Eu amo a Espanha profundamente. Há nações mais civilizadas, mais interessantes, porém em nenhuma como Espanha eu me encontro tão bem. Atraem-me as virtudes dos seus filhos, a beleza das suas velhas cidades. Não decidi, porém, ainda ir, coma também não resolvi o contrário. O mais que lhe posso dizer é: que talvez vá.

Receio a vida de ostentação, a vida «oficial», não por sistema, mas por temperamento. Gosto de atravessar a Espanha como um desconhecido, sentindo o carinho dos espanhóis, que me estimam, sei-o bem, e me pagam generosamente o afecto que eu lhes dedico também. Eu no vosso país seria, mais do que tudo, um embaixador da alma portuguesa.

Em todos os partidos espanhóis há homens eminentes, de intensa cultura, de ampla inteligência, de alma forte. Canalejas é um grande cérebro. Pode falar-se com ele, porque compreende tudo. Eu poderia, pois, tratar com os políticos espanhóis, porque eles haveriam de entender a aceitar a minha diplomacia: eu falar-lhes-ia com simplicidade e clareza; apenas simples e claramente.

A minha missão consistiria, unidamente em manter e estreitar os laços que unem os dois povos ibéricos. Engana-se quem julga que pensamos aqui em expansão de ideias, em influências de régimen. De modo nenhum Portugal só quer conservar a sua República, afiançá-la, eternizá-la. Se intentássemos outra coisa procederíamos deslealmente e a minha missão, que só havia de ser de paz e amor, não teria razão de ser.

Dizem que há em Espanha um problema clerical. Pois esse problema tanto o resolveria eu aqui como lá. Não há doenças, há doentes. Não pode aplicar-se o mesmo remédio a todos os que têm o mesmo padecimento. Mesmo sem sairmos do próprio catolicismo encontramos soluções para tudo. Torquemada e S. Francisco de Assis viveram dentro do mesmo dogma.

Há uma lei da lógica que preside aos destinos dos povos e dos homens, e contra ela é inútil e insensato revoltarmo-nos. Portugal fez-se republicano porque a República estava já na sua alma e circulava nas suas veias. Crista morreu entre dois ladrões e da mesma morte que eles. Crista era puríssimo e eles eram infames. Crista tinha-se adiantado trinta séculos. Eles estavam ainda na primeira idade do mundo. E todos três morreram pelo mesmo motivo: por perturbadores, O sacrifício de Cristo foi abominável, mas foi lógico.

Veja como se fez a República Portuguesa. Vivíamos numa horrenda imoralidade. Este país era um corpo enfermo, tinha muitas células apodrecidas, agentes da morte, e algumas células sãs que lutavam contra elas, e muitíssimas células indiferentes dispostas a juntarem-se à morte ou à vida. Triunfaram as células sãs, e as indiferentes vieram em seu auxílio.

Fez-se o milagre da Rotunda. Milagre que eu comparo aos milagres de Lourdes. Ali vedes um paralítico erguer-se de repente: salvou-o a fé em Nossa Senhora de Lourdes. Aqui, um povo paralítico há trinta séculos, ergueu-se poderoso porque tinha fé em Nossa Senhora da Liberdade ou da Pátria.

Não obstante, o povo português, embora fora do cárcere, não está ainda livre. A liberdade não consiste em mover as pernas e os braços sem nada que os embarace, mas em possuir a consciência do dever e do direito. Para que este povo, que acaba de sair do cárcere, seja livre, terá de passar pelo cadinho de três ou quatro gerações.

Tenho fé na República. Creio que perdurará esta doce realidade dos nossos sonhos. O povo viveu sem viver durante muito tempo. Há doze anos que Portugal não dá ao mundo arte nem ciência, nem poesia... Os oprimidos não podiam sentir o fervor da inspiração. Os que

podiam senti-la, precisavam de gastar as suas forças na luta. Agora estamos em plena aurora, que anuncia o dia pleno. Há-de correr perigos a República, porém todos estão nela mesma, Se ela não for prosperidade, amor e justiça, nada será.

---

*Amigo redactor:* – Na minha conversa com o distinto correspondente do *Imparcial*, de Madrid, a quem agradeço as boas e generosas palavras que me dedicou, há ligeiros equívocos, dois dos quais preciso rectificar.

Declarei, não que o povo português, mas uma *grande parte* do povo português, já fora do cárcere, não estava ainda livre moralmente. Contudo, o povo de Lisboa afirmou, na revolução, a posse inteira da liberdade moral no grau mais alto, no estado soberano, que é o estado heróico. O idealismo fez-se carne, pelejou, venceu e traduziu-se em Direito. Lisboa é livre, porque foi magnanimamente libertadora.

Também não afirmei que há doze anos Portugal não dá ao mundo nem ciência, nem arte, nem poesia. Ciência não a dá pelas razões indicadas: forças intelectuais poderosas, ou abortaram, envenenando-se dentro da monarquia, ou se gastaram contra ela. A arte sucumbiu. Apenas raras figuras de excepção, como o genial Columbano ou o admirável Teixeira Lopes.

Mas a plêiade de poetas, ao contrário, é hoje verdadeiramente maravilhosa. Há muito que o génio lírico da raça os não produz tão belos e tão grandes. Para que hei-de citar Pascoaes, Correia de Oliveira, Afonso Lopes Vieira, Augusto Gil, Augusto Casimiro, Jaime Cortesão, Patricio e tantos outros? O que lhes falta é público. Portugal desconhece-os. A trovoada política abafou o canto dos rouxinóis. Agora vão ouvir-se. Lisboa, 23. Amigo obrigado – *Guerra Junqueiro*.

25 de Outubro

O Fuschini diz que é fora de toda a dúvida que havia no Paço um conselho áulico: D. Amélia, Venceslau de Lima, Figueiró e uma quarta pessoa, que resolviam Os assuntos antes de serem apresentados ao rei.

\*

Conta-se que D. Amélia tinha um diário, desde a sua entrada em Portugal, que foi apreendido.

27 de Outubro

Na botica do Chiado onde se costumam reunir vários republicanos amigos do dr. Camacho vê-se um letreiro na parede recomendando que não peçam empregos.

\*

Ontem à noite veio preso para Lisboa Homem Cristo. Andavam algumas pessoas no Rossio a aliciar gente para a espera.

\*

Lara Everard a um amigo:

– Não te disse no *Correio da Manhã* metade do que se passava em casa do

Teixeira de Sousa. Nunca vi coisa assim tão baixa, tão reles, tão grotesca!

\*

Durante o banquete dado ao Hermes da Fonseca, D. Manuel escreveu a lápis no *menu* ao Batalha de Freitas: «Façam abreviar isto.» O Teixeira de Sousa levantou-se da mesa e foi falar ao telefone, dizendo a alguém. – Não estou nada tranquilo. – Só o general Gorjão saboreou o seu café até à última gota, tanta confiança depositava nas tropas.

8 de Novembro

– Não é possível que a Inglaterra faça imposições, como para aí se diz, por causa da mudança de nome do cruzador *D. Carlos*. Bem se lhe importa o *Foreign Office* que o barco se chame *D. Carlos* ou *Cândido dos Reis* – digo eu ao José de Azevedo.

– Pois não há nada mais exacto. A Inglaterra transmitiu esse desejo por intermédio do comandante do navio inglês que aí esteve. «A Inglaterra não veria com bons olhos que mudassem o nome ao navio, porque *D. Carlos* foi almirante da esquadra inglesa.» Olhe que nós temos sido um país tutelado. Quando tomei conta da pasta dos Estrangeiros apareceu-me no ministério um segundo secretário da legação inglesa com um papel para assinar. Li, pus-me vermelho como um pimento e disse: – Não assino isso. – Mas o senhor Vilaça e todos os outros ministros têm assinado um papel idêntico. – Mas eu não assino. – Quinze dias depois o embaixador, que não estava então em Lisboa, tornou ele próprio com o papel e levou a mesma resposta. A conversa foi de tal ordem, que acabei por lhe dizer: – Senhor embaixador, fiquei com a impressão de que estive sendo interrogado pelo juiz de instrução criminal. – Sabe o que era o papel? O papel que todos os ministros dos Estrangeiros assinam logo que tomam posse? É a obrigação de que não faremos isto, aquilo e aqueloutro sem permissão da Inglaterra. É vexatório? É. mas e a Inglaterra que nos tem valido sempre. Foi a Inglaterra que nos valeu quando do convénio e da atitude do Delcassé, não consentindo que viesse uma esquadra francesa ao Tejo. O Tomás Rosa fez um figurão; procurou o Delcassé e fez-lhe saber que a esquadra francesa no Tejo seria um *casus belli* para a Inglaterra. No dia seguinte o embaixador inglês repetia-lhe as mesmas palavras de viva voz. Na questão com a China, a China tinha-nos amachucado, se a Inglaterra lhe não fizesse saber que as suas esquadras estavam connosco.

Uma pausa:

– Mas não é só o Inglaterra, todos os embaixadores dão ordens no ministério dos Estrangeiros. Há pouco ainda bateram num alemão, na Covilhã. Tive de pagar um conto e duzentos, que mandei entregar por um servente do ministério.

E conclui. com desânimo:

– Vou para o Brasil. Dentro de seis meses Lisboa está inabitável. Quem manda é a Carbonária.

Talvez a benevolência da Inglaterra pela República se explique pela atitude de José de Azevedo, ministro dos Estrangeiros – que parecia procurar uma aproximação com a Alemanha... Tudo o fazia supor, até o casamento de D. Manuel, que não tinha encontrado noiva em Inglaterra, apesar dos esforços do rei Jorge, que chegou a convidar para um jantar, a que o rei de Portugal assistiu, «a família em questão» (palavras de D. Manuel).

11 de Novembro

Foram ontem absolvidos os implicados no crime de Cascais.

\*

Cabe bem aqui, nesta altura, apesar da data muito posterior, a seguinte entrevista com o dr. Teófilo Braga, publicada no *Diário de Lisboa*:

– A propaganda republicana foi modelar. Muita seriedade, sinceridade e desinteresse. Repare que andei nisso quarenta anos. Mais tarde escangalharam tudo. Começa por que a República foi feita por acaso, isto é, por todos. Não conhece a história?

– ...

– Eu conto.

E o sr. dr. Teófilo Braga descreve-nos a proclamação do actual régimen dum maneira que acarretaria a qualquer monárquico contrariedades de vulto. Em seguida comentando:

– Eu estava em S. José de Ribamar. Era preciso «queimar» alguém. Eles calculavam que eu durava pouco tempo – minha esposa falecera meses antes e o abalo fora grande – de maneira que me fizeram chefe do Governo Provisório. E aqui começa a dança. Houve tanta dificuldade em organizar o Governo Provisório, que até incluíram na lista o nome de Manuel Gomes, já falecido. Como o não encontraram, como é natural – o entrevistado casquinou uma risada – foram buscar o irmão, o Amaro Gomes, que não é nada esperto, e confiaram-lhe a pasta da Marinha! Quem começou a romper a unidade do partido republicano foi o Camacho, esse tratante que está agora em Lourenço Marques. Esse ainda procedeu com ronha, com inteligência. Mas o António José de Almeida, que foi quem jogou a cartada seguinte, portou-se com uma ingenuidade que não se coaduna com a inteligência... Nessa altura, quando no Governo Provisório, podia-se trabalhar. Qual! Ninguém pensava nisso. Enquanto um fundava o partido unionista, que foi o partido da desunião, e outro o evolucionista, que nunca cheguei a perceber bem o que era, o Afonso Costa, que a princípio se tinha atirado a valor ao clericalismo, começou-se a entreter com duas mil pessoas e manifestações de vinte mil, acabando por arranjar uma inflamação do fígado que lhe durou uns seis meses e que o ia mandando desta para melhor!

Perguntado acerca da perturbação pública que se nota constantemente no país, atribuída, em parte, às divisões dos republicanos, o sr. dr. Teófilo Braga disse:

– Concordo. Isso, porém, sucedeu desde o principio. O que o Brito Camacho fez contra mim! As «rasteiras» que me passou! Como sabe, ele teve habilidade para açambarcar a alta representação diplomática da República distribuindo-a pelos correligionários. Pois quando eu era presidente do Governo Provisório, chegou a escrever ao Augusto de Vasconcelos, que era então ministro em Madrid, para que me mandasse dizer que o Canalejas não retiraria os «couceiristas» da fronteira, enquanto eu continuasse à frente do régimen. Isto, porque eu era federalista e à Espanha não convinha o federalismo... O que inventaram! Eu sabia o que se tramava na sombra e mandei vir a Lisboa o Augusto de Vasconcelos, desmascarando-o em pleno conselho de ministros. A cara do Camacho!

Uma pausa. O dr. Teófilo Braga sorri-se ao recordar coisas já velhas. Depois:

– Que eu, nessa altura, tomava nota de tudo. Hei-de demonstrar que, como chefe

do Governo Provisório, foi uma espécie de guardador de perus que se limitou, sempre de caninha na mão, a levar os bichos juntos até às Constituintes. Para e tenho montes de papéis que a seu tempo lançaria moita luz sobre isto tudo. Hão-de ficar em mão segura...

– Uma espécie de «Diário dos Irmãos Goncourt..

– Mais ou menos. É que nessa altura se deram casos que não devem ficar no olvido. O Alfredo Naquet, por exemplo, em 1912, escreveu-me uma carta em que dizia «que o país era pequeno, mas a nossa República muito grande». Isto fez-me cismar. E a que conclusão cheguei? É que, a não ser o 5 de Outubro, realizar-se-ia em princípios de 1911 o casamento entre D. Manuel e a sobrinha do «kaiser», o que, como é óbvio, influiria poderosamente na conflagração europeia, pois os alemães encontrariam no Mediterrâneo e no Atlântico vantagens que não possuíram e que só nós lhes poderíamos proporcionar...

\*

Na noite da revolução, Afonso Costa considerou tudo perdido. Camacho disse-lhe:

– Não, por ora batem-se. Mas, mesmo que a revolução esteja perdida, é preciso que alguém fique para honrar a derrota...

\*

Cândido dos Reis matou-se porque há muito tinha prometido a si próprio meter uma bala nos miolos, para dar grandeza ao desastre.

\*

Carlos Amaro diz:

– Cândido dos Reis fez a revolução sem o Afonso Costa saber – tanto que este tinha um bilhete comprado para a Suíça.

\*

Foram José Barbosa e Relvas que pediram a Cândido dos Reis autorização, dois dias antes, para lhe contarem o que se passava.

\*

Encontro hoje o Guerra Junqueiro, que vai para Berna, no fim do mês, como embaixador:

– Sim, vou para Berna. Ainda hei-de ter no fundo do meu guarda-roupa uma velha casaca. A literatura precisa da cidade, do drama; a filosofia de horizontes calmos. Vou para a Suíça terminar a minha filosofia.

\*

Já aparecem anúncios de obras sobre a revolução: de Faustino da Fonseca, um romance histórico, *Os Mártires da Revolução*; de Hermano Neves, *Corno Triunfou a República*; de não sei quem, *As Flores de Acácio*, valsa dedicada ao dr. Afonso Costa, etc., etc. Já há também novos bonecos de barro, um jesuíta a fugir, o José Luciano de

casaca azul bordada, a safar-se em chinelos, e a República expulsando-o com um grande gesto...

12 de Novembro

Recordo da *Luta* esta notícia curiosa:

O sr. ministro da Justiça propôs ontem, em conselho de ministros, a publicação dos nomes e dados biográficos dos membros da Companhia de Jesus que residiam em Portugal, documento que reputa do mais alto interesse.

Os jesuítas portugueses, ou que viviam neste país, eram em número de 357, segundo a nota do conselho. O *Catalogus* duma das províncias da Sociedade de Jesus, relativo ao ano corrente, e que temos sobre a nossa banca, indica 356, assim distribuídos: sacerdotes, 150; escolásticos, 93; coadjutores, 113. O aumento, em relação ao ano anterior, foi de 17.

Nas missões da Zambézia tinham os jesuítas 16 sacerdotes, 2 escolásticos, 15 coadjutores. Ao todo, 33. Em Goa havia 8 sacerdotes e 2 coadjutores; em Macau, 7 sacerdotes, 2 escolásticos e 2 coadjutores e, em Timor, 3 sacerdotes e 2 coadjutores.

A Companhia de Jesus contava, ao iniciar-se o ano corrente, nas suas cinco assistências, 16:159 sócios, entre sacerdotes, escolásticos e coadjutores.

20 de Novembro

Os adesivos todos os dias chegam nos comboios, com um tambor e uma bandeira vermelha, e vão em bicha cumprimentar o Governo. Andam magotes pelas ruas, andam meninas de vermelho e verde, andam homens atrás duma música, cheios de entusiasmo, e andam esfarrapados, que levam presos para a Boa Hora, um jesuíta, um padre, um político. Há os que vociferam e que discursam. Um, a meu lado, diz a outro, convencido: – O feijão, depois que isto mudou, já baixou um tostão em litro. – Há nestas manifestações, nesta farrapada, nestas charangas, nestas meninas dos quartos andares vestidas de República, uma mistura de fieldade e de ridículo, de aspiração e de sonho, que impressiona. Eles esperam – os que se bateram, os que guardaram os bancos, os que se juntam nas ruas – que pelo poder mágico das palavras se inicie uma nova era de felicidade e de paz. isto faz sorrir, e mete medo.

\*

Espalham este papel:

## BATATAS E CEBOLAS DE MAFRA

Cidadãos:

No mês de Março de 1908 passavam na vila de Mafra os nossos correligionários dr. Alexandre Braga, dr. Figueiredo Cardoso, Soares Guedes, Sá Pereira, Lameiras, Firmino Alves e vários repórteres, os quais, vindos dum comício na Malveira, se dirigiam à Ericeira. Ao passarem pela dita vila de Mafra, os automóveis que conduziam aqueles nossos correligionários foram assaltados e apedrejados por uma horda de selvagens arruaceiros, comandada pelos caciques locais, ficando feridos alguns dos nossos correligionários e os automóveis bastante danificados. Esses caciques, esses homens sem carácter nem vergonha, que no tempo da monarquia se julgavam os senhores absolutos do concelho e que desconsideraram por todas as formas o partido republicano, fizeram mais do que acima fica posto: incitaram a garotada a arremessar aos nossos correligionários – batatas e cebolas, como em sinal de desprezo.

Pois bem, esses caciques devem chegar hoje, 6 de Dezembro, a Lisboa, reunindo-se no largo fronteiro à estação do Rossio, próximo das 2 horas da tarde. Conduzem, à laia de rebanho de carneiros, umas centenas de saloios, os mesmos que eles conduziam a votar em João Franco e a aclamar D. Manuel.

Pretendem hoje, com a mesma inconsciência, cumprimentar o governo provisório da República.

*Comanda-os o galopim-mor Manuel Baptista Ribeiro Júnior, lugar-tenente do dr. Eduardo Burnay, administrador permanente de Mafra, através de todas as situações políticas, até ao advento da República.*

*Nessa excursão não se fazem representar: a Câmara Municipal, a Comissão Municipal Republicana, as comissões paroquiais do concelho e os republicanos locais. É portanto uma manifestação de caciques talassas, que pretendem ser no tempo da República o mesmo que eram no tempo da extinta monarquia. São pois, lobos mascarados com pele de ovelha.*

Julgamos pois, cumprir um dever, desmascarando estes trapaceiros audaciosos e embusteiros talassas.

5 de Dezembro

Visito o Paço das Necessidades e a minha primeira impressão é que qualquer Centeno tem uma casa como esta. Já tiraram, é certo, das paredes os quadros célebres, mas o resto está intacto como no dia da fuga.

Algumas notas rápidas: escritório da rainha em damasco vermelho – biblioteca género Império –, outra sala, a de receber – o quarto de cama, onde o leito, com um dossel de Veludo verde, reclama a atenção, um leito a fingir Luís XV, com meninos pintados por Columibano aos pés e uma coroa na cabeceira, flores-de-lis, chagas de Cristo. A um dos lados uma piazinha de água benta de faiança. Outra sala: na *chaise-longue* está ainda impresso o corpo da rainha. Abro a gaveta dum móvel: dentro, aguarelas de D. Carlos. Duas portas dão acesso, uma para o cubículo onde dormia a criada, outra para o modesto gabinete de *toilette* sem ar nem luz. Bato com os pés, quase caio de encontro a um cofre atirado para o chão e brutalmente arrombado pelas costas para lhe tirarem os papéis. Há uma coisa insistente nos aposentos da rainha, exposta sobre as mesas, em evidência nas *étagères* e espalhada com profusão por todos os cantos: são os porcos de porcelana, de bronze, de prata, de cobre, de chumbo e até de barro – *porte-bonheur* que só lhe trouxeram desgraça. Abertas na estante do piano duas músicas: *Melodia de Gounod* e *The Moore and Burgess*. Foram as últimas que tocou. A sala de recepção, Império, tem lindas coisas, Sèvres preciosos, um magnífico espelho partido pelas balas e uma mobília falsificada por um ferro-velho. Os aposentos do rei abrem pelo escritório. Cá estão ainda os últimos bilhetes de saudações fervorosas; remexo-lhes, vêm-me às mãos os cartões e entre eles um, mais duro, de metal (!), e leio: S. Luís de Braga. Uma baila arrancou um pedaço da madeira da estante onde os livros se alinham correctos e muito bem encadernados, oferecidos por este e por aquele – tanta palavra, tanta dedicação, tanta mentira! – Aqui, antes do escritório, está o cubículo onde dormia o criado – apontam-me. Não me interessa. O que me interessa é o quarto de colegial do rei, com a sua cama de dourados entre a cabeceira e a cómoda. Que lia D. Manuel? Estes dois livros que estão ainda sobre a mesinha, *Le Culte de l'Incompétence* de Faguet e *L'Étui de Nacre* de Anatole. Na parede, sobre a cabeceira, dois crucifixos entre folhagens secas: buxo, ramos bentos, palmas. Encostada à parede, uma cómoda Luís XV, magnífica, e em cima da cómoda três bonecos de papelão, Eduardo VII, Soveral e um marinheiro inglês. A roupa da cama revolvida, numa poltrona de marroquim a inútil farda de generalíssimo. Adiante. - - Adiante é o lavatório, com frasquinhos, unguentos, cosméticos e es-covas de cabelo. Uma tina, um espelhinho barato, O criado leva-me por um corredor pintado de vermelho e diz-me baixinho: – Não havia ninguém melhor do que ele. – E a rainha? – Responde-me alto: – Essa não gostava dos portugueses.

Vejamos agora. o aparato: atravesso uma sala, outra sala, com magníficos contadores, quadros, porcelanas; detenho-me um instante na de jantar, esse escândalo, como para aí se espalhou (152 contos): branco e oiro com aparadores de carpinteiro, figuras de anjinhos no alto das portas e unia. mesa de banquete de tábuas de pinho. O branco amarelece, o oiro destingue. Há aqui duas ou três coisas admiráveis: os *panneaux*.

Abro a custo a porta envidraçada. Fora., no terraço abandonado, revolteiam as folhas que o vento leva pelos ares ou juntam lume de água na taça que trouxeram de Queluz. Um pedaço de céu fúnebre entre muros: a lufada traz as folhas para dentro da

sala doirada, onde os architectos ganharam contos de réis.<sup>3</sup>

Abro outra janela: já não me importa a sala de trono nem esta mescla de vida íntima e de vida devassada por toda a gente. Toda a gente remexeu nas gavetas e nos cofres, leu os papéis e as cartas, toda a gente viu as roupas da rainha e as suas meias com *pontos*, toda a gente soube que santos D. Manuel tinha à cabeceira e que bentinhas usava ao pescoço.<sup>4</sup>

A lufada arrasta as folhas para a sala enorme e vazia, e um instante vejo-as rodopiar na dança incessante das folhas e dos homens, até que se somem no esgoto, no negrume, na morte.

\*

A minha impressão é de que o rei e a rainha viviam uma vida modesta e insistentemente espionada pelos criados e pelos cortesãos.<sup>5</sup>

\*

Para não ver o quarto do pai, D. Manuel mandou dividir uma sala com uma parede falsa, à qual se encostou uma vitrina com vidros preciosos. E os seus aposentos escolheu-os numa parte afastada do palácio.

\*

---

<sup>3</sup> Do relatório entregue em Abril de 1911 ao ministro do Fomento pela comissão de sindicância aos serviços das obras públicas referentes à construção da nova sala de jantar de gala do paço das Necessidades extracto a peça final:

17º – Que, finalmente, e em resumo, se vê que se autorizaram indevidamente verbas para a execução desta obra, antes de aprovado o primeiro orçamento; que deste se fez figurar a despesa com a decoração dum antigo salão não existente; que se deixaram de executar alguns trabalhos importantes que foram orçados e se executaram outros de menor importância que o não foram; que se formularam simuladamente folhas de jornais e que mesmo nas verdadeiras, figuraram operários que não foram empregados na obra; que algumas folhas de tarefas são também simuladas ou não representam a expressão da verdade; que se fizeram figurar como fornecimentos de materiais verdadeiras empreitadas, dadas sem se ter seguido os preceitos legais; que houve duplicação de pagamentos; que se pagaram trabalhos não encontrados na obra; que os trabalhos de decoração foram muito caros; enfim, que se gastou a avultadíssima verba, que não nos cabe criticar, de 152:623\$220 réis com a construção duma sala de jantar e suas dependências.

<sup>4</sup> Andaram nas mãos de meia Lisboa cartas do rei, papéis, cadernos de apontamentos de D. Carlos. etc. Já quando mataram D. Carlos o *Correio da Manhã* protestou por se andarem vendendo objectos que tinham pertencido ao rei. E José Sarmento no *Imparcial*, de 1 de Julho de 1910, acompanhava o *Correio da Manhã* no protesto dizendo:

«Eu vi, ainda há pouco tempo, unia mulher andar a mostrar, pelas caixas dos teatros, camisas de seda, ceroulas e luvas brancas d. falecida rei – autênticas – com a coroa e o C. bordados a branco, quase novas. As mulheres da cena, mais curiosas, desdobravam este estendal, ajustavam-no ao corpo; e a adela fez um excelente negócio, porque as camisas, pela sua amplidão e pela leveza da sua seda, davam bens para se fazerem lindíssimas blusas de verão.

«Houve quem sentisse relutância em usar a roupa dum homem que fora assassinado; mas a maioria comprou-a exactamente por esse picante motivo – e por poder dizer um dia, ufana, que aquela blusa já em tempo servira de camisa – a um rei!

«A Casa Real não está em apuros para recorrer a estas minudências de economia, como qualquer família miserável que precise de vender os trapos que pertenceram ao seu chefe.»

<sup>5</sup> As despesas com os palácios reais são agora maiores do que eram quando os usufruíam os Braganças, porque para ali se tem anichado um enxame de pessoal.

*Intransigente*, 2 de Abril de 1911.

O pintor Freire, que pertence à comissão dos paços, diz:

– No quarto do rei há mais de vinte e cinco imagens de santinhos, não contando com as obras de arte. Os bentinhos de trazer ao pescoço pesam efectivamente cento e vinte e cinco gramas.

\*

Tinha dois Cristos à cabeceira, e na cómoda as seguintes imagens: um Cristo em esmalte, Avé-Maria em esmalte, Virgem com o Menino (camafeu), S. João (bronze em baixo-relevo), Virgem do Pilar (escultura em prata), Virgem Preta (escultura em madeira), S. Pedro, Virgem com o Menino, Santo António com o Menino, S. José (esculturas); um relicário; uma Virgem em prata; outra pequena escultura da Virgem, que mandou pedir de Inglaterra.

O quarto da rainha não dá impressão de beatério. Numa *étagère*, retratos dos Orleães e na prateleira do alto, e em destaque, a fotografia a cores da Figueiró.

\*

Apontamentos encontrados no Paço das Necessidades e que têm estado em várias mãos. A letra é de D. Carlos (livrinho com o formato 0,16 X 0,20):

Casa civil  
de S. M. Rainha

D.<sup>a</sup> de P.<sup>a</sup>

Uma grande dama «jusqu'au bout des ongles?», quando o quer ser, o que não é sempre. Extremamente leviana, uma «toquée». Organização de artista e que não estudou; faz escultura, e tem opiniões sobre arte, que nem sempre são as melhores.

Tem-se falado muito dela em bem e em mal também é caridosa e creio-a amiga dos seus amigos. Em mal... tem-se dito tanto que não sei o que diga, em todo o caso, tem muito jeito para pôr, as aparências contra si, e é bom pensar sempre que «quand tout le monde a tort tout le monde a raison».

No exercício do seu cargo não tem o menor jeito, e não tem também simpatias. Resultado prático faz mal o seu serviço e faz mal à pessoa a quem serve.

Conclusão, é bastante decorativa, não tanto como o marido, e é óptima para ver de longe a governar o seu carro.

---

C.<sup>a</sup> de S.<sup>a</sup> e de M.<sup>a</sup>

Boa pessoa, não é tola, pouco instruída, óptima mãe. Pode ser uma muito boa amiga, querendo-o. É uma péssima inimiga. É leviana, fala de mais, sobre tudo e sobre todos, à força de querer falar sempre. Mete-se demais com a vida do próximo, segura, que se não pudesse meter com a sua. É correcta no seu serviço.

---

D. q. q.<sup>os</sup>

Extremamente inteligente, boa no fundo, por fora «sigrie» como todas as «vieilles filles». Apesar disso como foi bonita e adulada, conserva butis, elegância, e... «coquetterie», mais inata do que estudada.  
Faz bem o seu serviço.

---

C.<sup>a</sup> de S.<sup>a</sup>

Boa, mas duma insignificância completa, e com bastante mau génio.

---

C.<sup>de</sup> de Sab.

Bom rapaz, pouco inteligente.  
É sócio da Academia, por ter imensa vontade de ter talento. Como homem é direito e desembaraçado; é honrado mas no seu modo de viver tem falta de senso moral e muitas vezes de senso comum, o que faz a mulher bastante infeliz.  
Em todo o caso um bom e leal amigo.

---

C.<sup>de</sup> da Rib.

Ótimo, leal, um carácter que já não é dos nossos tempos.  
Amigo certo, inteligente, vendo as coisas bem.  
Não tem senão um defeito... o ser bom de mais.

---

D. A. de V.

Uma jóia. Foi um doido, hoje é um homem sério e correcto. Inteligência regular, mas graças ao seu grande sangue-frio, vê o geral das coisas como poucos as vêem, é de bom conselho sempre que lhe saibam pedir.

---

Civis

Casa d'El-Rei

C.<sup>de</sup> de F.<sup>o</sup>

Inteligência superior, vê as coisas elevadamente quando se digne ter esse trabalho. Tem ótimo fundo, mas uma péssima encadernação.  
É um ótimo amigo e faz perfeitamente o seu serviço.  
Quando necessário é convenientemente prático.

---

C.<sup>de</sup> de V.<sup>a</sup>N.<sup>a</sup> de C.<sup>a</sup>

Um velho fidalgo com todas as suas qualidades e todos os seus defeitos. Para ele o seu Deus é o seu Rei. Fará a maior asneira ou a coisa mais comprometedora se for ele quem mande.

---

C.<sup>de</sup> de L.<sup>es</sup>

Foi um estudante «hors ligne».  
Hoje está completamente perdido.

---

M.<sup>es</sup> d'A.

Se ainda houvesse Triboulets, estaria pronto a sê-lo. carácter falso, desleal, egoísta... Não tem um amigo, não é amigo senão de si próprio.

---

#### Militares

B. d'A.

Poderia chamar-se-lhe ele chevalier sans peur et sans reproche»; não tem uma mancha na sua longa carreira civil e militar e é o melhor dos homens.

---

Gen.<sup>al</sup> Fol.

Foi um bom oficial e é um carácter digno, hoje está em decadência.

---

Cor. A. de A.

Bom oficial de cavalaria, muito ignorante em tudo o que não diz respeito ao seu ofício. Extremamente desconfiado; amigo dos seus amigos; inconveniente no seu modo de falar. Homem «à bonnes fortunes» fáceis.

---

Cap. M.<sup>as</sup> de L.<sup>os</sup>

Bom oficial, desembaraçado, pouco instruído, vendo as coisas bem e praticamente.  
Não pensa senão nas suas «bonnes fortunes» fáceis.

9 de Dezembro

O marquês de Alvito vendeu um dia o seu castelo ao rei D. Luís e, dali a anos, vendeu-lho outra vez. A D. Carlos também lhe vendeu o castelo por duas vezes. Recebia o dinheiro, não se faziam as escrituras. Aquilo era uma mina. Um dia, num novo aperto de dinheiro, o marquês propôs de novo a venda do castelo a D. Carlos, que lhe observou:

- Oh, marquês! Quantas vezes meu pai e eu te comprámos o castelo de Alvito?
- E o marquês, sem se desconcertar:
- Ah! a memória destes Braganças!

\*

Diz-se que, depois da morte do rei, a D. Amélia achou um cofre com a correspondência amorosa de D. Carlos. Essas cartas estão agora em poder da comissão. Muitos maços conservam-se lacrados. Há-as de M., há-as de uma dama espanhola do corpo diplomático, etc., etc., etc. É uma grande caixa.

\*

José Figueiredo:

– A rainha tinha um grande ciúme de D. Carlos. Conservava em seu poder as cartas das amantes do rei, entre as quais havia uma que o tratava por tu. Foi por isso que ela nunca pôde ver os que acompanhavam o rei, o Arnoso e os outros.

\*

De D. Carlos conta-se esta anedota autêntica: Quando foi à Alemanha, conversou naturalmente pelo caminho, com os que o acompanhavam, a respeito do imperador, da sua figura, das suas atitudes, das suas qualidades, etc.

Chegam à estação e D. Carlos desembarca. Ao fundo avança o *Lohengrin*, de grande capa branca traçada, e o rei, voltando um pouco a cabeça, murmura para os seus:

- Lá vem o gajo...

\*

A prata da casa real, baixela Germain, pesa uma tonelada.

\*

Um empregado de Mafra, que assistiu à chegada do rei e à sua fuga, descreve assim o quadro:

– Quando vi os automóveis, disse de mim para mim (porque já tinha notícias vagas): «Então a coisa está séria...» E pedi ao Faial para falar ao rei.

«Abriram uma porta e fui dar com ele sucumbido sobre um sofá de ramagens. A seu lado, o Sabugosa, sentado numa cadeira. Falei, animando-o, e ele disse-me: «Estou aqui por indicação do Governo.» E, de repente, desatou num choro convulso.

«A atitude da rainha, talvez para lhe dar ânimo, era de despreocupada. Tinham

sido destacados alguns piquetes de cavalaria. Chegavam de quando em quando notícias aterradoras: «Vêm aí os republicanos...» Para a defesa de Mafra contava-se com alguns homens de espingardas caçadeiras e com as forças da Escola Prática. De noite, tudo se avoluma. Mais notícias, mais boatos trágicos vinham de fora, do escuro: «Morreu o Malaquias de Lemos... Foram trucidados muitos oficiais. » Depois, pior: a ansiedade, a incerteza, o silêncio naquele isolamento da noite. A certa hora, chegou um telegrama: «Tudo corre bem, os revolucionários estão encurralados.» Mais tarde, outro, contraditório.

«De noite notei no corredor um vulto magro de mulher, de xaile, com a cabeça tapada. «Diabo! – exclamei –, já deixam entrar por aqui dentro as mulheres de Mafra.» Avancei: era a rainha Maria Pia, que apertava muito a mão a um criado, dizendo coisas desconexas.

\*

Tomás de Meio Breyner correu da Igreja Nova a Mafra. Os filhos serviram o rei à mesa e, assim que soube que iam embarcar, meteu-lhe numa mala roupa sua.

O rei estava aniquilado. Alguém teimava: – Vão para o Porto. – Ninguém respondia e nem sequer ouviam. Os últimos telegramas eram inventados pelos telegrafistas e um vinha assinado pelo Teixeira de Sousa.

Por fim saíram de Mafra para a Ericeira. A rainha dava ordens: – Vá para aquele automóvel... Tu para ali... – E alto, decidida: – Só vão comigo os que me foram fiéis. – E, voltando-se para alguém, acrescentou: – Por sua causa e por causa de outros que tais é que nós chegámos a isto.

\*

A rainha Maria Pia embarcou sem uma palavra nem um protesto. Embrulhada no xale, mais alta e mais magra, parecia sonâmbula, com um grande pão, que nunca quis largar, metido debaixo do braço – ela que jamais soube o valor ao dinheiro.

\*

Está reduzida às linhas essenciais, às secas linhas da verdade. É quase um espectro, como Maria Antonieta na sua última expressão, fixada naquele extraordinário retrato a lápis, feito horas antes de subir ao cadafalso, e que parece desenhado por Deus, para escarmento dos reis e dos homens, já sem cabelo nem vaidade, com um lenço atado na cabeça e a carne que lhe cobre os ossos dilacerada por todas as agonias e torturas. Agora é que eu amo esta rainha – todos os trapos de Paris deixados pelo caminho e reduzidos a ciscos, a penas velhas, a farrapos velhos e inúteis. Tudo lhe levou a desgraça – que ainda se ri na sombra – que fez deste admirável tipo de mulher loura e esbelta, que teimou em ser mulher e rainha até à última, uma figura que me enche de espanto. Do prestígio antigo resta-lhe um xale pela cabeça e um pão de pataco debaixo do braço... Agora é que eu amo esta rainha de tragédia, que a dor reduziu às verdadeiras proporções e cuja sombra entra na galeria das figuras de sonho, ao lado das grandes personagens de Shakespeare. É já a alma errante duma grande rainha...

\*

O rei quis ir para o Porto?.. - Diz o Álvaro Possolo que perguntou a um oficial seu

amigo do iate *D. Amélia*:

- Diga-me cá: o rei quis ir para o Porto?
- Infelizmente não quis...

11 de Dezembro

O Mardel conta que a velha viscondessa de A., que teve uma vida dos diabos, costumava dizer aos filhos quando eles a arrelhiavam:

- Se os meninos não tomam juízo, mando-os para casa de seus pais.

20 de Dezembro

Nestes três últimos meses, todos os dias se sucederam e atropelaram acontecimentos, excitações, boatos.

Ora são os jesuítas que têm subterrâneos de quilómetros com barras de ouro; ora é a Carbonária (24 de Novembro) que faz uma manifestação ao Directório pondo em cheque o Governo; ora corre que os marinheiros se vão sublevar: – Há – diz o Maximiliano de Azevedo – ordens positivas para bater os marinheiros com peças do Campo Entrincheirado, caso eles se revoltem. – O Alpoim queixa-se: – Isto vai mal. Eles não têm juízo e ao primeiro barulho que houver em Lisboa acaba-se tudo. – Nas ruas depara-se a cada passo um quadro histórico. Rua de S. Mamede, às 11 horas da manhã (12 de Out.): Três carros, uma galera com baús e algumas mulheres com velhos quicos fora de moda. Um cadete, de revólver à cinta, dirige a expulsão das religiosas, e elas vêm descendo a calçada às duas e três, pálidas e desgraciosas, até se encafuarem nos carros... Na Rua dos Capelistas (30 de Out.) dou com os jesuítas transferidos de Caxias para o Limoeiro. Vêm a pé. Alguns, alquebrados, tropeçam. O povo diz-lhes chufas. Atrás, num automóvel, decerto por acaso, o Afonso Costa faz cortesias. – Lugares – exclama alguém – tiram-nos aos monárquicos para os darem aos republicanos. – A 16 de Outubro o povo de Lisboa (cem mil pessoas), na rua, faz o imponente funeral de Cândido dos Reis e de Miguel Bombarda. Sucedem-se as greves, as dos americanos, dos sapateiros, dos corticeiros, e um inferno de papéis de manifestos, de declarações, de panfletos.

O Junqueiro quer que as cores da bandeira se mantenham, o Columbano e o Teófilo querem-na encarnada e verde. – A bandeira vermelha e verde é uma bandeira de pretos – diz Junqueiro. – Tinha-se já decidido em conselho de ministros que ficasse azul e branca, mas os carbonários opuseram-se.

Corre a notícia de escândalos nas repartições. Os jornais dão a entender que há roubos e alcances. – O dinheiro para os reis – exclama João de Meneses – não corria por uma bica, mas por dezasseis!

Há, porém, alguns factos capitais que é necessário pôr em destaque: o heroísmo de Machado Santos e de alguns marinheiros; o sacrificio de dois homens dos que menos deviam à Monarquia, um, Frederico Pinheiro Chagas, levado até ao suicídio, o outro, Paiva Couceiro, que se bateu até à última; é a atitude idealista do povo de Lisboa, defendendo os bancos e o dinheiro dos ricos, com a Polícia e a Guarda completamente desarmadas.

\*

O parecer de Guerra Junqueiro sobre a bandeira:

A bandeira nacional é a idealidade dum raça, a alma dum povo, traduzida em cor. O branco simboliza inocência, candura unânime, pureza virgem. No azul há céu e mar, imensidade, bondade infinita, alegria simples. O fundo da alma portuguesa, visto com os olhos, é azul e branco.

Desse fundo saudoso, de harmonia clara, de lirismo ingénuo, ressalta, estudai-o bem, o brasão magnânimo: em campo de heroísmo – vermelho ardente, sete castelos fortes, Inexpugnáveis, cinco quinas sagradas e religiosas, e à volta, num abraço bucólico, duas vergõntes de louro e de oliveira. É o escudo marcial e rural dum povo cristão de lavradores, que semeando, orando e batalhando, organizou uma pátria. A coroa, que foi do escudo o fecho harmonioso, converteu-se há mais de dois séculos numa nódoa sinistra. Rajadas de aurora limpam-na ontem para sempre. O nobre estandarte não tem mancha. Glorifiquemos o escudo, coroemo-lo de novo com um diadema épico de estrelas: estrelas de sangue e estrelas de oiro, estrelas que cantem e que alumiem. Substitua-se apenas o borrão infame por um círculo de astros imortais.

Barca de Alva, 13 de Outubro de 1910.

Guerra Junqueiro

\*

Foi nesta altura, por causa da bandeira, que Teófilo Braga disse de Junqueiro:

– É tão judeu, que começou por vender trastes velhos e acabou por profeta.

Ao que Junqueiro (os dois nunca se puderam ver) havia de responder muito mais tarde:

– O Teófilo é tão avaro que forrou o caixão da mulher de *Mundos*, para não gastar dinheiro e para agradar aos jacobinos!

\*

Selo da Carbonária:



\*

O conde de Arnoso vai viver para a província; o visconde de Pindela ficou reduzido a oitocentos mil réis por ano; o conde de Sabugosa vai mandar dois filhos para o Brasil.

13 de Janeiro de 1911

Os comboios parados e mais greves, a da luz, a dos metalúrgicos e outras. E gente que foge, gente que prevê o saque, enquanto outros ameaçam com a greve geral. Ontem corria que os do caminho-de-ferro, se o Brito Camacho vai à reunião, o deitavam da janela à rua.

\*

Consta que o punhal e o adereço de jóias que desapareceram das Necessidades, com outros objectos de valor, nos dias da revolução, se acham a seguro no estrangeiro. Esse punhal célebre, que passa por ser de Benevenuto Cellini, já em tempo de D. Luís foi furtado por uma personagem ilustre num dia de baile.

A Polícia descobriu o furto e entregou o punhal ao rei. D. Luís calou-se e, antes de morrer, entregou-o a um particular, recomendando-lhe que não o apresentasse senão depois da sua morte – para se não saber quem era o ladrão...

\*

Os monárquicos já chamam ao Bernardino Machado «a nossa rainha» e aos filhos, que foram outro dia caçar à tapada de Mafra, «os senhores infantes».

\*

Cópia dos cartazes mandados afixar para propaganda eleitoral:

# Ao Povo Português

AOS ELEITORES

## A Obra dos Monárquicos

Divida pública superior a 600.000:000\$000 rs. (ouro]

---

Direitos pagos por *alguns* géneros *NACIONAIS* para alimentação do povo de Lisboa, em 1909:

Vinho .....	1.692:121\$065
Azeite .....	180:705\$589
Frutas .....	77:277\$211
Batatas .....	33:312\$579
Carne .....	704:326\$436
Ovos .....	60.405\$562

Lista civil do Rei e sua família: 501:000\$000 réis

---

Mortos pela tuberculose em 1905/9

**7535 pessoas**

## OBRAS NOS PAÇOS REAIS

1893 a 1907. Contas apuradas até Março de 1908

Palácio da Ajuda .....	436:158\$671
Palácio de Sintra .....	301:167\$633
Castelo dia Pena e anexos .....	213:240\$935
Palácio das Necessidades .....	624:047\$325
Palácio de Queluz .....	105:913\$155
Palácio de Belém .....	342:45\$895
Cidadela de Cascais .....	181:495\$000
Palácio da Torre do Outão (despesas de conservação) .....	7:978\$690
Modificação da escada do Camarote Real da Praça de Touros do Campo Pequeno.....	280\$860
Reais Propriedades do Alfeite .....	77:562\$255
Reparos de que carece a Adega nas Reais Propriedades do Alfeite .....	2:122\$820
Iluminação eléctrica nos três Paços Reais das Necessidades, Ajuda e Belém .....	411:548\$159
Concertos mandados executar nos Reais Paços de Belém, Ajuda e Sintra .....	3:458\$505
Trabalhos urgentes nos Reais Paços da Ajuda e Belém .....	24:999\$300
Reparação das minas que abastecem de água o edificio e jardim do Real Paço da Ajuda ..	961\$975
Pequenas reparações nos edificios do Estado que fazem parte do Apanágio da Coroa ...	4:500\$000
Gasto ilegalmente .....	2.737:894\$178
Despesa legal, autorizada por lei de 16 de Julho de 1855 (entregue à Casa Real) .....	102:000\$000
Total.....	2.839:894\$178

# OS GOVERNOS E O TESOURO PÚBLICO

**Falam os do bloco  
Os adiantamentos  
Feitos pelo Sr.**

**Teixeira de Sousa**

**QUE SUDÁRIO!**

**À Família Real!**

## **A El-Rei:**

Em 11 de Março de 1903 .....	10:000\$000
Em 2 de Junho de 1903 .....	1:500 libras
Em 7 de Julho de 1903 .....	100 libras
Em 14 de Setembro de 1903 .....	3:500\$000
Em 19 de Setembro de 1903 .....	500\$000
Em 18 de Dezembro de 1903 .....	800 libras
Em 11 de Março de 1904 .....	1:350 libras

## **À Rainha Senhora D. Amélia:**

Em 7 de Julho de 1903 .....	1980 francos
-----------------------------	--------------

## **À Rainha Senhora D. Maria Pia:**

Em 12 de Março de 1903 .....	1:000\$000
Em 15 de Abril de 1903 .....	10:000\$000
Em 24 de Fevereiro de 1904 .....	882\$665
Em 12 de Março de 1904 .....	6:000\$000

## **Ao Senhor Infante D Afonso:**

Em 9 de Junho de 1903 .....	3:000\$000
Em 14 de Maio de 1906 .....	800\$000

## **A particulares:**

1903 – A 34 cavalheiros. Em 10 meses .....	6:273\$000
1904 – A 16 cavalheiros. Em 3 meses .....	3 812\$000
1906 – A 29 cavalheiros. Em 2 meses .....	6:055\$000

Do *Liberal*, jornal progressista, de 13 de Agosto de 1910.

## Falam os do Governo

«O sr. Campos Henriques foi ministro das Obras Públicas desde 1 de Setembro de 1894 a 2 de Fevereiro de 1897, isto é, quase dois anos e meio. Pois é curioso e edificante atentar no que diz a seu respeito, em referência a esse período, quanto a *despesas ilegais*, o relatório da comissão de inquérito aos actos do reinado anterior:

Nada menos do que consta das verbas que passamos a expor:

Temos primeiro as despesas com o serviço dos correios e telégrafos de El-Rei D. Carlos, assim discriminadas por anos económicos.

1894-1895 .....	21:633\$000
1895-1896 .....	37:899\$000
1896-1897 .....	41:806\$000

Total .....101:338\$000

Comboios especiais pagos pelo Ministério das Obras Públicas, sem motivo de serviço oficial:

1894-1895 .....	3:157\$000
1895-1896 .....	5:819\$000
1896-1897 .....	3:558\$000

Total ..... 12:534\$000

Obras nos Paços Reais:

1894-1895 .....	104:483\$000
1895-1896 .....	169:734\$000
1896-1897 .....	239:542\$000

Total ..... 513:759\$000

Transportes em caminhos-de-ferro, pagos pelo Ministério das Obras Públicas, por visitas oficiais:

1894-1895 .....	8:535\$000
1895-1896 .....	9:073\$000
1896-1897 .....	4:721\$000

Total ..... 22:329\$000

.....  
O Sr. Campos Henriques não podia, legalmente, despender com as obras nos Paços Reais mais 6:0005000 réis por ano. Pois despendeu 513:759\$000 réis, sem se dispensar do *cadeau* dos 6:0005000 réis letais, que... o sr. Campos Henriques mandava entregar todos os anais, como brinde, à administração da Casa Real.»

Das *Novidades*, jornal regenerador, de 19 de Fevereiro de 1910.

## **A obra dos monárquicos**

### *Câmara Municipal de Lisboa*

Passivo de 1897 a 1908 Rs. ....	13.922:323\$395
<i>Deficit</i> nos últimos 9 anos Rs. ....	1.689:804\$121
Média por ano Rs. ....	187:756\$013

#### **Custo de materiais:**

Pedra lioz serrada e/ 20 <sup>mm</sup> de espessura .....	2\$803
Idem c/ 180 <sup>mm</sup> de espessura .....	13\$800
Idem c/ 250 <sup>mm</sup> de espessura .....	22\$200
Idem c/ 300 <sup>mm</sup> de espessura .....	28\$200
Pedra lioz desbastada de 2 a 3 <sup>m<sup>3</sup></sup> .....	100\$000
Idem serrada de 25 <sup>mm</sup> .....	2\$950

#### **Custo de impressos:**

Licenças para obras, preço por 1:000 .....	5\$000
Idem para carruagens, preço por 1:000 .....	13\$500
Recibos para vencimentos, preço por 1:000.....	6\$000
impressos para guias de receita, preço por 3:000 .....	42\$000
Orçamentos, preço de 200 .....	800\$000

etc., etc.

## **A obra dos republicanos**

*Câmara Municipal de Lisboa*

1º ano de administração

Saldo positivo 39:608\$717 reis

### **Custo de materiais:**

Pedra lioz serrada c/ 20 <sup>mm</sup> de espessura .....	1\$960
Idem c/ 180 <sup>mm</sup> de espessura .....	5\$106
Idem c/ 250 <sup>mm</sup> de espessura .....	6\$606
Idem c/ 300 <sup>mm</sup> de espessura .....	8\$460
Pedra lioz desbastada de 2 a 3 <sup>m<sup>3</sup></sup> .....	45\$000
Idem serrada de 25 <sup>mm</sup> .....	1\$800

### **Custo de impressos:**

Licenças para obras, preço de 1:000 .....	3\$000
Idem para carruagens, preço de 1:000 .....	8\$000
Recibos para vencimentos, preço de 1:000 .....	2\$000
Impressos paria guias de receita, preço de 3:000 .....	5\$175
Orçamentos, preço de 200 .....	3395\$000

etc., etc.

Votar nos candidatos Republicanos, é votar pela  
fiscalização honesta, é votar pela moralidade

27 de Janeiro

O poeta Silva Passos, que escreve no *Mundo*, conta-me o seguinte a propósito do inquérito à Casa da Moeda:

– Há já muito tempo houve um incêndio na Casa da Moeda. Mandaram-me lá. Fui. O fogo era no vestiário dos operários, e os bombeiros tinham arrombado alguns caixotes que ali se encontravam. Estavam cheios de moedas. Vi eu. Fui para o jornal e escrevi a notícia sem lhe ligar importância. Pois no dia seguinte foi um inferno: o Casimiro José de Lima e o França Borges queriam por força uma rectificação acerca dos caixotes. – Não rectifico, porque vi, e, se vocês me forçam a rectificar, eu vou lá para fora e faço um escarcéu. – Andaram atrás de mim mais de três dias, até que o França Borges me declarou: – É preciso rectificar, porque o Casimiro José de Lima muitas vezes nos tem dado dinheiro para as férias do *Mundo*.

Só agora é que dou pela importância do que então escrevi. Os caixotes estavam ali, evidentemente, para serem retirados à socapa.

\*

Quando se mandou dizer para a Inglaterra que o nosso ministro em Londres seria o Magalhães Lima, de lá responderam que o tinham em muita consideração mas que «em tempos escrevera um artigo a favor da Irlanda...».

\*

A papelada continua a ser infernal: protestos, cartas abertas, reclamações, etc.

31 de Janeiro

Disse-me ontem o Simões Raposo, democrata puro e que nada ganhou com a República, perdendo, ao contrário, as suas ilusões, que os mortos, nos dias da revolução, foram cerca de quatrocentos.

– No dia 5 de Outubro eu ia já a caminho de bordo com ordem expressa para que os navios fizessem fogo com as peças de maior calibre. Se os do Rossio se não rendem, a Baixa era arrasada.

– E renderam-se porquê?

– Foi a fuga do rei.

Então pergunto-lhe:

– Quem fez a revolução?

Resposta imediata:

– O Machado Santos e o José de Castro.

E explica:

– O Machado Santos dizia muitas vezes: «Nós fazemos a República e vamos depois oferecê-la aos caudilhos.» O José de Castro convocou todos os *maçons* sem lhes explicar para que os convidava. Foi uma reunião importantíssima, em que, decerto pela primeira vez, houve maioria absoluta. Não se fizeram discursos. O Machado Santos apresentou uma proposta para que o José de Castro pudesse nomear uma comissão secreta com o fim de defender os maçons e a liberdade, e cujas ordens todos eram obrigados a acatar. Dali saiu a *comissão de resistência* que fez a revolução. Quando o

directório do partido republicano, que até aí não andava nem desandava, viu esse núcleo resolvido a andar para diante, também foi – para não ficar para trás... É preciso não esquecer o João Chagas, que prestou grandes serviços. Se a 16 de Julho a revolução vem para a rua – e esteve por um triz – a ele e só a ele se devia. Era por cima da Casa Africana que o Chagas reunia os oficiais comprometidos.

– Mas o juiz de instrução chegou a saber...

– Além da Carbonária e da Acácia<sup>6</sup>, havia a Jovem Portuguesa, que foi apanhada pelo Hoche, e desde então abandonada pelos organizadores.

«Em Lisboa não seriam mais de dez mil, os carbonários e aderentes, mas, na realidade, as forças que se podiam movimentar não chegavam a três mil homens. Em todo o País calculo os carbonários em trinta mil. Ao pé de cada quartel organizara-se um grupo civil, em contacto e comunicação directa com os soldados.

– Mas no dia da revolução poucos apareceram.

– Chegámos a ter oitocentos homens prontos e divididos em núcleos de cinco homens com bombas, outros cinco com armas e mais outros desarmados, e que tinham por missão impedir que a Guarda Municipal se concentrasse. Este plano não teve execução completa porque faltaram à última hora armas e bombas, mas quase todos os aliados cumpriram o seu dever.

– E a revolução estava marcada...

– Para o dia 5 de Outubro. A morte do dr. Bombarda ia-a prejudicando. Toda a noite entrou e saiu gente, no Centro de S. Carlos, pedindo revólveres, armas e a senha. – Venham bombas! – Eram bandos atrás de bandos de populares, oficiais e sargentos, que levavam armamento, cartuchos, ordens. Pois a Polícia, em frente, no Governo Civil, não interveio. Nem viu nem ouviu!

– E as bombas?

– Havia vários depósitos, na Sé, nas escadas do consultório do Eusébio Leão, etc.

– E os chefes, onde se reuniam?

– No clube dos Makavenkos, à hora do espectáculo, na Rua dos condes, ou nos Armazéns Grandela, na ocasião de maior concorrência. A Polícia nunca desconfiou. Quanto ao plano, os militares tinham um e os civis tinham outro. Ah, os militares, o que eles hesitaram!... Numa reunião a que eu assisti expôs-se aos oficiais o que os civis

---

<sup>6</sup> Outra pessoa informa-me:

Quem deu as regras para a organização da Carbonária foi um italiano chamado Violante. Era o chefe do estado-maior do chefe da Carbonária.

Havia em Lisboa, além da Jovem Portuguesa, duas associações secretas, a Carbonária e a Acácia, que recebiam ordens da Alta Venda. A Carbonária, mais importante, tinha trinta a quarenta *barracas*, de cento e cinco homens cada uma. As barracas dividiam-se em *canteiros* centrais e estes subdividiam-se em *choças*.

Ainda ultimamente os jornais publicavam convites neste género:

C. P. :

Avisam-se todos os B. P. de que devem ocultar a sua qualidade de associados.

A tagarelice não serve para coisas sérias.

Como ninguém sabe o que é o dia de amanhã, cautela pois!

A A. V. visto terem sido descobertos na imprensa os seus antigos membros, já se encontra substituída, bem como o Grão-Mestre.

Ninguém conhece as surpresas que o dia de amanhã nos reserva.

Tra. em Jer. aos 15 dias de Novembro de 1910 (era vulgar).

J. R. Marat

G. Mes. :

havam organizado. Acharam bem, mas duvidavam, calavam-se.<sup>7</sup>

– Mas, então?... – perguntava o Bombarda.

– Isto não está ainda bem. V. Ex.<sup>a</sup> não conhece a psicologia do soldado.

E ele, olhando-os altivamente:

– Estou-a estudando...

Estas palavras acabaram com as últimas hesitações.

E Simões Raposo continua:

– Todos os grandes movimentos, luta contra os padres, revoluções, etc., que se fizeram em Portugal nos últimos tempos, saíram da Maçonaria. A Maçonaria atravessou uma grande crise. Durante algum tempo manteve-se apenas pela tradição. O Hintze combateu-a, tentando organizar outra, de que foi grão-mestre o custódio Borja e para a qual devia entrar o rei D. Carlos. O plano fracassou. Mais tarde, João Franco e Melo e Sousa debalde tentaram ingressar na Maçonaria, que nesse tempo já caminhava com desassombro. Então João Franco pensou em aniquilá-la, [mas hesitou sempre e nunca se atreveu a dar-lhe o grande golpe.

«Na época revolucionária dispúnhamos de muitos governadores civis monárquicos, que se prestavam a proteger e a dar fuga aos republicanos, caso fôssemos vencidos. As senhas que nos serviram durante os últimos meses nas missões de propaganda foram estas (são as palavras que os *maçons* se transmitem *em cadeia*): AMOR E SOLIDARIEDADE, TERRA DA PROMISSÃO.

\*

O Bethencourt, que era bibliotecário do Paço:

– Dois particulares da rainha foram procurá-la a Inglaterra. Ela mandou-lhes dizer:

– Portugueses, nem vê-los?

Um aristocrata diz-me esta coisa cruel, esta coisa horrível – horrível e falsa:

– No fundo, a rainha gostou que tivesse morrido o rei D. Carlos – para ficar ela a mandar com a Pepita Sandoval.

\*

Palavras de José de Azevedo:

– Eu não con Spiro. Para quê? Isto vai por si, e acabamos com uma intervenção estrangeira.

\*

Uma frase antiga de Junqueiro. que hoje vem à baila:

– Quando se fizer a República, o Bernardino há-de ir num andor numa procissão, e, para demonstrar a sua cordialidade, noutra andor irá a Padroeira do Reino. O D. Carlos retira-se para Vila Viçosa todas as noites o Bernardino vai jogar com ele o *whist*.

---

<sup>7</sup> «Cândido dos Reis conhecia muito bem os seus camaradas e por isso repelia amiudadas vezes o seguinte: *os que dizem estar Connosco e não vêm para o nosso lado, se formos vencidos serão os primeiros a comandar os pelotões de jogo que nos hão-de fuzilar, só para que não suspeitem que eram nossos cúmplices.*»

(*Intransigente*, 18 de Abril 1911)

\*

E a definição dum pobre homem muito gordo, o visconde da Torre, que um dia veio de Braga por aí abaixo meter-se na política:

– uma máquina de transformar carne de vaca em carne de porco.

18 de Fevereiro

Morreu anteontem, em Cuba, o Fialho de Almeida. Diz-se por aí que se suicidou. Duvido. Sei que sofria do coração e que ultimamente vivia num sobressalto porque todos os dias recebia cartas anónimas com ameaças e insultos, por causa dos artigos que escrevia para o Brasil. Queixava-se amargamente «desta republiqueta». Quando vinha a Lisboa, passava as noites no Coliseu, acompanhado pelo padre Sena Freitas, ambos entusiasmados com os palhaços. Previu talvez a morte: «Ao contrário do que se pensa, eu sou um perpétuo enfermo de neurastenia e males crónicos. Agora mesmo eu atravesso uma crise tão difícil que chego a pensar se resistirei a ela ainda algum tempo. Aos meus antigos males junta-se agora o coração, que não funciona bem, e a *angina pectoris*, que ronda, à espreita da primeira ocasião (Carta de Fialho a Coelho Neto).»

Apressaram-lhe a morte?

Há quem diga, peremptoriamente, que sim, com a intimação de que se calasse, senão que o punham na fronteira...

O *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, publicou esta interessante carta, que confirma em parte o que para aí se diz:

«Foi acordado que, se as minhas correspondências para o *Correio da Manhã* continuarem a referir-se desagradavelmente para a República, eu também serei *convidado a ausentar-me por algum tempo*. «Isto é categoricamente oficial.»

Agora devo convidar também V. Ex.<sup>a</sup> a ler o bilhete que incluso remeto, e me foi remetido de Lisboa por um amigo íntimo que priva quotidianamente com membros da colónia brasileira de Lisboa e da colónia de portugueses, antigos negociantes no Brasil. Por esse bilhete e pela feição grave que a intolerância jornalística está tomando em Lisboa (e no resto do país seguir-se-á) eu delibero por agora, até à reunião das Cortes, ou ao restabelecimento da normalidade, abster-me de me ocupar completamente da política portuguesa. Tenho uma pequena casa agrícola de que viver; e que não marcha (pelo reduzida e modesta que é) sem a minha administração directa. Tenho aqui, no Alentejo, um irmão meio louco e profundamente enfermo, de que não posso separar-me. Não tenho rendas nem cargos, que sempre passaram distantes de mim, sem que ninguém se lembrasse nunca de me interessar na vida pública do meu país.

De sorte que o desterro de meu canto, sobre me ser dolorosíssimo, arruinaria completamente o meu fundo económico, expondo-me na velhice a muito sérios desconfortos.

Resolvo escrever cartas sobre todas as matérias que não contendam com a política da República, e ignorar esta, até um dia em que a minha desforra chegue, e mui pela certa chegará. V. Ex.! exporá o conteúdo desta à redacção do *Correio da Manhã*, e ela responderá se está de acordo com a minha forçada resolução.

Por via dela retirei duas correspondências que já ia mandar, sobre os últimos sucessos políticos, e seguirei o *Correio da Manhã* com a dedicação e escrupulo que possa, grato, como estou, ao favor da sua generosa acolhida.

Renovo junto de V. Ex.<sup>a</sup> os meus protestos de simpatia e de agradecimento. Se do nosso desgraçado país quiser alguma coisa do meu préstimo, mande rara tudo o servo e amigo *Fialho d'Almeida*.»

\*

Vi hoje, numa velha crónica de Guimarães, em que um cônego paciente ia notando dia a dia a vida local – que a mãe de Emídio Navarro era vimaranense. O pai, que então estava na banda de música do regimento, ali a namorou e se casou. Mas o mais curioso é que ela era filha dum homem empregado no tribunal, a quem chamavam *Esperta...*

19 de Fevereiro

– Quem impediu que a revolução se fizesse no dia do assassinio de D. Carlos foi o Bernardino Machado – afirma o Simões Raposo.

E logo o Emídio Garcia conta:

– Duma vez, o Pad-Zé, com uma bomba na mão, disse ao Bernardino: «O senhor anda aqui a empatar a revolução e por isso decidi sacrificar-me matando-o!» E fazia o gesto. Ia atirar com a bomba, iam morrer ali ambos. O Bernardino, aflito, bem queria discutir. «Ó Pad-Zé, tenha juízo, eu...» Mas o outro., batendo com a bomba descarregada em cima da mesa, exclamava: «Morremos aqui ambos!»

\*

Se no Paço, depois do regicídio, estavam receosos, os republicanos não tinham menos medo. Logo a seguir ao atentado o Jaime Cortesão veio a Lisboa delegado por vários grupos do Norte que reclamavam a revolução imediata. Trazia um bilhete para o Bernardino Machado, e foi à noite ao *Mundo* procurá-lo. No *Mundo* miraram-no de alto a baixo, desconfiados, e levaram-no para uma sala onde havia muitos letreiros neste género: «Cuidado com os bufos! Fora os bufos», etc. Debalde ele apresentou o seu cartão. Não lhe apareceu ninguém. Foi dali bater à porta dum republicano, muito do Afonso Costa, que não lha abriu; falaram-lhe a medo por uma gradinha.

Por fim, lá se decidiu a ir à Rua de S. Bernardo e esteve quatro horas com o Bernardino, que, depois de o ouvir, lhe disse:

– Revolução!? Mas, para se fazer uma revolução, é preciso um general montado num grande cavalo, um Saldanha que se ponha à frente das tropas e as arraste...

E concluiu:

– Sabe que mais? Diga aos nossos amigos do Porto que se vão preparando mas é para as eleições.

\*

No Porto, jornais suspensos, jornais assaltados. Bruno publica a seguinte

#### DECLARAÇÃO AO POVO E AO GOVERNO

Em face dos deploráveis acontecimentos ocorridos na noite de ontem nesta cidade, e tendo nós mesmos recebido, por mais de uma vez, a ameaça de que a nossa redacção seria dentro em breves dias assaltada, achando-se, pois, a nossa liberdade e a nossa segurança pessoal em flagrante perigo, protestando contra a situação intolerável em que toda a cidade se encontra, resolvemos suspender desde hoje a publicação do «Diário da Tarde», até que providências sérias e eficazes sejam dadas e, em virtude delas, se restabeleça a normalidade legal, que permita ao

cidadão a tranquilidade moral pela confiança, justificada então, nas autoridades constituídas.

Porto, 16 de Fevereiro de 1911.

Pelo «Diário da Tarde»,  
*José Pereira de Sampaio*

E logo a seguir afirma que se retira «enojado» da vida pública. Basílio Teles, que se fechou por dentro, traduzindo o *Livro de Job*, é tratado de mentecapto...

7 de Março

Foi hoje apupado na Rua do Ouro o bispo do Porto, que veio preso para Lisboa.

É uma grande figura de bondade. Dá tudo que tem. Mão para aqui, mão para ali, vai até aos últimos vinténs. Ganhava doze contos por ano; agora, quando lhe vasculharam o paço, só lhe encontraram cotão. Está pobre e – pormenor cheio de ternura e grandeza – era preciso pôr-lhe alguém de sentinela ao lado para o impedir de dispor – de dar – de distribuir até o indispensável à sua vida comezinha.

– Qualquer dia pego num saco e vou também pedir com vocês – dizia ele aos pobres.

Grande figura de bondade, observam, mas carácter fraco. Dizia sempre que sim. Pediam-lhe hoje uma coisa e amanhã o contrário: – Pois sim... – Será um santo – afirma o Alberto Pinheiro Torres – mas é um mau prelado. – E outro explica: – A propósito da leitura da pastoral, não soube ou não pôde responder ao Governo: – Fiz o que em consciência entendi. – Titubeou: – Não tive tempo de prevenir os padres... – O que não era exactamente a expressão da verdade.

Tudo isto será verdade, mas, quanto a mim, a figura de D. António Barroso não se amesquinha por ser um pouco fraca e humana; sinto-a até mais perto do meu coração.

20 de Março

Às duas horas da manhã foi hoje proclamada, pela primeira vez no nosso país, a greve geral.

\*

Últimas contas do Ministério do Interior da grande subscrição para pagamento da dívida externa:

Recebido pelo Ministro do Interior .....	799\$855
Junta da paróquia de Mondim de Basto .....	10\$000
	<hr/>
	809\$855

A dívida externa está, creio eu, em oitenta mil contos.

23 de Março

A notícia do dia é a partida para Vigo de Paiva Couceiro.

\*

Veio aí, apoiado pelo estrangeiro, um irmão da duquesa de Cadaval reclamar por causa de uns tumultos em Muge. Era um homem que «suava oiro», na frase de António José de Almeida.

2 de Abril

As célebres sindicâncias, com que os republicanos fizeram tanto espalhafato, não têm dado senão ninharias e misérias.

Diz o *Intransigente* de hoje:

É muito difícil, senão impossível, obter documentos elucidativos justificando e legalizando a verba «despesas reservadas do ministério dos Estrangeiros»? –, que figura constantemente nas tabelas da despesa ordinária e extraordinária do mesmo. A largos traços, podemos apontar que já em 2 de Junho de 1870, o Duque de Saldanha mandava abonar, *discretamente*, pelas despesas reservadas, 20\$00 mensais a Augusto Garfos da Costa Clamarate.

– A 11 de Maio de 1881, o falecido ministro Hintze inaugurava a sua carreira no ministério mandando abonar a Duarte Gustavo Nogueira Soares 40\$00 mensais «*para poder trotar-se com a decência que exigia o seu alto cargo*».

– A condessa da Lousã recebia a mesada de 9500. Tendo morrido, determinou o falecido ministro Lobo de Ávila, a 30 de Junho de 1895, que a mesada continuasse a ser abonada à filha da referida condessa. A 10 de Junho de 1902, o ex-ministro Matoso dos Santos elevou a mesada a 12\$50, e a 4 de Junho de 1904, o ex-ministro Venceslau de Lima tornou a elevá-la a 20\$00.

– A Baronesa de Saavedra recebia uma mesada de 10\$00. Tendo falecido, o ex-ministro Vilaça, a 25 de Abril de 1905, mandou continuar a mesma mesada ao filho da referida Baronesa.

A 25 de Maio de 1905, o ex-ministro Vilaça mandou abonar a Maria Joana a mesada de 9500.

A 6 de Setembro de 1905, o ex-ministro Vilaça, mandou abonar a viúva de Emídio Navarro a mesada de 40\$00.

A 12 de Dezembro de 1905 o ex-ministro Vilaça mandou abonar à condessa de Paço de Arcos, a mesada de 25\$00.

– A 17 de Fevereiro de 1906, o ex-ministro Vilaça mandou abonar a Ferreira Simões a mesada de 9\$00.

– A 11 de Novembro de 1907, o ex-ministro Luciano Monteiro ordena que pelas «despesas reservadas» lhe seja passado, em seu nome, uma ordem de 400 libras em oiro. Dias depois, a 29 de Novembro, mandava anular a mesma ordem.

– A 26 de Novembro de 1907 pede uma ordem de pagamento, em seu nome, de 107\$80. Foram entregues a Jacinto Parreira.

– A 16 de Dezembro de 1907, pede uma ordem de pagamento. em seu nome, de 2.500\$500. Foram entregues a Jacinto Parreira, não havendo documento de 156\$15.

– A 5 de Maio de 1909, o ex-ministro Venceslau de Lima determina que lhe seja entregue, em seu nome, a importância de 400\$00. para despesas reservadas.

– A 21 de Julho de 1908, o ex-ministro Lima manda abonar 120 libras a Jacinto Parreira, para ir a Berlim.

– A 18 de Dezembro de 1908, o ex-ministro Lima manda abonar 693\$00 a Jaime de Séguier, para ir ao Brasil, numa missão extraordinária.

– A 18 de Dezembro de 1908, o ex-ministro Lima manda abonar a Camelo Lampreia

800\$00, para uma missão confidencial.

– A 18 de Dezembro de 1908, o mesmo manda abonar a Soveral, em Londres, 59 libras, para o enterro dum servente da legação.

– A 18 de Janeiro de 1909, o mesmo manda abonar a Sousa Rosa, em Paris, 81\$00, para uma despesa reservada.

A 8 de Fevereiro de 1909, manda abonar a Camelo Lampreia 200\$00, em ouro, para despesas reservadas.

– A 30 de Março de 1909, o mesmo manda entregar a Montufar Barreiros 120\$00.

– A 30 de Março de 1909, o mesmo ao mesmo, 760\$00.

– A 7 de Maio de 1909, o mesmo ao mesmo, 300\$00.

– A 26 de Maio de 1909, o mesmo ao mesmo, 240\$00.

– A 9 de Setembro de 1909, o ex-ministro Bocage manda entregar a Montufar Barreiros 600\$00.

– A 19 de Outubro, o ex-ministro Bocage manda entregar a Camelo Lampreia 200\$00.

– Na mesma data, o mesmo ex-ministro manda entregar ao mesmo Lampreia mais 200\$00.

– A 12 de Fevereiro de 1910, o ex-ministro Vilaça mandar entregar a Montufar Barreiros 1.120\$00.

– A 4 de Março de 1910, o mesmo manda entregar ao mesmo 256\$33,5.

– A 9 de Julho de 1910 o ex-ministro Azevedo Castelo Branco, mandou entregar no mesmo Lampreia 200\$00 em ouro, para despesas duma comissão, de carácter confidencial, que estava desempenhando.

– A 31 de Outubro de 1910, o actual ministro dos Estrangeiros, Dr. Bernardino Machado, cessa a concessão de tal abono.

E Emídio Garcia, que pertence à comissão da sindicância ao Ministério da Fazenda, conta:

– O que aparece são trapalhadas e misérias. A encadernação dos livros, que custava sete mil réis no tempo da Monarquia, custa agora três mil e quinhentos. Com o Matoso dos Santos na Fazenda passaram mais de trezentos contos pela mão do porteiro desse ministério. O Q. R. recebeu mil libras em ouro para uma viagem gratuita ao estrangeiro. A viúva do P. C. tinha um crédito de novecentos mil réis no mesmo célebre porteiro. A lavagem das secretárias custava um dinheirão. As obras do gabinete do ministro subiram à módica quantia de catorze contos, quando valem três. Nos últimos dois meses da Monarquia gastaram-se, só por esse ministério, oitocentos mil réis em recados. Na Casa da Moeda fabricavam-se pastilhas de chocolate afrodisíacas com os moldes que serviam à moeda, etc.

Afinal, uma burocracia de que se dizia tão mal e que se sai tão meticulosa e honesta que até as contas das fraudes tinha pregado com alfinetes na papelada!

8 de Abril

O Teófilo Braga fez cessar a pensão de quarenta mil réis mensais que Bulhão Pato recebia por imaginários trabalhos históricos da Academia. É a fome para o velho poeta, que tem oitenta anos de idade.

Gomes Leal está também na miséria, e Junqueiro diz a propósito dos dois:

– Acho bem que se dê uma pensão ao Bulhão Pato, mas não só dinheiro, dinheiro e simpatia, dinheiro e um ramo de flores. Pouco dinheiro, porém, porque o poeta português precisa de pouco para viver. Trinta mil réis de mesada, o necessário para a alpista, o- bastante para ele poder cantar. Quanto ao Gomes Leal, se estivesse bem do

juízo, que corresse os perigos e os riscos da sua atitude. Não está? Dê-se-lhe qualquer coisa. Percebia-se que o Gomes Leal tivesse renegado o seu passado para ser um místico mas, para se fazer sacristão do padre Matos, nunca!

\*

Junqueiro foi pedir ao Bernardino a sua exoneração de Berna por causa duma notícia, na *Intransigente* de 6, em que Machado Santos atacava a criação dum lugar de secretário naquela embaixada. Mal ele saiu da Redacção do *República*, entrou o Machado Santos, furioso contra o Junqueiro e contra o Governo:

– O Junqueiro! O Junqueiro que foi procurar-me a casa para me convencer a que fizesse a política do Afonso e do Bernardino! Isto não pode continuar! Todos os oficiais de Marinha que tomaram parte na revolução foram postos de lado!...

Homem duma energia rara, no dia do assassinio do rei foi atacar Infantaria 16 sob um chuveiro de balas. Faria comícios a cem e mais soldados na serra de Monsanto.

Está de luto e rouco. É um tipo com uma mecha de cabelo rebelde e o olhar febril através dos óculos. O «plastron» preto foge-lhe pelo colarinho acima:

– Como querem que eu os possa ver, ao Afonso e aos outros? Já diziam mal de mim no dia da revolução, e em 5 de Outubro mandaram as metralhadoras para o alto da Avenida, para me metralharem a mim e aos meus artilheiros.

E do Basílio Teles diz:

– Fui procurá-lo a casa. Recebeu-me numa grande sala onde só havia três cadeiras. Basílio Teles/tinha entrado no ministério mas queria a pasta do Interior, para a qual estava preparado com a reforma administrativa, etc., e com a condição de se estabelecer um tribunal revolucionário, o que tinha sido óptimo: salvava-nos de vergonhas e até dos assaltos aos jornais com a cumplicidade de certos ministros...

Mal ele saiu, tornou o Junqueiro como um diabo de mágica:

– Tem de rectificar, como prometeu. Um herói não pode ser ao mesmo tempo herói e pantomineiro!

\*

Foi ao Machado Santos que Teófilo, logo depois da revolução, disse a frase que para aí corre:

– O senhor é como o bom sapateiro que vem entregar as botas já prontas ao freguês.

Somente Machado Santos considerou sempre que os outros se adiantaram – conservando-o na Rotunda até formarem governo.

\*

Corre que o Sanches de Miranda foi apanhado em Badajoz com documentos de republicanos portugueses para republicanos espanhóis.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Telegrama dos jornais:

Canalejas deu conta ao conselho de ministros, reunido sob a presidência do rei, do reclamação de Portugal sobre os portugueses monárquicos que estão refugiados em Vigo. Canalejas disse tratar-se de famílias inofensivas que se limitam a chorar a queda do rei Manuel. Acrescentou que também a Espanha está queixosa dos alentos que os revolucionários recebem de Portugal. – I.

26 de Abril

O Santos Tavares, que trabalha com o Bernardino, assegura que foram apreendidos telegramas do rei e da rainha dirigidos a Afonso XIII insinuando a intervenção. No Paço foram encontrados papéis a esse respeito?...

28 de Abril

Anteontem, no banquete que lhe foi oferecido em Braga, no Teatro de 5. Geraldo, Afonso Costa confirmou solenemente as palavras do manifesto do Directório, dizendo:

«A monarquia empregou todos os esforços para aniquilar nos portugueses o amor da pátria, não recuando ante o crime de chamar a intervenção do estrangeiro armado.

«O pai do rei exilado foi o cúmplice de esbanjamentos e latrocínios. E este último, D. Manuel, há-de ficar na História – afirma-o bem alto – com o estigma indelével de traidor à pátria. Durante meses e até a madrugada de 5 de Outubro ele trabalhou para assegurar uma intervenção estrangeira que, à força de espingardas o mantivesse no trono contra a vontade expressa do seu povo. São factos não só testemunhados por pessoas, mas também confirmados em provas irrefutáveis, constituídas por cartas e rascunhos do próprio punho do exilado, que não hesitou em autenticar com a sua assinatura documentos que proclamam a sua traição.»

\*

O *Petit Parisien* também publica uma entrevista que 9 seu redactor sr. Higuette teve com o presidente do Governo Provisório, dr. Teófilo Braga.

Como a certa altura o sr. Higuette tivesse perguntado se não haveria quaisquer atenuantes a favor dr D. Manuel, o sr. dr. Teófilo Braga respondeu-lhe que não havia nenhuma. D. Manuel não poderá nunca ter um partido em Portugal. Palavras do presidente do Conselho:

«Isto é inteiramente impossível, porque descobrimos no Palácio das Necessidades doze cartas, extremamente graves, do ex-soberano, cartas que actualmente estão na posse do ministro da Justiça e foram escritas, antes da revolução, a sua mãe, de dois países amigos que então visitava.

Nelas narra D. Manuel certas conversas que teve com os presidentes do concelho de ministros dessas nações, acrescentando, muito claramente, que tentara obter a promessa da sua intervenção, no caso de a dinastia de Bragança se ver ameaçada de perto, mas que tão somente obtivera em resposta várias propostas para tratados de comércio.»

\*

Os jornais publicam a nota dos adiantamentos:

## OS ADIANTAMENTOS

Importâncias recebidas por D. Carlos

**Resumo geral dos adiantamentos feitos ao sr. D. Carlos pela  
Direcção-Geral da Tesouraria**

Extracto do relatório da comissão de sindicância

Ministros	Importâncias		
	Pagas	Recebidas por conta	Saldos em débito
Augusto José da Cunha	126:000\$000	30:000\$00	96:000\$000
João Franco	40:000\$000	38:000\$000	2:000\$000
Mariano de Carvalho	50:000\$000	– \$ –	50:000\$000
Oliveira Martins	2:702\$915	– \$ –	2:000\$000
Dias Ferreira	25:333\$935	10:000\$000	15:333\$935
Augusto Fuschiini	11:000\$000	11:000\$000	– \$ –
Hintze Ribeiro	667:691\$615	15:000\$000	652:691\$615
Ressano Garcia	15422\$000	– \$ –	15:422\$000
Manuel Afonso Espregueira	810:031\$106	– \$ –	810:031\$106
Anselmo de Andrade	41:683\$168	– \$ –	41:683\$168
Matoso Santos	1:099:937\$070	– \$ –	1:099:937\$070
Teixeira de Sousa	258:872\$520	– \$ –	258:872\$520
Rodrigo Pequito	67:140\$934	– \$ –	67:140\$934
Conde Penha Garcia	37:118\$663	– \$ –	37:118\$663
João Franco (Ministério de)	97:807\$990	– \$ –	97:807\$990
	3:350:741\$916	104:000\$000	3:246:741\$916

Além destas importâncias, há outras, provenientes de comboios, telegramas para o estrangeiro, obras nos palácios, etc.

## Resumo dos adiantamentos feitos à Sr<sup>a</sup> D. Maria Pia

Pela Direcção-Geral da Tesouraria

Ministros	Importâncias		Saldos	
	Pagas	Restituídas	Devedores	Credores
Hintze Ribeiro	507:322\$554	117:450\$000	389:872\$554	
Mariano de Carvalho	24:000\$000	24:000\$000		
Augusto Jose da Cunha	95:000\$000	111:667\$000		
F. Ressano Garcia	14:411\$541		14:411\$541	16:367\$000 (*)
Manuel <sup>a</sup> Espregueira	92:205\$169		92:205\$169	
Anselmo de Andrade	1:954\$174		1:954\$174	
Matoso dos Santos	218:36\$595	47:050\$861	171:317\$093	
Teixeira de Sousa	22:517\$535	1:000\$000	21:517\$535	
R. Afonso Pequito	26:000\$000		26:000\$000	
Conde Penha Garcia	8:635\$666		8:635\$666	
Mariano de Carvalho – (Empréstimo contraído, em Berlim, pelo conde Ribeiro da Silva, como administrador da casa da rainha D. Maria Pia, de 2.7005000 marcos, com caução do Estado)	797:772\$944		797:772\$944	
	1.808:1875537	301:1675861	1.523:686\$676	16:667\$000
A deduzir o saldo credor			16:667\$000	
			1.507:019\$677	

(\*) Quanto foi restituído o saldo do débito não contaram com dez prestações entregues, de 1:6675000, e por isso existe este saldo credor.

\*

– Como não querem que a Espanha desconfie de nós, *se* o presidente do Governo é o Teófilo, que protestou contra o fuzilamento do Ferrer? – diz Junqueiro. – Era preciso explicar aos espanhóis que o Teófilo não é nada no Governo. Não passa dum elemento decorativo.

Ele próprio o reconhece:

– Não fazem caso nenhum de mim. Nem me ouvem. Sabe para o que eu estou ali? Tenho lá uma campainha para tocar a reunir.

E, aferrado aos mesmos costumes simples, o grande homem continua a subir a calçada da Estrela a pé, com o velho guarda-chuva debaixo do braço.

17 de Maio

Só se fala na contra-revolução e na lei da Separação das Igrejas do Estado.

– É espantoso! – exclama Junqueiro. – E note: todos os ministros acharam a lei ótima. O Camacho abraçou o Afonso Costa no fim da leitura: – É a melhor lei que você tem feito. – O Bernardino escreveu-me: – A lei é boa, tirei-lhe as asperezas. – Eu tinha-lhe perguntado: – Bernardizaste-a? – Bernardizei-a.

«Ora a lei é estúpida, dignifica o padre, e vai ferir o sentimento religioso do povo português. Resultado: a guerra civil. Se a não modificarem, temo-la dentro de pouco tempo. O povo odiava o jesuíta, o povo não se importava com o padre. Era cortar em carne morta. Mas, com esta lei, o caso muda de figura, e só o mau padre, só o bandalho a podem aceitar. Havia a convidar o padre com bons modos a sentar-se à mesa e depois convidá-lo amavelmente a comer. Que fez o Afonso Costa? Antes de lhe dar de comer, pespegou-lhe uma bofetada na cara e um pontapé no traseiro. E há dois dias faz uma conferência no Porto dizendo que ia acabar com o cristianismo! É tolo. É o padre Matos do registo civil. A República ou se modifica ou morre. Isto não resiste a quarenta tumultos por esse País fora. Junte ao movimento religioso os ódios, as paixões, a gente que conspira na fronteira. E ainda por cima não há maneira de formar um ministério homogéneo: o Afonso e o Almeida não se podem ver, o Camacho não esconde o seu desprezo pelo António José. Faltam também os homens: o Basílio está doido, o José Sampaio infantil e nas mãos do António Claro.

\*

Ontem (22), os bispos publicaram um protesto, o que fez dizer a Junqueiro: – Os padres são de lama, e o Afonso Costa supôs que eles fossem de m...!

Receava-se a dureza, veio a atrocidade; receava-se a sujeição, veio a tirania; receava-se o cercar de garantias e direitos, veio a humilhação vilipendiária; receava-se a grave e penosa redução dos necessários recursos, veio a confiscação; receava-se enfim a injustiça, veio com ela o sarcasmo.

.....  
No seu conjunto, o que é que contém o diploma? Resume-se todo em quatro palavras: injustiça, opressão, espoliação, ludíbrio.

E neste tom segue o protesto até terminar:

Depois de Roma falar, o clero católico do nosso país sabe o caminho a seguir: *obediência ou apostasia*. Estamos no momento de máxima gravidade na vida do catolicismo em Portugal. A joieira de Satanás vai trabalhar. Haverá joio? É crível, é condição humana e é lição da história. Mas esperamos que a cizânia não será muita.

Os factos já conhecidos autorizam-nos a confiar que os padres portugueses estão ao lado dos seus prelados; e prelados e padres bem como os simples fiéis, intimamente unidos entre si pelos laços de coordenação e comunhão de crenças e de sentimentos, de convicções e de vontades, darão testemunho eloquente de subordinação perfeita e testemunho eloquente da fidelidade inquebrantável à voz do Supremo Patriarca, que faz as vezes de filho de Deus na terra. E ao filho de Deus dirá cada um – com sinceridade igual, mas com firmeza superior à de Pedro: – *Domine, tecum paratus sum et in carcerem et in mortem ire* (Senhor, estou pronto a ir convosco ao cárcere e à morte.)

(Protesto colectivo dos bispos portugueses contra o decreto de 20 de Abril de 1911, que separou o Estado da Igreja.)

\*

O grande poeta parte amanhã (24) para Berna.

– O Afonso Costa está pior. O médico, que ontem tinha esperanças, o Daniel de Matos, hoje perdeu-as. Há motins por a. É grande a inquietação. A minha única esperança é que o Bernardino, que está morto por transigir, modifique a lei. Senão temos a guerra civil. Aos da fronteira só lhes faltava uma questão – demos-lha agora excelente. Se o Paiva Couceiro comprou alguns regimentos cá dentro, estamos perdidos.

E, a propósito do Afonso Costa, diz:

– É um homem admirável e perigoso. Já um dia lhe observei: «Você é perigoso para a Monarquia, há-de ser perigoso para a República e para si próprio.» É também um homem cheio de audácia. É um ciclone e um cronómetro... Eu bem prego a uns e a outros, mas eles só ouvem as suas paixões.

E depois conta:

– Fui eu que no Porto convenci o Afonso Costa a chamar ladrão ao rei naquela sessão célebre em que os republicanos foram expulsos do Parlamento e de que se derivaram depois tantos e tão graves acontecimentos. Eu via tudo perdido e ú Camacho a caminhar para o franquismo. Então meti-me com o Afonso um dia em casa e disse-lhe: «Os dissidentes já esclareceram suficientemente no Parlamento o caso dos adiantamentos. O que é preciso agora é tratar o rei como um ladrão vulgar. Quem fez o que ele fez, pode ainda converter-se e vir a ser um santo, mas não pode continuar a ser chefe de Estado. Ou penitenciária ou fronteira. É preciso ser brutal. Acabei de o convencer à esquina da Rua do Sá da Bandeira, recomendando-lhe que não dissesse uma palavra do que tencionava fazer. Depois de tomar uma decisão, esse homem é frio, matemático, cronométrico. Foi para o Parlamento e chamou ladrão ao rei.

26 de Maio

A noite foi de pânico. Há quem diga para aí baixinho que o Afonso Costa já morreu. Espera-se a contra-revolução. Grupos de carbonários armados velam às esquinas das ruas.

27 de Maio

– Quando os republicanos preparavam a revolução – diz Simões Raposo – foi-lhes oferecido dinheiro estrangeiro. Em oiro, mas pagava-se um juro fabuloso. O António José opôs-se sempre a que viesse dinheiro de fora. Nem do Brasil o quis aceitar.

\*

Venho do Norte (17). Está anunciada a contra-revolução para estes dias. A lei da Separação foi mal recebida. O *Mundo* de hoje põe a questão aos padres nos seguinte termos, referindo-se ao decreto publicado:

Podem todos cumpri-lo sem receio dos bispos; se estes, vingativamente, odiantemente, lhes retirarem o exercício do múnus religioso, nem por isso o Governo deixará de lhes conceder do mesmo modo as pensões que a lei lhes concede. Definidos os campos, esclarecida a situação, *rebeldes e traidores* para uma banda, *patriotas e portugueses* para outra, resta-nos declarar, de forma que todos o oiçam, que as responsabilidades serão tornadas severamente aos criminosos, na razão directa do louvor que a República e o povo hão-de prestar àqueles que, com lealdade e honra, bem servirem a sua pátria!

As prisões estão cheias. Em Coimbra houve acontecimentos graves. O Alpoim diz dos conspiradores: – Até tinham artilharia! E os próprios republicanos se acusam com furor.

Regímen novo, regímen honesto, todos esperavam que fosse novo nos processos e honesto nas intenções: que se não manchasse do sangue das vinganças mesquinhas, mas que não se deixasse enlamear no churdeiro das transigências vergonhosas.

Simplesmente, os processos para isso adoptados foram os mais contraproducentes, os mais inábeis – quase que íamos a escrever: os mais criminosos e os mais imbecis.

Pana os serventúrios impudentes da monarquia, sem convicções e sem decoro, que acorreram, na defesa da gamela, a estender o pescoço à coleira dos novos donos, a República foi mais do que generosa e magnânima: de porta aberta... chegou a ser obscena.

Para os outros, para os que, vendo acima das formas de governo e interesse supremo da nacionalidade, para os que, não tendo corrido ao batuque dos novos ídolos, esperavam que se lhes aceitasse a sua cota no sacrifício que a todos se afigurava indispensável para ressurgimento da Pátria-mãe comum, – a esses, que eram todos os honestos, todos os desinteressados, que não vinham ao balcão da República leiloar na hora do triunfo a consciência, pela mesma razão de decoro que os inibira, no tempo das vacas gordas da monarquia, de mercadearem a inteligência, – a esses, a República cometeu, primeiro, a *gaffe* de os deixar no seu retraimento, cometeu, depois, o erro de os escorraçar com a enxurrada dos seus decretos, em que, à falta de gramática e à penúria de ideias, se armavam os fogos de vista, espalhafatosos e balofos, das grandes medidas que transformando tudo no tropel tudo deixavam ficar na mesma no campo da realidade.

(*Intransigente*, 20 de Maio)

\*

É hoje! é hoje, diz-se. O governador civil publica um edital pedindo sossego. Os padres parece que estão resolvidos a fechar amanhã as igrejas. A 29, a excitação aumenta. São chamados reservistas da 3ª divisão. No Porto concentram-se tropas.

Muitos oficiais recebem três manifestos do Couceiro, acompanhados duma carta em que ele lhes diz: «Camarada, leia-me, e se não me achar razão, quando nos encontrarmos faça fogo contra mim.» Está uma coluna em Vila Real. Os carbonários guarnecem a fronteira. Corre que o *Adamastor* desapareceu misteriosamente. A guerra civil é inevitável ou Couceiro pretende apenas lançar o País na agitação, como se depreende da seguinte carta, sem data, lida no Parlamento e encontrada a um conspirador?

As declarações de grande maioria do clero, que leio nos jornais, levam-me a supor que aí se prepara uma resistência contra a tirania demagógica que nos domina. E como a união faz a força, dirijo-me a V. Ex<sup>a</sup>, para lhe perguntar se não se lhe afigura vantajoso tratar-mos dum entendimento.

Seria bom, parece-me, a conjugação dos esforços, quer com respeito à forma de acção, quer com respeito a momentos de actuar.

O golpe que daqui se prepara, convém precedê-lo por agitações e conflitos por forma que não provoquem repressões violentas desde logo, mas dêem a ideia (aliás verdadeira) de que todo o País se encontra em estado revolucionário latente, e incomodem e atrapalhem o Governo e introduzam, portanto, a confusão, a hesitação, o enfraquecimento nas medidas de defesa que ele está procurando adoptar.

Vista a altura em que temos os nossos preparativos, essas agitações e conflitos locais podiam ir principiando desde já, e em tal sentido escrevo, hoje mesmo, a alguns influentes do Norte.

Se V. Ex<sup>a</sup> concorda, peço a sua valiosíssima cooperação e impulsão neste sentido.

Sou, com a maior consideração e simpatia,

De V. Ex<sup>a</sup>  
admirador e amigo muito obrigado  
(a) *H. Paiva Couceiro*

Hoje? amanhã? quando? Ele próprio o diz no seu último manifesto chamado *O dia da revolução*, que acaba assim:

Quando?

Quando menos o esperarem.

Quando os que a si tomaram a enternecedora missão de salvar Portugal assim o entenderem.

Mas, seja quando for, será a tempo de impedir que a república conclua o seu crime, entregando a nossa pátria ao estrangeiro!

*Viva Portugal monárquico!*

19 de Junho

– Nos últimos seis meses que precederam a revolução, lidei a todas as horas com o Miguel Bombarda. Não era nada um impulsivo, como para aí se diz. Era um homem duma energia de ferro que, depois de tomada uma resolução, nunca voltava atrás. As pequenas coisas não o preocupavam, as grandes estudava-as e resolvia-as. Nunca vi persistência assim, nem tão grande poder de organização – diz o António José de Almeida.

\*

Simões Raposo:

– Sim, algumas vezes em reuniões d.e exaltados ouvi falar num atentado contra D. Carlos, mas sempre, nessas ocasiões, o António José de Almeida repelia e protestava contra essas ideias. É até minha opinião de que o atentado do Terreiro do Paço foi um mal para a República.

*A Vanguarda* de 29 de Junho dá a relação dos estrangeiros que se têm apoderado dos caminhos-de-ferro, tabacos e fósforos:

1º Que a primeira linha de caminhos de ferro de Portugal está nas mãos dos estrangeiros; que o seu director-geral é estrangeiro e que dos seus corpos dirigentes fazem parte os seguintes estrangeiros: Director-geral: Luis Forquenot; Secretário: R. M. Moreau; Administradores: A. Kergall, Alexis Rostand, Ernst Daehnhardt G. de Frédaigues, Luis Lhomme, Marius Bô, J. Raya y Otton, C. G. Jobling, Felix J. Picard, L. Schepens, A. Créon, F. Goetz, Olivier Pierre, Ernest Créon, F. E. Pointout, August Hennaut, etc., etc., etc.

2º Que a Companhia dos Tabacos, que goza do mais nefasto monopólio conhecido, e inventado e comprado aos governos da monarquia pela famigerada casa Burnay (John, Burnays Sénior e Juniores, Merck, Empis e outros estrangeiros) é dirigida pelas seguintes criaturas; Administração: Eduardo Burnay, Henry Burnay & C<sup>a</sup>, Barão de Neufelize, Antoine Vlasto, Conde Adrien de Germiny, E. Ullman, G. Auboyneau, Paul Desvaux, e Paul Leroy-Beaulieu; Pessoal diverso e geralmente de confiança: Edouard Neuville, Paul Lauret, Albert Fabri, A. Manhim, Gustave Pereire e Marquês de Frondeville; Pessoal diverso: André Llorente, E. Kebe (Sénior e Júnior), R. J. Empis, Albert Wemans, A. Prescott, etc., etc., etc.

3º Que a Companhia dos Fósforos, que, em nome de interesses estrangeiros, se digladiou tão intensivamente no último contrato dos tabacos, querendo, é claro, juntar nas suas mãos os dois monopólios, tem à sua frente as seguintes entidades: Carl Reincke, J. O'Neill, e Joseph William Henry Bleck.

19 de Junho

Constituintes. Grande massa de povo nas ruas.

1 de Julho

Animação desusada ontem à noite em Lisboa. Grupos pela Baixa em frente aos *placards* dos jornais. A sensibilidade da cidade chegou ao auge. Gente oferece-se para partir para a fronteira, onde a toda a hora se espera a incursão de Couceiro. Hoje corre que Couceiro está em Vinhais.

O busto de Pinheiro chagas, que encima o monumento do ilustre escritor, na Avenida da Liberdade, apareceu, anteontem, com um grande laço de crepes em volta do pescoço. No pedestal lado sul e lado central foram afixados dois *placards* trajados de preto e tendo impressos os seguintes versos:

Foi tribuno e poeta. Amou o seu pais,  
trajou-lhe a História.  
Viveu pobre, e assim morreu porque assim o quis  
vendo num nome honrado a verdadeira glória.  
Foi-lhe brasão a honra, a liberdade culto,  
e a Pátria, a Pátria querida,  
Nunca pôde sonhá-la avergada a um insulto,  
nem jamais, sem horror, a visionou traída.

Com piedade te enluta o povo português,  
de quem cantaste os brilhos,  
Pois afronta a tua Pátria o estrangeiro, não vês?  
Há traidores que o incitam, e os traidores são teus filhos!

Ao que os monárquicos respondem com outros versos afixados na Igreja da Conceição Nova.

\*

O Maximiliano mostra-me na Rua do *Diário de Notícias* a casa onde morreu o Taborda, e mais adiante, à esquina, a casa onde morou a Rosa Damasceno antes de ser amante de D. Luís. Era na ocasião em que figurava com sucesso na *Família Benoiton*.

\*

O Decreto da Assembleia Constituinte – remate da revolução:

# REPÚBLICA PORTUGUESA

## DECRETO

DA

## ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE

A Assembleia Nacional Constituinte, confirmando o acto de emancipação realizado pelo povo e pelas forças militares de terra e mar, e reunida para definir e exercer a consciente soberania, tendo em vista manter a integridade de Portugal, consolidar a paz e a confiança na justiça, e o bem-estar e progresso do Povo Português – proclama e decreta:

1º Fica para sempre abolida a monarquia e banida a dinastia de Bragança.

2º A forma de Governo de Portugal é a de República Democrática.

3º São declarados beneméritos da Pátria todos aqueles que para depor a monarquia heroicamente combateram até conquistar a vitória, consagrando-se para todo o sempre, com piedoso reconhecimento, a memória dos que morreram na mesma gloriosa empresa.

20 de Julho

Morreu ontem, no Porto, duma pneumonia, o pai do dr. Ricardo Jorge. Era um homem robustíssimo, e que, com oitenta e um anos de idade, vivia ainda de casa e pucarinho com uma amiga. Tinha sido ferreiro: aguçava os picos aos pedreiros da Câmara. A mãe do Ricardo Jorge, já morta há muitos anos, era também uma mulher admirável, destas criaturas populares cheias de energia e de saúde moral, também filha e neta de ferreiros. O Ricardo Jorge, já lente da Escola Médica, ia todas as tardes sentar-se a conversar com o pai na oficina da Rua das *Liceiras*.

Quando, um dia, lhe falei nisto, disse-me:

– E o que o senhor não sabe é que essa mulher, no dia da morte de meu pai, passou a noite a chorar, sentada no portal da nossa casa. Eu não o soube senão mais tarde, senão mandava-a entrar.

25 de Julho

Ontem foram chamados ao Ministério da Guerra representantes de todos os jornais, e Sá Cardoso, em nome do ministro, pediu-lhes que o ajudassem a manter a disciplina, não dando ouvidos às queixas dos soldados.

– Porque a indisciplina é enorme nos soldados, nos sargentos e até nos oficiais. Os soldados querem vir para a rua e o oficial não os deixa? É talassa! Um sargento faz um pedido e não o atendem... Talassa! talassa! A situação tinha melhorado – continua o Sá Cardoso – mas com a chamada dos reservistas transtornou-se tudo. Fizeram coisas horríveis: foi preciso mandá-los embora a toda a pressa. Em Aveiro saquearam o mercado e de sabre em punho exigiam dinheiro a quem passava. Em Braga escacaram o convento de Montariol. Não ficou uma porta, não ficou uma janela, não ficou um livro. Foi tudo despedaçado, queimado ou roubado. Ora – conclui – se isto assim continua não é possível aguentarmo-nos.

\*

Fui hoje visitar o irmão de Latino Coelho. É um velhinho engelhado, de cabeleira branca, com oitenta e oito anos de idade. Vive entre cacós, duas ou três cadeiras de couro, retrato, saudades, pó, numa casinha de boneca, na Rua da Vinha, nº32. Não diz coisa que valha. Só afirma com convicção: – O Bulhão Pato, o Rebelo, o Lopes de Mendonça, o Margiochi, que bêbados... que. bêbados!... O Rebelo da Silva era um cínico. Morava numa casa abaixo da nossa.

Uma criada velha tomou conta dele e vivem vendendo os restos da mobília, ora uma cadeira, ora uma mesa, conforme as necessidades de momento. É tão irresoluto e tão fora da vida, que deixou que lhe roubassem umas propriedades em Oeiras. Por desleixo, não foi lá durante muitos anos. Quando se lembrou de ir vê-las, tinham-lhe deitado a mão. Era necessário um processo – recuou diante do processo. Passa fome. Às vezes não se levanta por não ter uma camisa para vestir. A criada vai pedir esmola ou vende uma cadeira, logo um bufete – a ver quem chega primeiro, se a miséria, se a morte.

28 de Julho

Malva do Vale conta:

Éramos quatrocentos e cinquenta homens no alto da Avenida antes de vencermos; depois fomos milhares, todos armados, desde o Ribeira Brava até aos ilustres desconhecidos. Apareciam heróis às chusmas.

Dispúnhamos dum admirável serviço de informação feito pelo povo, que espontaneamente nos comunicava: – Vem aí a Municipal por tal sítio. – Homens postados pelas ruas fora iam-nos passando as notícias. Por várias vezes saí do acampamento – para pedir à Marinha que desembarcasse, para mandar fazer fogo contra as Necessidades, e por fim, de automóvel, para evitar que os regimentos do Norte combatessem, efusão inútil de sangue.

– E os carbonários?

– Eram vinte mil, posso garantir-lho, mas, quando foram precisos em 4 de Outubro) só apareceram seiscentos. Tinham combinado não deixar sair a Guarda Municipal, atirando-lhe bombas, mas a Guarda saiu quando quis.

\*

Américo de Oliveira:

– A Rotunda teve três mortes. As outras baixas foram na Avenida. Houve um momento de desânimo, mas eu disse ao Machado Santos: – És capaz de te sustentar enquanto vou ao quartel de marinheiros buscar reforços? – Não arredo pé até ao último homem.

«Quem talvez nos salvou foi o homem que estava à peça que fazia fogo contra o Couceiro. Que valente! À noite, os soldados, no fim do combate, contavam histórias. Alguns nem sabiam lidar com a artilharia. Como as peças que varriam a Avenida não estavam bem, foi lá o Serejo, serenamente, como quem vai de passeio, regular-lhes a alça...

Agosto

A intriga política desencadeada: manifestações, conflitos, protestos. Hoje, a multidão dirigiu-se para o palácio das Cortes, numa atitude agressiva contra o Governo. Oito meses depois da revolução são assacados os máximos insultos contra os representantes do povo. Brados, chascos, monas. Azevedo Gomes, Brito Camacho e José Relvas são recebidos de bengalas erguidas e apóstrofes violentas. Machado Santos tenta usar do seu prestígio e é alvo de impropérios. Ninguém é poupado: nem deputados, nem ministros, nem revolucionários. Ontem (4) toda a gente afirmava que a manifestação tinha um fim político. O *Intransigente* ia mais longe:

De todos os deputados, de todos os membros do Governo, um único foi recebido com palmas e vivas pela turba; foi o titular da pasta da Justiça, dr. Afonso Costa. S. Ex<sup>o</sup>, sem mesmo o consultarmos, assim o afirmamos, não se sentiu nada lisonjeado com tal manifestação da parte daqueles que haviam pretendido enxovalhar os seus colegas. E, assim como afirmamos isto, também podemos jurar que o sr. ministro da Justiça percebeu tanto como nós qual o fim que os manifestantes tinham em vista.

Ao mesmo tempo, segundo dizem de Chaves, a incursão parece iminente. O País tem sido inundado de papéis e manifestos:

# Ao Povo

PORTUGUESES:

Estes homens que – sob o falso nome de republicanos – se proclamaram, por entre bombas, dinamites e tiroteios, governantes da nossa gloriosa PÁTRIA estão-nos enganando!

Liberdade, Igualdade, Fraternidade nos prometeram eles.

Tirania, privilégios de seita, delações e vinganças foi o que nos deram.

O nosso país era dantes aquele em que as claridades do sol quase perene e a limpidez azul dum céu sem manchas fielmente retratavam os primores de carácter e as humanas tendências dum povo afectuoso e nobre.

Azul e branco tínhamos por cores.

O nosso país é hoje muito diverso: de desconfianças e de ódios verdes que envenenam o mesmo ar que se respira, de pistolas Browning a atestarem de dentro do bolso de cada português as paixões vermelhas que nos conturbam o espírito nacional!!

Verde e vermelho temos agora por emblema, e à força, verdes e vermelhos nos querem fazer.

Bandeira, religião e tradições, tudo, sem dó nem respeito, nos defenderam, espezinharam ou destruíram...

Em nome do POVO – dizem eles.

Mas iludem a verdade, porque, decerto, não falam nem obram em nome do POVO «esses mesmos» que ao Povo atropelam os sentimentos, pervertem a disciplina, desorganizam o trabalho, fazem tábua rasa das crenças e dos costumes, como se de escravos se tratasse... e eles fossem os senhores!!

Decerto não falam nem obram em nome do POVO «esses mesmos» para quem o POVO não passa duma figura de retórica; que tem o valor aparente dos fundos jacobinos.

PORTUGUESES, FOMOS ENGANADOS!!!

Debaixo do manto chamado República ocultavam-se esbirros e mordças, favoritismos, incompetência e mentira; e o seu facho de emancipação liquidou numa chave negra que tanto fecha a masmorra das garantias que nos roubam, como abre os cofres públicos à ganância dos espíões que nos vigiam!

Abaixo os tiranos e a inquisição vermelha e verde!!!

Viva a Pátria e a Liberdade, com a nossa bandeira azul e branca!!!

---

## *DESMENTINDO UMA INFÂMIA*

Desminto terminantemente a calúnia traiçoeira que a República espalha, dizendo que eu pretendo entrar em Portugal com espanhóis.

8 de Julho.

*HENRIQUE DE PAIVA COUCEIRO*

## **Soldados!**

Pelo seu valor e qualidades havia a tropa portuguesa alcançado nome honroso e digno, afirmando-se hoje como ontem, de Angola a Moçambique, da Guiné ao Oriente, herdeira legítima dos descobridores e dos conquistadores do mundo, que foram nossos avós!

E no serviço de cada dia, e nessas árduas empresas através de mares longínquos e terras adversas, tinha a bandeira azul e bronca sido o guia dos nossos passos, o alento do nosso corpo, o ímpeto das cargas a ferro duro com que vínhamos acrescentando, aos fastos anteriores da nossa história de bravuras, o brilho de novos loiros.

Com os olhos fixos nessa insígnia consagrada, jogámos muitos de nós a vida e a saúde, sofreremos – sem queixumes – perigos, privações e cansaços e dentro dos seus braços amigos, grande número dos nossos valorosos camaradas temos nós visto baixar à terra, varados por amor às suas cores.

Para nós, Exército, era Ela, portanto, não somente o símbolo venerando da Pátria, mas ainda a nossa fiel e inseparável companheira de anos, de esforços, sacrifícios e trabalhos, mas também a nossa folha pessoal do livro de glórias, onde nós próprios, com a nossa alma e o nosso sangue, inscrevemos Marracuene e Moffio, Dembos e Magul, Namarrais, Colela e tantas outras áureas legendas da luminosa biografia nacional!

Contudo, essa antiga bandeira, que era há nove meses a dum exército com tradições, união, disciplina e conceito por toda a parte do mundo, prostraram-na no solo, como se fora um valho farrapo sem valia!!

E no solo jaz ainda; e caídas, sob as suas dobras, tradições e união, disciplina e conceito geral que eram o nosso timbre, a nossa força e o nosso maior orgulho!

Levantemo-la, pois, soldados, a nossa velha bandeira; e eia avante! que ela de cor já conhece o CAMINHO DA VITÓRIA.

**Pela pátria livre, soldados, eia avante!!**

HENRIQUE DE PAIVA COUCEIRO.

\*

Ninguém, porém, se ilude. A questão grave é a lei da Separação:

Protestam – diz o bispo da Guarda em data de li ou 12 deste – os senhorios contra a lei do inquilinato, protestam as classes operárias contra a regulamentação das greves, protestam as agremiações socialistas contra certas prisões; ¿e só os católicos é que não terão o triste e mísero direito de protestar contra as leis que os magoam? ¿Estarão eles assim fora de todas as leis e privados de todas as regalias? Ora eu já tive a honra de dizer em um documento dirigido ao ex.<sup>mo</sup> sr. ministro da Justiça que «é necessário distinguir entre os homens e as leis e entre as leis e as instituições», e creio que ninguém poderá contestar esta doutrina, que é evidentíssima. Escuso alegar aqui de novo os argumentos que então aduzi. Entretanto, se para o Governo, se para os tribunais do meu país discordar de uma lei opressiva, ou protestar Contra ela é um crime, sou então um criminoso, e não nego a minha culpabilidade nem me furto às consequências que daí possam advir. Será para mim uma honra sofrer por uma causa perseguida e ser punido porque me reputei suficientemente livre para ao menos ter a triste regalia de protestar.

Discordei da lei de Separação.

Mas para ninguém pode ser um mistério que eu protestei contra a lei de Separação: corre bem público um documento em que o protesto formal contra essa lei vai também firmado com o meu nome.

¿E como queria V. Ex. que eu não protestasse, se o próprio autor da lei declarou publicamente que o seu resultado seria extinuir-se dentro de três gerações o catolicismo em Portugal?

Demais V. Ex. sabe muito bem que a dentro das fileiras do partido republicano, entre os próprios combatentes que pela república arriscaram a vida, alguns há que publicamente censuram a lei de Separação e a julgam inexequível. Ninguém os pode acusar de anti-republicanos e só um bispo que pensa da mesma forma, embora talvez por motivos diversos, há-de ser lançado às feras e declarado inimigo da República? Não, Ex.<sup>mo</sup> Sr.; a igualdade, que deve ser um dos mais firmes predicados dum regímen democrático, opõe-se radicalmente a semelhantes processos. Protestar é um crime? ¿Mas que outro recurso resta aos humildes, aos perseguidos que, para mais, não querem de forma alguma lançar mão de meios violentos nem perturbar a marcha do Governo?

¿Vamos ter a guerra civil ou pior? Pior é a Espanha, que, segundo diz o Armando Navarro, não nos pode ver, auxilia o Couceiro e já esteve para nos invadir logo depois de proclamada a República. Chegaram a dar ordens para a mobilização de forças, e o general Primo de Rivera afirmava que vinha até Abrantes com vinte mil homens sem disparar um tiro. Valeu-nos – diz-se – a gente da Casa do Pueblo, de Madrid, que fez levantar não sei quantos quilómetros de via férrea na linha de Salamanca, valeu-nos Weyler, que afirmou serem necessários trezentos mil homens, cem mil para a invasão, cem mil para conter em respeito os elementos radicais, com mil para a guerra de Marrocos – valeu-nos talvez a Inglaterra, que não quer perder a sua posição em Portugal e no Atlântico.

\*

Mais papéis distribuídos nas ruas:

NO CAPITAL ESTÁ O ROUBO  
NO MILITARISMO O ASSASSINO  
SÓ A ANARQUIA DEITARÁ  
ABAIXO TUDO ISTO

18 de Agosto

O pachorrento José Barbosa, ainda acerca da revolução, narra:

– Ninguém sabia nada, a não ser o *comité* revolucionário. Nem Afonso, nem Bernardino. Nós tratámos da parte militar e o António José, porque se não dava com o Chagas, foi encarregado da parte civil da revolução. Mas o grande trabalho de preparação militar deve-se principalmente ao Chagas. Fizemos *fichas* de todos os oficiais do Exército. O Chagas foi incansável. Um dia chegou-se a esta conclusão inesperada: todos ou quase todos os oficiais republicanos afastava-os o Governo para a província. Foi então que Cândido dos Reis se incumbiu de ir à província preparar a neutralidade dos corpos. E conseguiu-o. A revolução fez-se no dia 5 de Outubro porque já ninguém continha os marinheiros, que iam partir nesse dia para a semana de Cascais.

E José Barbosa, burguês calvo, de olhos espertos, continua:

– Se as tropas não se rendem no Rossio às nove da manhã, os sargentos fuzilavam os oficiais: Posso assegurar-lho. Quando entrei no quartel-general, já sabia quem ia nomear comandante da divisão. Dirigi-me logo ao Carvalhais e ele respondeu-me, hesitando: – Mas eu não sou talvez de confiança... – Eu sabia, porém, com quem contávamos: o Cândido dos Reis tinha-mo indicado. Disse-lho.

E conclui:

– Se não vencêssemos, estávamos perdidos. Sei que havia ordem na Polícia para nos matar a tiro. Ah, essa Polícia, que vergonha! Quando lá entrei, porque me mandaram chamar, desataram aos vivas à República. E o Hoche perguntou-me:

– Que quer V. Ex<sup>a</sup> que eu faça? – Considere-se preso no seu gabinete. E o que eu exijo desde já é que solte os homens presos por causa das bombas.

Então o Inocência Camacho, um homem gordo e solene, de barbas pretas, que tem estado calado, abre pela primeira vez o bico:

– O Malaquias de Lemos ainda me propôs, depois de tudo acabado: – Se V. Ex.<sup>a</sup> quer, eu fico com o comando da Guarda Municipal durante três dias. – Respondi logo: – Já temos comandante. – Não tínhamos. Saí e no Chiado encontrei o Ribeiro pelo braço do José Barbosa: – Está preso para comandante da Guarda – disse-lhe.

E no mesmo tom de voz monótono afirma:

– Tenho a convicção de que Cândido dos Reis foi assassinado.

É também esta a opinião dum módico que assistiu à autópsia e que disse: – O Cândido dos Reis não se podia ter suicidado.

\*

Um módico de Coimbra dá-me as seguintes curiosas informações:

– Coimbra é um foco reaccionário. Depois do 31 de Janeiro os jesuítas resolveram conquistar Coimbra. Até então e ainda durante três ou quatro anos, os estudantes eram republicanos. Mas, depois, começaram a aparecer em Coimbra os estudantes dos colégios jesuítas de S. Fiel, Campolide, etc., e Coimbra modificou-se a ponto de só lá haver hoje, na Universidade, um ou dois lentes republicanos e de, nos bancos escolares,

predominarem os estudantes reaccionários. No quarto ano médico de 1911, por exemplo, só há um estudante de ideias liberais. E o curioso é que os jesuítas atacavam inteligentemente as melhores posições: mandavam os seus alunos mais distintos para ciências naturais e para o Exército. Só o colégio militar mantinha as suas tradições. De modo que onde hoje se encontram mais reaccionários é nos postos inferiores, nos alferes e nos tenentes. Dentro em pouco, pela instrução, de que se tinham apoderado, o País era deles.

Agosto

Política! política! Quarenta deputados para um lado, oitenta para outro; mais tantos para outro, sem contar *os amarelos*... A grande preocupação é esta: quem vai ser o presidente: Arriaga, Bernardino ou Magalhães Lima? Havia ainda outro candidato: Braamcamp Freire, mas o *Mundo* já afirmou que é necessário, para se ser presidente da República, que os candidatos declarem qual é a sua opinião sobre a lei da Separação das Igrejas, e Braamcamp, católico, desistiu.

O *País*, que foi sempre radical, esteve há dias para ser empastelado por atacar a candidatura de Bernardino Machado.

Votou-se votem a Constituição (19 de Agosto), mas a questão presidencial complica-se. Já quando da proposta da inelegibilidade dos ministros, as *Novidades* faziam as seguintes alusões:

Evidentemente, a eleição do sr. dr. Bernardino Machado e a teimosia dos seus amigos têm levantado atritos de tal ordem, que já o sr. ministro da Justiça se lembrou de clamar no parlamento, quanto se tratava da inelegibilidade dos ministros, que *ou se retirava a emenda ou iam para a rua*. Não sabemos bem o que quer dizer esta frase de ameaça saída da boca do sr. ministro da Justiça. Iam para a rua! Quem? O grupo do sr. dr. Afonso Costa, que trabalha e que quer a todo o transe a eleição do sr. dr. Bernardino Machado? A emenda retirou-se, é certo, mas a ameaça continua suspensa até à eleição, porque se esta não recair no sr. dr. Bernardino Machado, é claro que a salda para a rua far-se há com maior violência e com consequências mais desgraçadas.

E a *Luta* de 17 dizia: «Anuncia-se para hoje uma nova jornada ao Parlamento. Pretexto – inculcar aos votos da Assembleia, para a presidência da República, o nome do sr. Magalhães Lima. É o caso de se dizer – «numa casa se põe o ramo e noutra se vende o vinho».» A política excitada, a rua excitada, os conspiradores na fronteira. Ontem (23 de Agosto), os operários corticeiros quiseram lançar fogo às fábricas da Outra Banda. Em Borba os trabalhadores rurais devastaram algumas propriedades. Em Évora houve comícios anarquistas. A luta é feroz, os ódios cada vez maiores. – Isto acaba em tragédia – dizia hoje Junqueiro – mas, quando se ouvirem agora tiros, não é o rei que matam, é o país que morre. – (7 de Setembro) Ontem, os deputados engalfinharam-se aos gritos de talassa! E, à noite, grupos que estavam em frente do teatro da Rua dos Condes injuriaram Machado Santos, chamando-lhe herói de m... Vem aí João Chagas para formar ministério...

Qual é a verdadeira situação do País? Toda a nossa vida é artificial: se há um ano mau, é preciso importar trigo (alguns milhares de contos). As colónias não nos mandam açúcar nem algodão que chegue (importamos quatro mil contos de açúcar e não sei quantos de algodão). As máquinas e o carvão vêm de fora e pagam-se a ouro que não temos e o Brasil pela emigração nos remete. Vendemos gente. A cortiça, de que somos os maiores produtores da Europa (40 por cento), sai em bruto para a Alemanha, que a

manipula e a espalha no mundo... Podemos aguentar-nos?...

25 de Agosto

Ontem foi eleito por grande maioria Presidente da República Manuel de Arriaga. É a vitória do candidato de António José de Almeida. Na véspera fui procurá-lo à Rua da Santíssima Trindade, nº35. Um salão burguês com quadros de Silva Porto e Ramalho. O velho, que mantém certa aparência de vigor, com a cabeleira branca, a pêra branca, e a sobrecasaca antiquada, é uma figura arrancada a um quadro romântico. Tudo mudou, a sociedade, que é egoísta, os homens, que são ferozes — só ele se conserva inalterável e ingénuo.

– A maior impressão da sua vida? – pergunto-lhe.

– A ternura do povo da Madeira por mim.

– A revolução surpreendeu-o?

– Muito. Foi cedo demais! foi cedo demais, verá!...

E acaba por esta frase enternecedora:

– Há trinta e oito anos que ia para a praia. Este ano não pude ir, mas, quando recebo cartas dos meus netos, choro.

3 de Setembro

Os decretos de hoje:

### **Presidência do Conselho de Ministros**

O Presidente da República, em nome da Nação, há por bem aceitar a demissão pedida pelos cidadãos António José de Almeida, Afonso Augusto da Costa, José Relvas, António Xavier Correia Barreto, Amaro Justiniano de Azevedo Gomes, Bernardino Luís Machado Guimarães e Manuel de Brito Camacho dos cargos que respectivamente exerciam de Ministros do Interior, Justiça, Finanças, Guerra, Marinha, Negócios Estrangeiros e Fomento, sendo-lhe grato reconhecer que serviram a pátria com inteligência, com zelo e acendrado patriotismo.

Lisboa, em 3 de setembro de 1911. – *Manuel de Arriaga – Joaquim Teófilo Braga.*

### **Presidência do Conselho de Ministros**

O Presidente da República, em nome da Nação, ha por bem nomear os cidadãos João Pinheiro Chagas, Diogo Tavares de Melo Leotte, Duarte Leite Pereira da Silva, Joaquim Pereira Pimenta de Castro, João Duarte de Menezes, Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Paes e Celestino Germano Paes de Almeida para respectivamente exercerem os cargos de Ministros do Interior, Justiça, Finanças, Guerra, Marinha, Fomento e Colónias, ficando, interinamente, a cargo do primeiro o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Lisboa, em 3 de setembro de 1911. – *Manuel Arriaga – Joaquim Teófilo Braga.*

## Presidência do Conselho de Ministros

O Presidente da Republica, em nome da Nação, ha por bem aceitar a demissão pedida pelo cidadão Joaquim Teófilo Braga do cargo de Presidente do Ministério, sendo-lhe grato reconhecer que o exerceu com inteligência, com zelo e acendrado patriotismo, e nomeia para o substituir o Ministro efectivo do Interior e interino dos Negócios Estrangeiros, João Pinheiro Chagas.

Lisboa, em 3 de setembro de 1911. – *Manuel de Arriaga – Diogo Tavares de Melo Leotte.*

4 de Setembro

Guerra Junqueiro, que vem óptimo da Suíça:

– Se eles não se entendem (os do bloco e os do Afonso Costa e Bernardino), isto está perdido. Basta que comecem a dizer alto o que há quinze anos dizem baixinho uns dos outros. Divididos em partidos, se desandam a atacar-se, é como se partissem o Homem Cristo aos bocados. Estamos aqui estamos na anarquia, mas a história não se há-de escrever com dois carbonários ao lado. Quanto ao Afonso Costa, é um homem perigoso e ciclónico, mas incapaz de persistência. Homens como ele ou vencem e são ditadores, ou caem como um trapo e acabam com uma camisa de forças. É um dramaturgo para os grandes lances. Depois das cenas de efeito maça-se, mete-se no automóvel e desaparece. O único homem que se salva é o António José.

– E, apesar dos conspiradores, vai para a Barca de Alva?

– Não lhes dou importância: O Couceiro devia estar, se houvesse juízo, ou no Limoeiro ou no Governo de Angola. Agora o que ele procura é a morte. Quer morrer no palco, não se resigna a morrer sem uma certa teatralidade. De resto, é um homem perdido, como perdida é a causa que o arrasta. O que têm eles? O padre Cabral, o D. Manuel, o Joaquim Leitão, tudo que há de negativo. O que neles há de positivo demostro nós: uma bandeira, o Paiva Couceiro, a lei de Separação. D. Manuel só poderia atravessar Lisboa dentro dum caixão de defunto. É mais prováveis fazer aclamar rei de Portugal o D. Afonso Henriques. morto há oito séculos, do que a esse rapaz, com os jesuítas, o Espregueira e o resto. Depois, a República tem as suas raízes bem profundamente lançadas. As Constituintes não foram o que eu sonhava mas fizeram muitíssimo. E a propósito, devo dizer-lhe que um jornal de Berna, que o secretário da legação portuguesa me enviou, publica a tradução dos primeiros trinta e dois artigos da Constituição portuguesa, encimados por esta honrosa declaração: «A Constituição portuguesa devia ser o código político de todas as nações da Europa.» Em seguida coteja-a com vários artigos da Constituição suíça, achando alguns da portuguesa superiores.

– Tenciona voltar breve à Suíça?

– Depois das colheitas na Barca de Alva, para onde parto ainda esta semana.

– Apesar dos conspiradores...

– Não tenho receio. Paiva Couceiro liquidará como um D. Sebastião de aldeia, miseravelmente. A sua morte, creio, nem trará grandes sacrificios de vidas à República.

– E a política?

– O Chagas é inteligente e hábil e tem vontade de acertar. Ainda que não ame a justiça, vai ser justiceiro por cálculo; ainda que não ame a verdade, vai ser verdadeiro por habilidade. De resto, o programa do Governo escreve-se numa folha de papel de

cigarro: – paz religiosa, ordem no orçamento, justiça e verdade. O que há para temer não é a contra-revolução lá fora, é a contra-revolução crónica e latente cá dentro.

5 de Setembro

Manifesto do Partido Socialista:

## **Aos dirigentes da Governação na República Portuguesa**

Nesta hora decisiva para os destinos da Nação, ao Partido Socialista Português, como a única oposição possível e eficaz dentro da actual democracia, tão sabiamente apostolizada pelos actuais detentores do Poder durante largos anos de propaganda, incumbe fazer saber qual o sentimento e opinião das classes proletárias, perante o aspecto hesitante e dúbio de que a actual situação política se está revestindo.

Na consciência pública principia a despontar a suspeita, que julgamos deveras arrojada, de que todo o trabalho de demolição feito pelos apóstolos da República, longe de se basear na legítima aspiração dum ideal infindo, teria tido por mero e desprezível objectivo a conquista do poder por motivos de ordem mercantil.

Não o quer assim acreditar o Partido Socialista Português; mas como, pela índole e natureza dos seus ideais, mergulha no mais fundo das numerosas falanges do proletariado, nele surpreende a formação sempre crescente e cada vez mais nítida desta deplorável corrente de opinião.

Nas falanges anarquistas, tanto como entre os sindicalistas e socialistas, e mesmo na opinião mais ou menos hesitante dos chamados indiferentes; no seio, enfim, de todo o proletariado português lavra profundo desgosto, e até revolta, contra o triste espectáculo que ao país e ao mundo estão dando neste momento os mais denodados caudilhos da democracia republicana.

¿Que fraqueza é esta de se deixarem vencer pelo impulso das suas mais violentas paixões, descurando os interesses da República, pondo em risco a paz e a integridade nacional, menosprezando os mais coros interesses económicos do proletariado, que se vê a braços e abandonado na solução dos seus mais graves problemas profissionais, sacrificando-se tudo, enfim, aos instintos do ódio, do comando e da vaidade?

O Partido Socialista Português, senhores, interpreta neste momento o sentir de toda a nação proletária, de todo o país trabalhador e honesto, vindo declarar em público e bem alto que são impolíticas e até traidoras aos ideais republicanos todas e quaisquer cisões ou dissidências que se continuem alimentando entre os dirigentes mais em evidência na pública governação do país.

E, mais do que isto, o Partido Socialista entende que deve ser lançada aos actuais dirigentes e aos elementos mais preponderantes da República Portuguesa a inteira responsabilidade por todas as perturbações de ordem ultimamente havidas e por todas que parecem prestes a haver, incluindo as responsabilidades duma possível Guerra Civil que já alguns julgam iminente, se não resolverem, em holocausto aos seus ideais apostolizados, pôr termo a todas as dissidências e rivalidades partidárias, e se não discutirem e promulgarem imediatamente, com o voto do Congresso, *O Instituto do Trabalho Nacional*, apresentado em projecto de lei pelo deputado socialista, o companheiro Manuel José da Silva, a única forma de se apreciarem e decidirem com

profundo conhecimento de causa todos os complicados problemas económicos que afectam as classes trabalhadoras, e as lançam num justificadíssimo movimento de revolta.

Lisboa, 31 de Agosto de 1911. – *O Partido Socialista Português*.

8 de Setembro

Um médico conta-me hoje este facto horrível: quase todas as crianças pobres, de dez anos para cima, que dão entrada nos hospitais ou hospícios de Lisboa, vão já desfloradas.

\*

Este António José de Almeida, com quem lido há meses, é uma força generosa e simpática. O tempo de governo envelheceu-o. Irrita-se, barafusta: depois passa-lhe tudo com um riso excelente que aflora e ecoa

Há outra coisa que o honra: acredita, começa sempre por acreditar em toda a gente. Uma grande generosidade, um grande arcabouço e uma voz poderosa e magnética. Não é decerto um homem de negócios, como os governos modernos necessitam, ou um político de oportunidades, como para aí se requer. Falta-lhe talvez espírito crítico. É um orador: até os seus artigos são discursos. Adora as multidões, vive dos seus aplausos. Mas justiça, liberdade e povo, que para outros não passam de palavras – são para ele realidades profundas. Outros chegam a ministros e mantêm os seus escritórios de advogado com maior negócio – ele está pobre. Ainda hoje lhe ouvi dizer que não tinha dinheiro para ir de carro para casa.

Em S. Tomé ganhou uma pequena fortuna: mãos abertas, deu-a, levaram-lha: ficou sem pataco.

– Ontem passou por mim um figurão que me disse, de grande charuto na boca, e acenando-me com dois dedos: – Adeus, doutor... – e que tanto dinheiro me levou! E eu não posso fazer um fato novo.

Foi ele quem salvou o Quelhas e outros conventos do incêndio. Vive numa barafunda. É um idealista. Deu tudo à República. Tem-lhe sacrificado a vida e os interesses.

11 de Setembro

A República foi hoje reconhecida. Grande multidão corre as ruas com archotes e vivas. Os jornais dizem:

«Os representantes diplomáticos de Inglaterra, Alemanha, Espanha, Itália e Áustria-Hungria pediram hoje uma audiência ao sr. Presidente do Conselho e Ministro dos Negócios Estrangeiros, a qual se realizou às quatro horas e meia da tarde no respectivo ministério.

Aqueles diplomatas declararam, em nome dos seus Governos, que estes os haviam autorizado a reconhecer oficialmente a República Portuguesa.

Esta resolução das cinco nações tinha sido comunicada ao sr. Presidente do Conselho e Ministro dos Estrangeiros na sexta-feira passada pelos agentes diplomáticas de Portugal.

O sr. João Chagas não quis, porém, tornar pública esta noticia enquanto não lhe

fosse feita a comunicação oficial pelos representantes diplomáticos dessas nações em Lisboa.»

\*

Pergunto ao Malva do Vale se é verdade o que de Machado Santos diz o sargento Gonzaga no seu livro *Na Rotunda*.

– É falso. Machado Santos não fugiu porque não quis. Podia ter momentos de desânimo, como os outros... Duma vez meteu-se realmente numa cova, quando o fogo era violento e não havia necessidade de estar ao pé da peça, mas quase sempre, a cavalo, animava os sondados. Nós é que estávamos deitados no chão. As balas da Municipal varriam o terreno em roda. E eu disse-lhe: – Ó diabo, salta abaixo do cavalo! – Ele respondeu: – É preciso dar o exemplo.

\*

Falo no Cândido dos Reis ao Junqueiro: – Sim – diz ele –, era um homem sempre em «estado de herói», mas era também um neurasténico. Uma grande bondade, uma modéstia infinita. Força não tinha, não tinha energia.

E a respeito de Basílio, que se diz vem por aí abaixo:

– Um alucinado fora de toda a realidade. Todos os homens de acção e de governo são concêntricos. Ele é excêntrico. Mas desse não haja medo. Se chegar a partir para Lisboa para formar Governo, deixa-se, ficar no Entroncamento...

\*

Outubro

Venho do Norte. Vi os padres à frente de bandos marchando para Margaride e Santo Tirso com a *bandeira da religião*. O povo canta:

Queremos Deus, que é nosso reis  
Queremos Deus, que é nosso pai.

Os sinos tocam a rebate. Temos nova tentativa de incursão?

– Tudo isto é obra dos padres – diz Junqueiro. – A questão, não me farto. de o dizer, é esta: Nós devíamos pôr-lhes a mesa, sem afronta, o peru já trinchado. Vinham todos, porque o padre português não tem convicções. O padre português, em se tratando da barriga, tanto lhe faz que as pessoas da Santíssima Trindade sejam três como trezentas. E Roma não tem força. É preciso cortar as garras à lei, mas dentro de certos limites.

\*

O povo parece desvairar. É o povo português que insulta os presos políticos? «Vejam-se os chascos, os escarros, os pontapés e as chuçadas que têm chovido sobre os presos políticos, que nem a turbamulta nem os depositários dos poderes da Nação sabem se são criminosos ou inocentes!» (*d'O Porto*, 19 de Out.). Ou são os bandos que correm de noite as ruas de Lisboa dando vivas e morras: – Abaixo o bloco! – Viva o dr. Afonso Costa! Viva a anarquia! Morra o António José de Almeida.

Já o quiseram matar. Ontem (20 de Out.), a multidão assaltou-o no Rossio, aos gritos de mata! mata! Um homem de face patibular dizia a meu lado: — Dá-se-lhe um tiro na cabeça. — E o dr. Augusto Barreto exclamava: — E para isto trabalhei eu vinte anos! —No meio dum grupo de amigos, a fazer parede, ele só dizia: — Que ingratidão! que ingratidão!...

A agitação nesta camada que vai de Alcântara ao Poço do Bispo é enorme. Fala-se de assaltos. Continuam as prisões. *O Mundo* de hoje (21 de Out.) diz:

COIMBRA, 18. — É do teor seguinte o papelucho afixado ontem de noite nas esquinas e portas de conhecidos *talassas*, que a polícia apreendeu, como o *Mundo* noticiou:

### Prevenção

Agora que a Pátria está sendo invadida por inimigos, previnem-se todos os indivíduos que por conta própria ou por conta de outrem tramem contra a vida de cidadãos republicanos, que, averiguada que seja a culpabilidade, ainda que somente por provas morais, serão justicados onde quer que se encontrem. — Coimbra, 16 de Outubro de 1911.

Os diferentes grupos de republicanos parecem a ponto de vir às mãos. Anteontem (27 de Out.), os amigos do António José reuniram-se, à noite, na Redacção do *República*, todos armados de *brownings* e *smiths*, na iminência dum ataque. São os fanáticos? É o povo? O País não é. O País está bem representado neste pobre António Lourenço que veio por aí abaixo da Guarda e que quer por força pregar ao Governo e ao sr. Afonso Costa a ideia de Deus.

— Tudo isto mudará no dia em que eu os convencer...

Deve ter mais de cinquenta anos e uma figura seca, amolgada pela vida. Tem não sei quê de grande e de triste. Quer exprimir-se e balbucia. É um aldeão que desceu da montanha e vem pregar ao povoado. Vê-se que aquela ideia o dominou até fazer parte integrante de todo o seu ser. Largou tudo, deixou tudo e pôs-se a caminho. Onde dorme? onde come? Não sei, nem ele decerto o sabe. A todas as perguntas responde sempre da mesma forma obstinada:

— É preciso demonstrar a esta gente que Deus existe. Não sou católico, não me importo com igrejas nem com padres. Entendo, porém, que o mal de que padece toda a nossa sociedade é a descrença em Deus e o progresso do materialismo.

— Mas que quer que lhe faça?

E ele entra logo em várias explicações confusas. É um simples, mas é também um homem com grandeza, como todos aqueles que sofrem, trabalham, e se obstinam. Quer pregar e teima: — Deus existe, porque vejo obras que os homens não fizeram por suas próprias mãos, nem por suas próprias mãos podem desmanchar.

E António puxa dum papel.

— O que quero está escrito aqui:

*A ruína do país vem dos materialistas. Materialistas são os homens que dizem que não há Deus, e que o homem é só matéria.. Os homens que eu acuso, que se justifiquem; eu estou pronto a sofrer se não provar o que afirmo.*

*Por este meio ficam avisados os sábios materialistas a apresentarem-se a debater comigo, em reunião que daqui a dias se anunciará. Deus existe!*

Peço-lhe que assine o nome, e, vagarosamente pegando na pena com os dedos nodosos e habituados à enxada, ele assina: *António Lourenço*. António Lourenço vai

pregar o idealismo às turbas de Lisboa. Quer principalmente discutir. Os seus argumentos não serão nem sólidos nem brilhantes. Mas tem fé, e é, como ele diz, a sua consciência que o impele. António Lourenço, na verdade te digo, não sabes o que te espera!

À noite surge inesperadamente Junqueiro e pergunta logo:

– O cavador? onde está o homem? – Fui-lho buscar. E tenho pena de não poder reproduzir textualmente a ironia que faiscou e durou um minuto irisada como uma bola de sabão.

– O senhor que é na sua terra?

– Cavador.

– Então como é que Deus existe?

– Porque foi Ele quem criou tudo isto.

– Quem criou tudo isto não foi Deus, foi o Diabo. Deus não pode criar senão uma obra perfeita. Ora tudo, no Mundo, é imperfeito e o homem é mau. O senhor, na sua vida, nunca encontrou anjos.

– Mas, segundo a doutrina dos nossos maiores, no Paraíso o homem era bom.

– No Paraíso o homem já era mau. Veja o senhor uma laranja. Em certo momento, é uma obra perfeita – três dias depois está podre. Porquê? Porque já tinha dentro o gérmen mau. O homem, no Paraíso, se se perdeu, é que já tinha dentro de si o gérmen mau. Só se Deus o criou imperfeito. Mas Deus, que é divino, que é perfeito, não pode criar imperfeito. Portanto, não criou o homem, nem criou a pedra, nem criou as plantas, que também são más, porque roubam o sustento e o sol aos seus próprios filhos. Quem criou o Mundo, quem criou tudo isto, não duvide, foi o Diabo!

E o António Lourenço balbucia:

– Ora essa! Ora essa!

– Vá para a sua terra e viva e morra na paz do Senhor, como eu quero morrer também. O senhor tem razão, eu é que a não tenho. O senhor possui a verdade, mas aqui em Lisboa são tudo doutores, e ao senhor falta-lhe isto – e aponta para as estantes com livros – a leitura destes calhamaços.

E, quando ele sai, conclui:

– É um bloco de granito com uma centelha lá dentro.

\*

Hoje correm os seguintes versos:

#### GRUPO DEMOCRÁTICO

um grupo de gente exótica,  
Que anda na faina patética  
De pôr em ordem caótica,  
Duma maneira sintética,  
A exaltação patriótica.

2 de Novembro

Ontem, o Vasconcelos e Sá fez diante de mim a descrição viva e animada dos dias 4 e 5 de Outubro, e só então compreendi bem a importância da Marinha na revolução:

Era um grupo de oito ou dez oficiais da Armada, todos eles homens de ação. Todos ligados para sempre pelo perigo como irmãos. E o mais nobre, o que não tem uma falha, duma coragem reflectida e serena, é o José Carlos da Maia.

– E essas horas – continua o Vasconcelos e Sá – foram as melhores da minha existência, as únicas em que me senti viver com intensidade.

Primeiro descreve as deserções, os minutos de dúvida a bordo, enquanto não souo a hora decisiva. O *D. Carlos* e outros navios tinham arvorado a bandeira monárquica. O rio era deles. Chegou a noite e com a noite cresceu a ansiedade: corria que os torpedeiros iam metê-los no fundo. A cada instante os marinheiros, atentos, exclamavam: – Lá vêm os *bigodes!* – Era o negrume, donde parecia destacar-se, na água revolta, outro pedaço vivo de negrume: – Fogo! fogo! são eles!... – Não eram: só uma barça deslizando no escuro.

A bordo do *D. Carlos* trinta oficiais podiam tentar um golpe. Nada fizeram. No Arsenal, cinquenta homens deitaram a fugir ao primeiro tiro de pólvora seca. Da janela da Majoria varriam-nos, se quisessem, com uma salva de metralhadora... O bombardeamento do Paço das Necessidades fez-se com um navio fundeado e outro manobrando. Aos primeiros tiros sumiram-se as tropas que estavam nos telhados. O ataque ao *D. Carlos* iniciou-se com um vapor da Alfândega. Um oficial acompanhou os marinheiros, para não haver chacina a bordo. E a disciplina manteve-se, até nos navios cheios de paisanos que lá se tinham acolhido. Os marujos ensinavam-nos a manejar a *Mannlicher*. – E a pontaria? – perguntavam. – A pontaria faz-se assim – explicavam os marujos: – «estende-se o queixo e estica-se a espinha». – Içadas as bandeiras em todos os navios, decidiu-se o assalto ao Rossio: avançariam três colunas pelas ruas da Baixa e pela Rua do Alecrim, apoiadas pela artilharia de bordo. Ia-se dar a última ordem para o bombardeamento e desembarque. quando apareceu o alferes Vieira da Silva, de Caçadores 5.

– Venho aqui dizer, em nome de dos regimentos, que não fazemos fogo sobre os marinheiros e que nos rendemos.

– Mas é em nome do general que nos diz isso?

– Não é, é em nome de dois regimentos.

– Então não basta.

E o nosso camarada Martins desembarcou e foi intimar o Quartel-General a render-se dentro duma hora... Só depois é que começaram os vivas. O quartel de marinheiros abandonámo-lo porque não nos servia de nada e, dispendo dos navios, retomá-lo-íamos quando quiséssemos.

7 de Novembro

Este Silva Pinto, que morreu há dois dias e que eu conheci sempre desesperado e amargo, a arrastar a perna e com a cabeleira ao vento, era afinal uma figura simpática. Foi um impulsivo. Nunca soube o valor ao dinheiro. Herdou uma fortuna e ninguém – nem ele – explicou como a sumiu. Comeu o pão que o Diabo amassou. Teve fome e orgulho. Enfureceu-se por coisas fúteis. Descompôs toda a gente, até os que lhe deram esmola. Viveu a escrever e a sonhar e acabou amolgado e pobre, como convém aos poetas.

Dias antes de morrer teve uma conversa comigo sobre Camilo, que fixei logo, como costume:

– Era uma língua viperina. Dizia mal de toda a gente, até dos seus melhores amigos.

E em meia dúzia de palavras formou o quadro: vi diante de mim a figura enorme do grande desgraçado, e compreendi que o seu sarcasmo era quase sempre dor. Do que ele se ria com escárnio era da miséria humana, das suas contradições, dos impulsos, da própria alma e da alma dos outros. Muitas vezes, as mais das vezes, ria-se para não chorar. Numa das suas visitas a Seide, o grande escritor apontou-lhe o filho doido, o Jorge:

– Ia-me um dia a matar, e já tinha a pistola aperrada, quando meu filho entrou por aqui dentro sobraçando um Tito Lívio. E disse-me: – Há no Tito Lívio uma expressão que encontro no Horácio em situação completamente oposta.

– Era uma inépcia de tal ordem, que me senti de repente despenhar num abismo e compreendi num relance tudo... Tudo – o irremediável... O que eu senti! O que eu senti! Não foi só dor. Foi dor e negrume – porque aquilo era a prova matemática da idiotice do meu filho. Pus a pistola de lado e desatei a rir... – E Camilo, afagando a cabeça de Jorge, concluiu: – Eu, que julgava ter aqui um grande homem, e sai-me burro como o Teófilo...

– Ria-se do filho? Do filho?! – perguntei num espanto a Silva Pinto.

– Espere... – e pôs-me a mão no braço. – Espere... – Encarei Camilo: uma mescla de sofrimento e dureza na fisionomia transtornada; na boca, fel, nos olhos, lágrimas... E, de repente, gritou-me:

– Saia!

– Que tem?

– Saia! Deixe-me! deixe-me sozinho!

– Sozinho para quê, sabe?

– Para chorar!

Eis três cartas curiosas do final da vida de Silva Pinto, escritas a Manuel Duarte de Almeida, outro que nos últimos anos se apagou para que o deixassem viver, falando cada vez mais baixo e sumindo-se pelos cantos, com um único pensamento obstinado – a sua filha:

7- 12-1 910

Meu velho amigo

Este *trambolhão histórico* devera ser-me útil, ao fim de 40 anos de serviço. Só me foi funesto: os homens ainda são piores do que as mulheres! Falei ao *Bernardino Machado* e escrevi ao *António José de Almeida*, pedindo-lhes trabalho jornalístico, pois que em mim só as pernas sofrem. *Bernardino* prometeu-me isso e um lugarito para um meu protegido. Não me fez nada! *António José de Almeida* nem me respondeu...

Não me mato, porque da minha miséria ainda comem outros. Mas veja o meu amigo se encontra um desses dois cavalheiros – lembre-lhes este pobre de Cristo.

Como eu me enganei!

Seu

*Silva Pinto*

s/c., Travessa da Palmeira, 35

13-1-1911

Meu amigo

Escrevo a custo – por isso escrevo pouco.

O seu caso do intrujão que lhe *absorveu* os 10.000 réis prova apenas que nós somos incorrigíveis. Mas valemos mais que todos estes.. – Que vale? – E o que vale o contrário? Só uma coisa existe: é o *não sei quê*. Saberemos quando acabar a porca da vida. Acho eu...

Dignidade pessoal? O que eu conservei é o respeito próprio e O desdém por *eles*. Mas quero viver para valer a fraquezas mais tristes do que a minha.

– E a Política? Vamos *acabar*. Não ouve a trepidação doida? Como eu me enganei – como os outros!

Adeus! Falaremos. Estou fatigado.

Obg.<sup>mo</sup> amg.<sup>o</sup>  
Silva Pinto

26.4

Meu caro amigo

Compreendo. Não é para risos: antes doloroso. Eu sou relativamente feliz: *tenho uma fé*; creio que Deus é meu amigo. Isto aumenta em firmeza à medida que a morte vem. E não é medo: é reconhecimento. Sinto que tenho sido *poupado*. Conhece os casos Fontalva e Vale Flor.<sup>9</sup> E assim quando dou uma queda exclamo: «Não quebrei um braço!» Quando vai a acabar o último vintém, surge um socorro, pequeno ou grande. Deus proteja os que cá ficam!

Veja se reconquista a Fé. Merece-o bem. Eu sinto muito as suas dores e tanto que lhe escrevo.

Dê-me boas notícias suas.

Seu amigo  
S. Pinto

Há uns poucos de anos que Silva Pinto pedia dinheiro a torto e a direito. Ora sucede que Silva Pinto estava reformado e recebia cinquenta mil réis da reforma. Tinha e teve até ao fim da vida quinze mil réis do *Pimpão* e dez mil réis dum livreiro. O Narciso de Lacerda, com quem viveu sempre, era empregado com trinta mil réis na Instrução Pública, e recolhia outros trinta da Biblioteca da Ajuda, onde Arnoso o colocara. Qual é o mistério desta existência aflitiva e dispersa?

Desvenda-o o Manuel Duarte de Almeida nos seguintes termos:

– Um romance de Balzac. Silva Pinto nunca soube o valor do dinheiro. Não tinha tino prático. Uma criança nas mãos duma antiga criada que pouco e pouco chegou a exercer na velhice do crítico um grande predomínio sobre o seu espírito. Mandava-o. Impôs-se-lhe. E o polemista terrível, que assustava os burgueses, tinha-lhe tal medo que, quando alguém lhe ia falar, olhava receoso para as portas, recomendando sempre: –

---

<sup>9</sup> Silva Pinto dizia sempre que se ia matar. Um dia saiu de casa com esse propósito por causa das dívidas. Encontrou o Fontalva, que tinha sido seu condiscípulo em instrução primária e que lhe perguntou: – Que tens? – Silva Pinto contou-lhe a história das dívidas. – Quanto? – Dois contos e quinhentos. – No dia seguinte tinha em casa essa quantia.

O Vale Flor deu-lhe também muito dinheiro por diferentes vezes.

Baixinho, fale baixinho.... – (Visconde de Vila Moura.) Era ela quem o instigava todos os dias, ano atrás de ano, a escrever a meio mundo. – É preciso dinheiro. Peça aos seus amigos. – Não tinha amantes, não jogava. Alucinado e sem vislumbre de energia – era um trapo. Os últimos anos de Silva Pinto, amargo e irascível e dominado por esta mulher, davam algumas páginas balzaquianas a quem as pudesse escrever.

\*

Toda a tarde, ali à esquina do Chiado, uma mulher apregoou um folheto: – *As ceroulas de D. Manuel*, quem quer *As ceroulas de D. Manuel*? Todos os dias corre e se apregoa uma papelada infernal: – cartas abertas, *A camisa de D. Amélia*, o *Balancé de Paiva Couceiro*, etc.

O marquês de Fronteira – diz-me Álvaro Possolo – deixou sete volumes de curiosíssimas memórias sobre a vida política, amorosa, etc., de todo o século passado. Foram ditadas, dia-a-dia, aos seus secretários.

E o duque de Ávila também deixou memórias e documentos importantíssimos, entre os quais o duma reunião a que assistiram políticos e pessoas importantes, Fontes, etc., e na qual se lavrou uma acta em que se declarava que, dadas certas circunstâncias, D. Luís seria deposto e substituído por Outro rei.

## O Balancé de Paiva Couceiro

### COPLAS PARA CANTAR À DESGARRADA

Lá vem o Paiva Couceiro  
Com sua gente aguerrida,  
Quer ser herói o brejeiro  
Mas já perdeu a partida!

Ó balancé, balancé,  
Balancé sem ser real,  
O Couceiro quer dar coices  
Cá dentro de Portugal!

Muitos frades anafados  
Ele tem lá nas fileiras,  
E p'ros trazer consolados  
Fez das freiras vivandeiras...

Ó balancé, balancé,  
Balancé da padralhada,  
Ó Couceiro vai-te embora  
Que já não prestas p'ra nada!...

Tem fidalgos destemidos  
Que por damas são armados  
E que vêm resolvidos  
A morrer santificados...

Ó balancé, balancé,  
O Couceiro é general,  
E vem montado num frade  
Fazer guerra a Portugal!...

Tem também bonitas damas  
Que conspiram a valer,  
E dormem em fofas camas  
Para mais soldados fazer...

Ó balancé, balancé,  
Balancé das aflições,  
As freiras pegam nas armas  
Os frades têm canhões!

Contra nós a fúria avança  
A todos a luta enerva,  
Ha dama que não descansa  
Para aumentar a reserva!...

Ó balancé, balancé,  
Balancé de meus amores,  
Vou namorar uma freira  
P'ra fazer conspiradores!

Os frades pregam sermões,  
As freiras rezam nas contas,  
Couceiro compra canhões  
E recruta mil bilontras.

Ó balancé, balancé,  
Balancé, muito brejeiro  
As freiras fazem soldados  
P'ra dar ao Paiva Couceiro!

Para atacar a fronteira  
Tinha mais dum regimento,  
Mas descobriu-se a melgueira  
Palmaram-lhe o armamento.

Ó balancé, balancé,  
Balancé da neve pura,  
Os parvos conspiradores  
Ficaram á dependura!

Ó Couceiro toma tento  
Que encontras cá quem te coma,  
Vai-te meter num convento  
Vai fazer fretes p'ra Roma...

Ó balancé, balancé,  
Balancé das aventuras,  
Couceiro não dê mais coices  
Que partes as ferraduras!

Despreza as talassarias  
Que tens assentes no rol,  
Deita gatos em bacias  
Concerta chapéus de sol!

Ó balancé, balancé,  
Balancé que mete dó,  
Se não foges o Couceiro  
Tens que fazer dominó!...

Ó Paiva que estás no pinho  
Quem te fez tão brejeirote,  
Se cá metes o focinho  
Vais corrido ao piparote.

Ó balancé, balancé  
Balancé da fradaria  
Cá na terra portuguesa  
Acabou-se a monarquia!

A republica atrasar  
Não consegues pobre moço,  
Couceiro vai-te afogar  
Com dois frades ao pescoço!

Ó balancé, balancé  
Fujam todos do quebranto  
Ó Couceiro traz a espada  
Benzida pl'o padre santo!

General feito d'alcouce,  
Deixa lá os teus senhores,  
Vai vender azeite doce  
Mais os meus conspiradores...

Ó balancé, balancé  
Balancé da reinação,  
O Couceiro dando coices  
Faz a sua obrigação!

E no fim de tanta gloria  
Apanha Paiva Couceiro,  
Como troféus de vitória  
Dois pontapés no traseiro.

Ó balancé, balancé,  
O Paiva tem num buraco  
Armamento completo  
Pau, corda, chinguiço e saco!

Ó Paiva queres um conselho  
Repara que não é peta,  
Fica a roer num chavelho  
Vai despir essa fardeta.

Ó balancé, balancé.  
Conspiradores pataratas,  
Mandem o Paiva a Palmela  
Vocês vão cavar batatas!..

7 de Dezembro

Morreu há dias, na madrugada de domingo, na casa de saúde da Avenida, duma doença de coração, o Maximiliano de Azevedo.

Foi a primeira vez que aí entrei e encantou-me aquela atmosfera calma. Não há um átomo de pó. Rodeiam o doente raparigas carinhosas de avental e touca branca. Cortinas nas janelas, flores, leitos claros e sorrisos... Negócio – segura... Um quarto de hora antes de ele morrer impuseram à mulher que mandasse buscar a farda, para o vestir e pôr lá fora – porque ali nunca morria ninguém. A casa de saúde não tinha o que em gíria de hospitais se chama a porta do cavalo, para retirar os mortos.

E vestiram-no, e levaram-no, mal expirou, três da madrugada, dois galegos numa cadeira. A mulher ia atrás. Chovia a potes. Para o subirem até ao quarto andar da Rua da Madalena foi preciso passarem-lhe um lençol sob o corpo. A cabeça descaía-lhe. Adiante, a sobrinha alumiava com um candeeiro de petróleo...

10 de Dezembro

Hoje, alguém dizia: – Está a suceder com a República o que sucedeu com a revolução de 93: os homens em evidência vão sendo guilhotinados.

– Isto é, inutilizados pela rua e pelo Parlamento. É a mesma coisa, com menos ferocidade. Que os tempos são outros.

21 de Dezembro

Hoje, digo a velho republicano: – A República está perdida, a República afunda-se.

E ele responde:

– Não importa. A República não nos envergonha. O acto revolucionário foi generoso. Depois, há de lembrar-me sempre que Cândido dos Reis, consultado pelo Directório, respondeu simplesmente: – O acto revolucionário impõe-se para que não nos chamem uma nação de cobardes. No ponto histórico a que chegámos, é a única coisa a fazer. Digo mais: a História reclama-o.

Quem fez mal à República? Foram os actos do Governo Provisório? Nem esses, nem mesmo os do Afonso Costa, que o País tinha acabado por aceitar se o partido se mantém íntegro. Foram os de alguns políticos que, acima da República, puseram os seus interesses e as suas ambições.

31 de Dezembro

Encontro o Alpoim, já branco mas com um ar rejuvenescido. Queixa-se:

– Isto afunda-se. Isto não dura dois meses. É horrível! Tenho de fugir para o estrangeiro. Vem aí o D. Manuel nutra vez, e matam-me! matam-me!

– Não será assim...

– Dois meses, dois meses... E acaba-se tudo, ou vem D. Manuel, não tenha dúvida

nenhuma. Antes acabe! Todos doidos, e mais ladrões ainda que os monárquicos. Esses, então, têm-me tal ódio, que deixaram de me falar e de me cumprimentar. – E parte repetindo: – Horrível! horrível!...

\*

Caiu o ministério João Chagas (Novembro), não pela atitude do António José de Almeida, nem de gente da *selva*, mas talvez por dificuldades externas. As despesas aumentaram. Tudo isto abana. Depois que o povo, passou para o segundo plano, a República perdeu a grandeza. Basílio Teles, convidado a formar gabinete, recusou, e só aceita para uma larga ditadura: – E vocês cá virão buscar-me... – Diz-se que o Machado Santos propôs na última reunião do bloco dar um golpe de audácia: Ministério retintamente bloquear, que, depois de colocar à frente da Guarda um homem de confiança e um oficial da Armada seguro em cada navio, se apresentasse às Câmaras com um programa mínimo de coisas simples e seguras. É isto... querem? Não querem? – Se não nos derem maioria, pomo-los lá fora à ponta de baioneta.

\*

A questão religiosa agrava-se. Os padres perseguidos contam nos jornais os enxovalhos e vexames a que Os sujeitam:

Procurado e interrogado pela autoridade administrativa de Brasa, declarei que *leria a Pastoral dos Bispos, se os meus colegas também a lessem.*

Estive detido três dias e três noites por este *crime*. Não a li, é claro, mas bastou o meu propósito hipotético para ser arrastado à ignomínia do cárcere! Tempos depois fui intimado para me apresentar na Administração do Concelho.

Procurei saber de antemão os propósitos da autoridade. Eram remeter-me para Lisboa, sob pretexto de propalar boatos contra a República disseram-me.

Era falso o pretexto, mas a sanha da autoridade projectava o segundo vexame. Enojado da justiça da minha terra, procurei furtar-me aos enxovalhos, retirando para terra estranha: pois nem assim a autoridade desarmou.

Decorreram poucas semanas e ordenou-me logo uma busca domiciliária.

Os esbirros tudo revolveram, não consentindo que uma só testemunha presenciasse a iniquidade, nada encontraram de comprometedor, mas, apesar disto, levaram-me o que lhes aprouve, não me deixando uma só arma de defesa e de meu uso pessoal. A categoria das pessoas que, com a autoridade, me invadiram a casa, era de tal *nobreza* que, pé ante pé, furtando-me vinho, beberam-no por um copo de folha, velho, enferrujado e sujo de lançar a vianda aos porcos!

Não satisfeita ainda a autoridade, sempre persistente numa odioso perseguição, meditou novo golpe e atira-me com a espada da *lei intangível*: – recusou-me a cobrança de 100\$000 de cóngrua que me devem, e tomou conta de todos os meus haveres pessoais, roupas, mobílias, gados, louças, aprestos de lavoura, vinho, vasilhas, pão, tudo enfim, cujo valor, à data da minha saída de Portugal, deverá regular por 3:000\$000 réis, único fruto do meu trabalho de 30 anos!

Na terra da minha pátria só o padre estrangeiro mantém em respeito as maltas dos bandidos, e a justiça da República Portuguesa!

Sim, só esses podem passear livremente por essas praças e por essas ruas!

Só esses estão seguros dos seus haveres, da sua liberdade e das suas vidas!

Os sicários não lhes conspurcam o rosto com os escarros da sua baba peçonhenta, nem lhes lançam aos crepes as suas garras de feras, com que aos portugueses – seus compatriotas e seus irmãos! – rasgam as negras vestes – símbolo da morte ambulante!, arrancam os cabelos desganhados e embranquecidos, ou esmurram a face enrugada precocemente pelo amor estremecido e afectuoso votado à sua Pátria morta! Maldita seja a terra portuguesa, pisada pelos

assassinos do meu país!

Se os actos como este e os praticados contra mim consolidam a República e a nobilitam aos olhos dos homens civilizados e das nações cultas, que o digam as pessoas sensatas que me lerem...

*João Evangelista Pereira Gomes*  
Abade de Tadim

Tuy, 8-11-1911

*D'O Porto*

O bispo do Algarve (Dezembro), esse pede esmola: Ex.<sup>mo</sup> Sr. – Venho pedir uma esmola para a minha diocese. A lei que separou o Estado da Igreja reduziu-nos a esta triste condição: estender a mão à caridade dos fiéis!

É desolador o que se passa em roda de mim, pastor desta diocese, outrora tão rica, e, sobretudo tão religiosa. Tinha um bom seminário, instalado em casa própria, edificado a expensas de dois dos meus venerandos antecessores, a que nada faltava: achava-se convenientemente mobilado, tinha bastantes bens próprios, legados por diversos benfeitores para sustentação de alunos pobres, possuía uma biblioteca valiosa, e podia dizer-se provida de tudo que é indispensável a uma instituição desta natureza. Pois tudo foi arrolado e de tudo se tomou posse em nome do Estado, para ser destinado a outro fim. Onde hei-de recolher agora os aspirantes ao sacerdócio?! E com que os hei-de sustentar? Que mágoa para o coração dum bispo!...

Tinha junto de mim sacerdotes de merecimento que me acompanhavam e auxiliavam na formação do clero, nos trabalhos do ministério sacerdotal, nas solenidades religiosas e no governo da diocese. Onde estão eles? Quase todos andam dispersos. Alguns retiraram-se, para não aumentarem com a sua presença a minha dor. Tinha párocos pastoreando cerca de duzentas e oitenta mil almas. Lá estão quase todos ainda no seu posto de honra; mas quantas privações não têm eles sofrido?! Há muitos meses que alguns deles nada mais têm recebido do que a modestíssima esmola da missa. E é com este míngua recurso que hão-de sustentar-se e fazer as despesas mais urgentes do culto. Em algumas paróquias, além de terem aplicado a fins estranhos o que à igreja pertencia, os inimigos da religião têm andado de porta em porta aconselhando o povo a que nada dê para a sustentação do culto e clero, ameaçando até com penas a quem alguma coisa der ou pedir para estes fins. O efeito desta propaganda, no meio do povo tímido e rude, é enorme. Só por uma alta compreensão dos seus deveres se mantêm os párocos no seu posto. Mas, decerto, alguns não poderão sustentar-se por muito tempo.

Talvez alguém pergunte: «Não poderiam, ao menos, os párocos actuais aceitar as pensões que o Estado lhes oferece?» Bem quisera eu responder a esta pergunta; mas não posso, não devo responder, sou cristão e sou português... Ninguém me faça esta pergunta!... E eu, que nunca precisei de pedir para mim ou para a minha diocese; eu, que, com o meu clero e fiéis, tantas vezes temos podido aliviar necessidades alheias, dentro e fora do país, vejo-me constrangido a vir pedir para a minha diocese uma esmola pelo amor de Deus!

Não é para sustentar comodidades ou grandezas (quem nos conhece sabe a modéstia do nosso viver), é para formar clero como ele convém ao serviço de Deus, é para ser possível manter o culto nas igrejas pobres (e agora todas ficaram pobríssimas), é para ir em socorro do clero necessitado. Este pedido é dirigido somente às pessoas a quem Deus concedeu abundantes meios de fortuna, e provavelmente, por uma só vez, para não prejudicar a contribuição voluntária paroquial, que deve ser feita para a manutenção do culto e sustentação do clero em cada freguesia, nas diversas dioceses. Em nossas orações e no santo sacrifício da missa serão sempre lembrados os nossos benfeitores.

Qualquer quantia generosamente oferecida para os fins indicados, pode ser entregue aos rev. párocos, que delas nos farão remessa, com a lista junta, para nosso conhecimento, ou enviada directamente a mim ou ao reverendo cónego Franco, secretário da câmara eclesiástica,

em vale do correio ou por qualquer outro meio.

Este documento é subscrito pelo bispo do Algarve, D. António Barbosa Leão, que o faz acompanhar dum dos seus cartões de visita com estes dizeres: «*Apresenta a V. Ex<sup>a</sup> os seus cumprimentos e pede desculpa da sua ousadia.*»

Tudo isto desanima, inquieta e perturba. Ao mesmo tempo só se fala em assassínios e golpes de Estado. Ouve-se dizer a cada passo: – Estão quatrocentos homens preparados para matar fulano e sicrano. Tem havido reuniões de oficiais e há um comité secreto presidido por F. . - Nesta altura da política portuguesa são já grandes as desilusões. Camacho diz na *Luta*:

«Sentimos sobre nós o peso de grandes responsabilidades; elas nos chumbam ao posto que ocupamos e do qual não arredaremos pé enquanto pudermos lutar. Andámos a gritar, anos e anos, que era preciso fazer a República para que vivesse honrada e feliz a nação; precisamentos agora, visto que ela se fez, demonstrar que era consciente e bem fundada a nossa propaganda. Esta consideração nos obrigaria a ficar onde estamos, se pela mente nos passasse agora o desejo dum viver tranquilo no entardecer duma existência votada ao trabalho.»

Mas Junqueiro, como sempre, sintetiza muito melhor a situação nestas palavras: – Já hoje, se fosse possível fazer um p<sup>l</sup>ebiscito ao País, não com papéis mas dentro da consciência de cada um, na escuridão do seu quarto, a maioria monárquica era esmagadora. Havia menos republicanos do que antes do 5 de Outubro.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Com certeza. Mas hoje esse facto não tem importância nenhuma. Depois da guerra – que Junqueiro não podia prever – caminhamos para um mundo novo que todos os dias avança, e que espero com ansiedade. Até na cova o espero.

## AINDA O REGICÍDIO

O regicídio foi consequência do fracasso da revolução de Janeiro. Quando prenderam no elevador alguns amigos do Alipoim, quase todos os chefes se puseram a salvo. Dum deles disse o Costa na manhã do regicídio que lhe parecia suspeito; outro foi um dos instigadores directos da espera do Terreiro do Paço:

– Matem o João Franco, que a marinhagem vem para a rua. Essa gente só espera a morte do ditador.

Quem me dá estas informações, que escrevo quase logo e com a maior simplicidade, afirma que o Costa era um dos principais elementos de ligação. E acrescenta textualmente o que se segue (22 Fevereiro 1921):

«O Buíça, que fez no público muito maior impressão pelo tipo, pelas barbas, pela profissão que exercia, não valia o Costa, que era estimado por todos os que o conheciam pela sua larga generosidade: rapaz duma honradez e dum orgulho extraordinários, podia passar dois ou três dias *sem* comer, mas não pedia nada a ninguém. Menos culto que o Buíça, mas mais apaixonado e leal, tinha conquistado uma grande influência nos elementos revolucionários. Era um tuberculoso incipiente.

«Depois da aventura de Janeiro fizeram-se prisões. Uns esconderam-se, outros deitaram fora o armamento. Só o Costa andou até ao fim com a pistola que lhe serviu para matar o rei. E dizia: – Se algum policia vem ter comigo, estendo-o logo.

«A excitação era grande. Aquilino Ribeiro conseguira fugir da esquadra em que estava preso, o que mais exaltou a gente do seu grupo, a quem se deviam já os actos violentos de 1907. Um dos chefes do movimento (o outro era um oficial de Marinha) todos os dias instava com o Costa: – Desfaçam-se do João Franco de qualquer maneira!

«O regicídio não foi preparado. O juiz de instrução errou procurando e querendo forçosamente encontrar um *complot* organizado para matai o rei. Naquele momento só se pensava, e foi para isso que os conjurados se concentraram no Terreiro do Paço, na morte de João Franco. Como boato os jornais contaram que durante três dias o presidente do Conselho fora esperado em determinado sítio e que o Buíça tinha dito, à noite, na véspera do atentado: – Veremos se me escapa amanhã.

«Não sei onde o Costa foi buscar dois homens. Sei que ele próprio convidou o José Ribeiro, empregado numa taberna para o lado de Alfama, tipo louro e decidido que conseguiu escapar e acabou mais tarde tuberculoso. À noite, no Gelo, onde se costumava reunir com alguns amigos, disse ao Buíça:

– «Eu é que vou dar cabo do João Franco.

– «E eu também vou.

– «Você não, que tem filhos.

«Mas o Buíça insistiu – e mandaram vir cerveja. Ao outro dia o Costa foi logo de manhã a casa da pessoa que me dá estes apontamentos e travou com ela o seguinte diálogo:

– «Temos umas contas a fazer.

– «Depois fazemos contas.

– «Depois? – e riu-se. – Depois...

«Tinha a certeza de que ia morrer. Uma reticência e acrescentou:

– «Hoje vamos matar o João Franco. Esperamo-lo na Rua Alexandre Herculano. O Buíça leva a carabina e dá um tiro na orelha do cavalo e eu atiro-me para a carruagem e mato-o como um bicho.

«Silêncio Uma hesitação e logo:

– «Mas, sabe? pesa-me levar o Buíça comigo. O Buíça é valente mas tem os

filhos... E vão também connosco dois guardas fiscais, que não conheço mas que querem vingar-se do João Franco, que os perseguiu.

– «O melhor era vocês arranjam grupos que lhes protegessem a fuga.

– «Não vale a pena. Nestas coisas, quanto mais gente, pior.

«E como era um fanático, como era um sincero, acrescentou estas palavras:

– «É preciso salvar esta nossa terra, que se afunda.

«Calou-se. Esteve assim um momento. E como se outra ideia o perseguisse:

– «Você sabe? Pensámos em ir à estação do Terreiro do Paço. Fulano ficou de nos arranjar bilhetes. Mas na Rua Alexandre Herculano é melhor. Ainda que talvez no Terreiro do Paço liquidássemos toda a cambada duma vez.

– «Vocês, no rei, não toquem! Pelo amor de Deus não toquem no rei!

«Ele cismou um pedaço e daí a momentos, a rir-se:

– «E eu que tinha agora um casamento no Alentejo com uma rapariga de boa família e com meios...

– «Você casa depois.

«O tempo a passar – o tempo a passar para uns e para outros, para o rei, que já devia ter saído de Vila Viçosa, para o Costa, que evocava durante alguns rápidos segundos uma figura de mulher, para os despreocupados que seguiam o seu rumo pelas diferentes estradas da vida. Nove, dez horas... O Costa despediu-se:

– «Preciso de falar ainda hoje ao Buíça. Adeus.»

\*

«Um dos que escaparam no Ferreiro do Paço, onde acabou a Monarquia, foi o José Ribeiro. Foi ele quem me contou também o seguinte – continua o meu informador:

– «Não fomos para a Rua Alexandre Herculano porque Buíça, que era um desleixado, deixou passar a hora. Resolvemos então ir para o Terreiro do Paço: contávamos que João Franco, que esperava o rei, havia de aparecer ali.

«Postaram-se todos cinco – o Ribeiro., o Buíça, o Costa e outros dois que ainda estão vivos – na esquina da praça. Acabada a recepção, começaram a passar os convidados e eles sempre à espera do João Franco para o matarem. Abalaram as primeiras carruagens e o Costa desesperou. Desceu pelo Terreiro do Paço abaixo, seguido pelo José Ribeiro, e pôs-se a ver quem saía do cais. Um, outro, e o presidente do ministério franquista sem aparecer. Até que lhe disse:

– «Vai lá acima e diz ao Buíça que aquele ladrão ainda nos escapa!

«O Ribeiro largou, mas o Costa, impaciente, seguiu-lhe na pegada e juntando-se ao Buíça repetiu:

– «Aquele ladrão escapa-nos mais uma vez!

«Nesse momento, ao fundo, aparecia a carruagem real.

– «E se nós – continuou ele – deitássemos aqueles abaixo?

«E o Buíça respondeu prontamente:

– «Vamos a isso.

«O resto sabe-se. O Buíça saltou à frente, o Costa pôs o pé no estribo da carruagem, tiros, confusão e a morte do rei e do príncipe.»<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Esta parte da narrativa é completamente contraditada pelo que diz João Franco no volume *Cartas d'El-Rei D. Carlos I*, a pág. 239 – ...«quero mais uma vez desmentir a desprezível invenção, segundo a qual penetrei no Arsenal, passando pelo interior do Ministério da Marinha, etc.».

Vem aqui a propósito lembrar as cartas de Paçô Vieira rectificando algumas das passagens do livro de João Franco, sobre o facto de ninguém ter ouvido falar de *complot* contra D. Carlos. Numa delas aponta Paçô Vieira o seguinte depoimento feito perante o juiz de investigação criminal de Lisboa,

\*

Eu vejo sombras misteriosas no fundo deste quadro. Decerto atrás da tragédia do Terreiro do Paço se moveram outras personagens. Estou a ver juntarem-se as sombras dispersas... mas é cedo para arrancar figuras do sepulcro. Deixemos em paz os vivos e os mortos – que a História os julgará um dia. O que eu sei é que o Américo de Oliveira contava a quem o queria ouvir: – Oito dias antes da morte do rei houve uma reunião à qual assistiram o Buíça e o Costa, e para a qual me convidaram. Não fui lá por doença. Mas garanto-lhe que a houve e que tudo estava calculado, menos que eles se metessem no Arsenal. Adiante havia outro grupo para matar o resto e o João Franco. Também sei quem se tinha encarregado de fazer descarrilar em Pinhal Novo o comboio em que o rei vinha de Vila Viçosa.

E o Alpoim disse-me (2 de Janeiro, 1914) textualmente o seguinte:

– Foi um erro político a morte de D. Carlos. Ele era mau e odiado, mas foi um erro político...

E como fala sempre e não tem tento na língua, por impulso, por temperamento, por vaidade – e eu lhe digo que o João Chagas vai publicar um livro, com um capítulo inédito sobre o regicídio –, esclarece logo:

---

depoimento que colide com essa afirmativa de João Franco:

Que no dia 14 ou 15 de Janeiro de 1908, indo no eléctrico da Graça, seriam duas para as três horas da tarde, viu que perto das Pedras Negras desceu um indivíduo cujo lugar ela foi ocupar por ser melhor; que ao sentar-se reparou que no chão estava um jornal dobrado que esse indivíduo deixou cair ao sair e que ela apanhou, vendo então que era um jornal espanhol de Badajoz sobrescritado para Mr. Buíça, Colégio Nacional – Rua das Pedras Negras – Lisboa; que por curiosidade abriu-o e de dentro dele caiu-lhe no regaço uma carta sem estampilha e que portanto não tinha vindo pelo correio, tinha no envelope um endereço perfeitamente igual ao do jornal e era feito pela mesma letra. A carta estava aberta e dizia pouco mais ou menos o seguinte, como se recorda perfeitamente:

«Querido Amigo: Simão vai a Lisboa dia 20 com o podengo mais novo. Se foi assinado o que sabes... mata-o sem piedade, tu que és bom atirador. Que Lucifer te proteja!! senão espera pela entrada triunfal do dia 2. As caçadas sucedem-se, é pândega rasgado. A nossa também há-de ser grande.»

A carta era datada de Vila Viçosa à meia noite ou uma hora da 13 de Janeiro. Que no princípio da carta havia os seguintes sinais: uma meia lua e umas estrelas, tudo a tinta preta. A assinatura era PAD'ZÉ. Que o Simão a quem a carta se referia era El-Rei D. Carlos, porque assim era tratado nas revistas, nos jornais e canções humorísticas. A testemunha dirigiu-se imediatamente para o Paço da Ajuda, fazendo altas diligências para falar à Rainha D. Maria Pia, o que não conseguiu. Que no dia 20 veio efectivamente o Rei D. Carlos a Lisboa com o seu filho o actual Rei D. Manuel, e ela de pronto foi às Necessidades para ver se falava a El-Rei, o que também não conseguiu, apesar dos grandes esforços que fez, como podem atestar os srs. Conde de Tarouca, coronel António Costa e os criados de serviço.

Da mesma forma, que a sr<sup>a</sup> Marquesa de Unhão e coronel Benjamim Pinto podem testemunhar os esforços que a depoente anteriormente fizera para falar à rainha sr<sup>a</sup> D. Maria Pia, à qual, como Último recurso, deixou uma carta sobrescritada, que lhe não foi entregue, porque no dia seguinte, indo ela procurar a resposta, restituíram-lhe a carta por abrir, dizendo-lhe que Sua Majestade estava muito nervosa e que portanto não recebia nada.

Que depois da sua tentativa infrutífera para falar a El-Rei no dia 20, resolveu esperar o Conselheiro João Franco à saída do Paço das Necessidades, onde tinha havido conselho de ministros e assinatura régia.

Efectivamente, à saída falou-lhe, dizendo o Conselheiro João Franco que o procurasse em casa de sua sogra, na Rua de S. Francisco de Paula, para onde a depoente imediatamente se dirigiu. E ali entregou-lhe a carta, que o Conselheiro João Franco leu, dizendo que daquelas cartas recebia muitas, mas que em todo o caso ficasse descansada que ele ia tratar de averiguar. Que se retirou, não sabendo o destino que o Conselheiro João Franco deu à carta.

– Não sabe nada. Só há duas pessoas em Portugal que sabem tudo, eu e outra. Dou-lhe a minha palavra de honra. Não tenho querido dizer nada, porque ninguém sabe, na época em que estamos, o que pode vir a suceder... Mas só eu e outro sabemos em que casa foi a reunião, quem a presidiu, e quem trocou ao Buíça o revólver pela carabina...

– Tudo isto veio da dissidência...

– Tudo! tudo! – diz ele. – Há quem diga que a dissidência nasceu da questão dos tabacos. É mentira. A questão dos tabacos foi o pretexto. Eu não podia aturar a Maria Emília. Ela e o José Luciano não me podiam ver. Daí quezílias constantes. Ninharias. Aproveitámos a questão dos tabacos...

– E daí a República.

– Sim, a República. E tanta carta escrevi ao rei, tanta! Mas ele não compreendia. Percebia os factos, não os ligava. E que preconceitos de raça, de casta e de educação religiosa, sempre envolvido em pragmáticas! E olhe que está na mesma... Já tenho visto cartas dele do exílio. Está na mesma

\*

Aquilino Ribeiro:

– Existe uma acta do regicídio que me trouxeram aqui à Biblioteca para eu ver.

\*

Um dia apareceu um homem aos republicanos dizendo. que queria matar o D. Carlos – que havia por força de matar o D. Carlos. Os republicanos tomaram-lhe medo e tiveram-no muito tempo vigiado em Benfica, sustentando-o. Quando foi preciso matar o João Franco, largaram-lho à perna; só então perceberam que se tratava dum fanfarrão

\*

A *Capital*, de 30 de Maio de 1922, dizia:

Afirmam-nos que existe realmente um livro de actas revolucionárias, anteriores ao regicídio, mas não muito.

Num dos documentos arquivados no livro foram apostas duas assinaturas. Dizem-nos que o falecido Presidente Sidónio Pais pretendeu apoderar-se do livro, chegando a oferecer uma quantia importante a dois conhecidos revolucionários, um dos quais era o único que podia retirar o livro do cofre forte onde estava depositado. A oferta foi repelida.

Parece que outras diligências foram praticadas por um chefe de governo, com insucesso idêntico.

Segundo hoje corria insistentemente resolveu-se, em princípio, a publicação de todos os documentos destinados a esclarecer, como também foi noticiado por outros jornais, acidentes históricos de extrema obscuridade, mas que têm relação com a tentativa revolucionária que, em 28 de Janeiro de 1908, precedeu o regicídio de 1 de Fevereiro do mesmo ano.

Desejo acrescentar ainda esta pequena nota: – Lisboa é uma terra tão extraordinária que, depois, mais tarde, quando veio a República, apareceram várias pessoas gabando-se de que tinham entrado no regicídio!

## VIVOS E MORTOS

### VISITA A SEIDE

Visita a Seide em Novembro. de 1914. Um largo triste com alguns carvalhos decepados, uma cruz e duas casas, uma em frente da outra. A casa amarela de Camilo cai aos pedaços: as janelas em cima têm os vidros todos partidos; as grades em baixo parecem grades de prisão. Mostram-me de fora a sala de bilhar onde ele se matou e o cano do fogão onde ele se aquecia. Um buraco – casa para uma tragédia ou. para um crime. Ao pé os carvalhos decepados e reduzidos a torresmos têm atitudes de humano desespero: não gritam porque não podem gritar. Entro a medo no quintal: o terreiro, a acácia de Jorge, e logo ao lado da porta o banal monumento de Castilho. Subo as escadas. Toco na árvore que o chamava, batendo-lhe nas janelas nas noites de trágica ventania. Porque se recusou Camilo a ouvi-la? Era a natureza humilde a chamá-lo, a natureza sem sobressaltos para todos os que aceitam a vida e cumprem a vida. Lá dentro, aquele homem reduzido à dor, curvado sobre os eternos papéis; cá *fora*, a acácia a bater-lhe devagarinho nos vidros, no silêncio da noite e no isolamento da aldeia...

Entro: tudo isto se desagrega: as paredes com fendas, os soalhos sujos e gretados, o fogão comido de ferrugem. A casa está desabitada. Nem um vestígio de ternura neste buraco, donde ele saía, de combinações de dramas e de combinações de dinheiro, para correr a cavalo as batotas de Famalicão e de Guimarães. Aqui escreveu alguns dos seus melhores livros, os *Serões*, as *Novelas do Minho*, a *Brasileira de Prazins*. Aqui maquinou o rapto da órfã, que veio a acabar com olhos de espanto entre seres que não podia compreender nem amar, Camilo, D. Ana, o doido. Aqui cumpriu a condenação perpétua de escrever, de escrever sempre, com uma pala sobre os olhos, contando o seu drama e os dramas alheios, passando sem transição das lágrimas para o riso e do riso para o sarcasmo, até à última hora e até à última gota. Estou a vê-lo entrar por aquela porta dentro – e tenho medo desta grande figura dolorida. Mete-me medo mesmo depois de morto. Vejo diante dos meus olhos o fantasma quase cego, com a boca amarga, só osso e pele, só osso e desespero.

Defronte fica a casa do Nuno, a que Silva Pinto lançou os alicerces, começando a levantar-lhe a alvenaria. Nela moram os netos de Camilo e se guardam algumas recordações do grande escritor: os seus livros – duzentos volumes –, a sua cadeira e papéis. Os netos nunca leram ou nunca compreenderam a obra do avô. A uma, Flora, foi preciso alguém dizer-lhe que Camilo escrevera o *Amor de Perdição* (A. de Figueiredo) e estes, folheando, um álbum, dizem: – O Camilo... – Um, mostrando o retrato do primeiro marido de D. Ana, aponta a rir-se: – Cá está o Pinheiro... – Nas paredes, fotografias e bilhetes-postais – Camilo, Afonso Costa, Azeitão, o retrato de D. Ana Plácido, já espapaçada, o retrato de Nuno com olhos de doido, o retrato romântico de Camilo, oferecido à sua companheira de cárcere. Isto pega-se?... Tenho a impressão de que estou isolado no Mundo como nunca estive. Não é a aldeia – é a dor. Não é o largo com a cruz e os carvalhos mutilados – é a atmosfera de desespero. Acabo por fugir de abalada no carro: – Depressa! depressa! – com uma opressão horrível no peito. Aqui, a desgraça anda no ar. E ainda por cima o cocheiro todo o caminho me faia com familiaridade no Nunes (o Nuno), que ele conheceu muito bem: – Era um pândego! Todas as noites jogo e bródio em Famalicão. Gastou tudo... – e conclui: – Foi pena morrer tão cedo de venéreo. – Depressa! depressa! – Atrás de mim ouço risadas e chufas e clamores a perseguir-me. É o fantasma imenso que enche tudo isto de dor e de sarcasmo.

\*

Deus foi um dos grandes problemas da sua vida. É um dos problemas fundamentais da nossa vida. Mas o drama representado no tablado daquela alma assume proporções desmedidas. Primeiro afirmou-o, negou-o depois, sempre com a mesma violência. Supõe-no, afinal, a gente dominado e aquela boca amarga desata a rir... Um dia, no Porto, alguns homens ilustres discutiram a existência de Deus, e Camilo encerrou o debate nestes termos:

– Ah! Ele não existe? Então vamos esta noite cear ao Palácio com franceses e champanhe!

Mais tarde, Guerra Junqueiro, ao sabê-lo desesperado. procurou-o em Seide, para lhe pregar Deus. Ele respondeu-lhe com ironias. Já o seu mundo moral era um inferno... Ao fim da vida, o homem detém-se e cismo: cada passo que avança lhe mete medo, e a frialdade do sepulcro entranha-se-lhe cada vez mais fundo na alma. Respira-a. Faz-se mais pequeno, talvez para escapar... Ele, não – ele engrandece. Debate-se e grita. Blasfema.

Muitas vezes me detenho e o interrogo. O riso não me mete medo, nem as lágrimas, mesmo quando o devoram; o que mete medo é esta atitude, diante da sombra cada vez maior e das trevas eternas que se acumulam e o envolvem. E notem que cada vez o amo mais, cada vez que pego num dos seus livros me sinto envolvido num turbilhão que me arrasta para onde ele me quer levar. Todos os outros escritores recuam de plano; só esta figura atormentada toma a rampa e enche o palco todo. Meu pai chorou com ele; eu choro com ele, e tenho pena de não ter filhos para, vivos e mortos, comungarmos das mesmas lágrimas.

A sua vida está de tal maneira entranhada na sua obra que não há que separá-las. Desde a fuga à tia Caldeirão, às paixões, ao cárcere – duas vezes preso – até à tragédia de Seide, é sempre o mesmo drama, que, no isolamento da aldeia, chega ao ápice da tragédia. É ali que a sua alma se debate na escuridão cerrada. À dor física junta-se a dor moral. E é exactamente quando já não crê que na sua vida intervêm, como em Shakespeare, uma nova figura – o fantasma. «Em 1863 nascia Jorge Camilo e morria Pinheiro Alves, e Camilo (ao tempo na casa de saúde do Largo do Monteiro, onde escreveu a dedicatória de *O Bem e o Mal* e uma carta a Ernesto Biester sobre Joaquim Pinto Ribeiro, inserta nos *Esboços de apreciações literárias*) sentia no mesmo passo uma inexplicável sensação de asfixia, como se mão invisível procurasse estrangulá-lo (Alberto Pimentel e João de Meira). – Luzes! muitas luzes! – reclamava. Antes de adormecer procurava o fantasma nos recantos escuros da casa. Em vão. De repente. a boca amarga ria.

Em 1875 o seu mal agrava-se, o fantasma não o deixa, não pára um momento. Vai de Seide para a Póvoa, da Póvoa para Braga, para Guimarães, para o Porto, sem encontrar sossego nem descanso. O que eu dava para o ver neste último período e, ao mesmo tempo, para fixar o debate na escuridão, e o terror, misturado de escárnio, quando sentia as mãos do outro a apertarem-lhe a garganta e a asfixiá-lo! O sarcasmo é sempre diabólico, o sarcasmo diante da vida é a risada horrível de Mefistófeles. A não ser que o sarcasmo seja um produto de dor; só se resulta de lágrimas, só se é tão amargo que represente dor concentrada, e, melhor ainda, a dor dos que não querem mostrar quanto sofrem. Suponho eu que o riso de Camilo seria deste quilate. Ria-se do fantasma – e da sua alma, da tragicomédia da vida. Quando o seu mundo moral era uma derrocada, vinha-lhe o protesto em golfadas à boca, com sabor a fel.

Em roda desta grande personagem, o isolamento; em roda, os montes e, mais

perto, D. Ana, os filhos doidos, todos enrodilhados no mesmo desespero, atirando-se à cara palavras, ditos, impropérios. Para compreender bem isto é preciso ler os bilhetes que o grande escritor e a mulher escreviam um ao outro, de sala para sala, em papéis de acaso... (Sebastião de Carvalho). Depois, choravam, depois, ele blasfemava ou passava toda a noite sem fim debruçado sobre os livros, porque não conseguia dormir. Depois, fugia. Fugia, talvez, ao fantasma que o não largava nunca – Judeu Errante amaurótico num mundo de acaso sem uma luz interior a alumia-lo.

Porque os fantasmas, uma vez criados, nunca mais nos deixam. Acompanham-nos toda a vida. Gerámo-los com os nossos actos, chegando a ter uma existência muito mais real e tangível do que a dos outros seres com quem todos os dias lidamos. Por fim dominam-nos.

Camilo escusava de se rir deles ou de sair de Seide. Escusava de os procurar por os cantos e de pedir luzes que os afugassem. O que numa alma vulgar se reduz a fogos-fátuos, neste grande homem, só osso e nervos, redobra de intensidade, torna-se imenso e tangível. Todas as raízes que arrancou pela vida fora lhe deixaram buracos em carne viva. Chegou assim ao ponto em que lhes pertence definitivamente. Sua alma é o domínio dum outro mundo de fantasmagoria e dor. Não pode mais, e julgamo-lo enfim prostrado. Erro. Levanta-se a toda a altura, e nem a morte lhe mete medo, nem os fantasmas o subjagam. Feixe de nervos a vibrar, aquele homem ergue-se diante das forças absurdas e não cede: desafia o destino e luta com todas as sombras. Mesmo cego, grita e protesta, interroga e debate-se: – Há Deus? Não há Deus – há sofrimento: dor e fantasmas. Aqui estão todos à minha volta... Que é a vida? – Uma blasfémia, um grito. – Isto não tem fim nem destino. É um absurdo. – Uma gargalhada – uma bala nos miolos.

Era tempo. Já ninguém podia aturar aquele farrapo dorido. E nem ele se podia aturar a si mesmo. Quando se matou, houve talvez em roda um suspiro de alívio. A própria natureza se sentiu apaziguada.

Na sua obra não há uma árvore – anota Junqueiro. Há. Há na sua vida aquela árvore que teimava em lhe bater devagarinho na vidraça, aquela acácia que é um dos grandes actores desta tragédia, apesar de lhe caber um papel tão modesto que não pronuncia palavra. Noite cada vez mais negra, silêncio cada vez maior... E ela aí tornava a tocar, muito baixinho, nos vidros. Debalde. Ele não a podia ouvir...

## DOIS ESPECTROS

Ao cair da tarde do dia 8 de Janeiro de 1902, Mouzinho de Albuquerque chamou a tipóia fechada do Manuel Ferrador e, ao passar em frente da quinta das Laranjeiras, meteu uma bala nos miolos. Quem o viu um pouco antes julgou-o despreocupado. Esteve no Ferin a pedir livros, e chegou a comprar um romance francês. Sorria – diz um. E outro viu-o «levemente excitado escrevendo cartas no Turf», que meteu no bolso, deitando-as ao correio no alto da Avenida ou em Sete Rios, no ponto em que a estrada se cruza com a de Campolide. Mas estas observações são de superfície. É a máscara. O seu estado de alma só se define com uma palavra – horror. Havia meses que as trevas se iam acumulando sobre o seu espírito, e afinal condensaram-se. Quando no Ferin pedia um romance qualquer, um romance vulgar, estranhava e desconhecía o som da sua própria voz. Há momentos trágicos na vida em que falamos numa banalidade e só pensamos na morte: os homens à nossa roda movem-se num plano diferente, e até as coisas se nos afiguram fantasmáticas. «Brusco, nervoso, irrequieto, só conquista inimigos, antipatias, más vontades» – afirma outro. Agora entendo. Chegara ao estado, de

dizer:

– Se algum jornalista me belisca tanto como uma unha. saio-lhe ao caminho e atravesso-o como um cão.

O seu desalento era mortal. Alguém que o viu de perto na véspera do suicídio, disse-me textualmente: – Houve um momento em que os seus olhos me pareceram de morto. – Porquê? Porque olhava e já não via. – Foi talvez nesse momento que ele viu a inutilidade do heroísmo e então decidiu, sem hesitação, suicidar-se. Para ele a morte era o menos. Para a morte marchava como para o Craal do Gungunhana.

A sua morte fez uma grande impressão. Todos se lançaram nas mais controversas conjecturas sobre os motivos que haviam dado origem a tal alucinação – estilo de jornal. Amor? Mistério? Desespero? A rainha esteve com a esposa de Mouzinho, das dez horas até à meia-noite. Uma delirava, a outra chorava, comovida. A morte, dizem os médicos, tinha sido instantânea.

\*

Mouzinho de Albuquerque suicidou-se porque não pôde desempenhar neste país um grande papel político. Trouxe da África o sonho desmedido dum Portugal Maior, e julgou encontrar no paço e no rei o apoio necessário para o realizar. Deparam-se-lhe os políticos, a corte, a força obstinada e cega da mediocridade e da inércia. Havia de acabar dominado pelos homens, que não são santos nem heróis. Foi a realidade que lhe fracturou o crânio, por incapacidade de se submeter à mentira do paço e da vida.

– No paço todos me tratam bem – dizia ele. – A rainha faz-me a honra de ser muito minha amiga, mas o meu meio não é aquele. Se as circunstâncias aparecerem, safo-me outra vez para África ou para a Índia.

Chegámos ao nó da acção. Mouzinho era um soldado, com o sonho duma pátria a realizar. Se o pudesse resolver com um destes golpes de decisão e de audácia em que se joga o destino e a vida, e que exigem exaltação e ao mesmo tempo serenidade, Mouzinho tinha subjugado os acontecimentos e os homens. Caiu num meio em que o triunfo só se alcança com astúcia, em que os nervos se gastam num esforço de todos os dias, em que o cérebro se há-de por força amoldar à mediocridade alheia, em que é preciso, fingir, sorrir, e calcular cada passo no chão movediço. Dum lado a mentira e a fórmula, do outro um orgulho desmedido, uma decisão rápida e um grande sonho de glória. A morte de Mouzinho está explicada neste descalabro dum criador de heroísmo incompreendido e inutilizado.

– Um dia apresentaram-me o Mouzinho no Central – diz-me Junqueiro. – Sentou-se à minha mesa e disse-me as últimas de D. Carlos: «Não se interessa nada pelas questões públicas. Dava um bom marquês de Bacalhoa e mais nada. Ofereci-lhe o meu livro há três meses e ainda me não disse uma palavra. Trata os criados muito bem, por desprezo. É um malandro. Perguntará então o senhor Junqueiro porque é que o sirvo. Porque calhou. Amanhã morro por ele, aí a uma esquina – a revolução é inevitável – mas desprezo-o.»

O drama é sempre o mesmo. Quem pudesse contá-lo, e hora a hora anotar o grito interior de todos os dias, que se não traduz em palavras nem gestos, o gastar dum sonho ao contacto com as pequenas coisas da vida, que são as que, afinal, dominam! Para vencer é preciso ser-se medíocre. Um herói não pode ser um político. Os heróis ou os santos só em momentos excepcionais é que são compreendidos pelos homens vulgares. Nunca ninguém foi menos apto para a política e para a intriga do que Mouzinho. Um amigo dizia dele:

– Este Mouzinho, desde que veio da África, tomou a peito a sua demolição.

Cheio de desprezo pelos homens, muitas vezes repetia:

– Isto faz pena! isto faz pena!

O 2º Pitt, por exemplo, arcou com a tempestade napoleónica e com as intrigas da corte fútil, com o maior drama do século passado e com o rei imbecil e versátil. Usou-se até ao fio e morreu virgem e pobre. Mas para isto é preciso uma persistência de aço, ser assíduo, não ter espinhaço. Gastar a vida em futilidades. Pensar ao mesmo tempo, com obstinação, num sonho e nas modas da corte. Ora Mouzinho era principalmente um soldado. Mais de uma vez o rei o repreendeu por o ouvir dizer mal dos políticos. Mais de uma vez a rainha o salvou de ser despedido como um criado. Vêem-no agora amarfanhado, entre o desespero e a banalidade, sujeitando-se já a governar com o José Luciano (Alpoim), e compreendendo que a sua vida, a sua glória, o seu destino, seriam inúteis? Ia descer. Tinha de descer ou de morrer. Viu cara a cara a realidade e foi então que decidiu matar-se.

– Qual é o seu ideal? – perguntou-lhe uma senhora.

E Mouzinho respondeu-lhe logo:

– Morrer a tempo.

Escreveu várias cartas na véspera e no dia do suicídio. Diz-se que uma personagem, misteriosamente, ao fechar do caixão, lhe foi meter um maço de papéis entre a farda e o peito, do lado do coração. Não sei se isto é verdade, nem me importo. O que teria importância para mim e para a História era descobrir se realmente Mouzinho escreveu uma carta, antes de se matar, ao rei D. Carlos. À rainha se dirigiu, pouco mais ou menos, nestes termos: «Não posso viver ferido no meu orgulho. Se tem crenças, reze por mim. Eu já as não tenho.» A carta ao D. Carlos foi negada, mas alguém que o podia fazer (mais tarde me referirei largamente ao caso) me asseverou um dia que foi escrita e recebida. Melhor: que a carta existe. Existe? Se existe, é um documento importante para a História contemporânea, porque foi ela, sem dúvida, que originou a mudança de atitude de D. Carlos e até, talvez, a sua morte. D. Carlos foi, até certa altura da vida, como todos sabem, indiferente às quadrilhas políticas. Deixou-as à larga. Viveu com elas. Só muito tarde se modificou. Porquê? Com medo aos republicanos? Ou, não de chofre mas lentamente, como é natural, as palavras de Mouzinho foram influenciando no seu espírito? Essas dez ou doze folhas de papel, escritas na exaltação da morte, com a alma ferida e o sonho espezinado, essas palavras, naturalmente altivas, naturalmente grandes e sinceras, deviam calar no ânimo do rei... Quis arredá-las e esquece-las, mas ficaram-lhe impressas na memória até ao dia em que caiu no Terreiro do Paço, varado pelas baias. O fantasma da República iminente foi que o levou a modificar-se, mas o primeiro golpe deu-o Mouzinho. Anos depois, o rei provoca o seu destino. Seria o espectro do herói que o arrastou à catástrofe e ao túmulo?

## VELHAS NOTAS

Esta Lisboa desaparece ignorada – esta Lisboa do constitucionalismo, azul e branca, esta fantástica e admirável Lisboa em que era uma delícia viver. Ainda hoje me contaram que numa procissão, creio que da Senhora da Saúde, que tem uma capelinha ali para a Mouraria, ia todos os anos, no acompanhamento, a artilharia, o sr. D. Afonso e, antes do andor, descalça e com dois pares de brincos nas orelhas, a Lavradeira, que tinha um alcouce na Rua da Madalena, e que acabou rica, deixando a fortuna ao marido, de Viana do Castelo.

\*

Puseram-se diante de mim a falar deste, daquele e de algumas figuras curiosas do passado:

Quando o Governo se lembrou de cunhar aquelas moedas das enormes de *dez tostões*, a Casa da Moeda mandou a D. Carlos as primeiras que saíram dos moldes. O rei examinou-as demoradamente, como artista que era. Gabou-lhes o cunho, a nitidez, o peso, o toque. E disse para os seus camaristas: – É pena serem tão grandes!

E logo o marquês de Alvito:

– A engordar dessa maneira, onde queria V. M. que o metessem?

O marquês de Angeja foi um dos maiores originais do século passado. Andava sempre por essas ruas de botas de alça, jaleca, chapéu redondo e alforjes às costas. Morava no Lumiar e ia e vinha a pé, tirando o seu barrete à plebe e aos maiores fidalgos com quem era aparentado. Quem o não conhecesse, tomava-o por um saloio autêntico. Mas, se acaso se metia a ser marquês, ninguém o era mais nem melhor do que ele. Quando entrava na Câmara dos Pares, o que raras vezes fez, ia de saloio até à porta do Parlamento, mas no primeiro recanto tirava dos alforjes o manto de arminho, e só de manto de arminho assistia às sessões.

No casamento de D. Carlos, o marquês de Angeja saiu do Lumiar a pé, de alforjes às costas. Chegando a S. Domingos, entrou na sacristia, tirou do alforje o chapéu armado, o espadim, as condecorações, a farda, Os sapatos de verniz e as meias de seda. E junto do patriarca, dos bispos e dos cônegos fez a sua *toilette* e meteu igreja dentro a pegar na vara do pátio que lhe pertencia. Encontrou agarrado a ela o marquês da Foz, marquês de nova data, e em todo o prestígio da sua riqueza. O Angeja tirou-lhe a vara da mão e disse-lhe:

– Tira-te para lá, que aqui não pegam... – e concluiu com um palavrão.

## TEÓFILO

O retrato de Teófilo Braga feito pelo Columbano é uma figura dramática. Quem lida com ele diz que Teófilo fala, fala sempre e diz mal de tudo e de todos: do Camilo, do Eça, do Antero. Diz mal da madrastra, por causa de quem saiu de casa, indo para Coimbra. A sua primeira ideia foi a América. Há uma única pessoa de quem diz bem: – do pai, que foi um grande homem de bem. Da República conta horrores.

– E não hei-de morrer sem deixar o meu depoimento sobre os homens do regime. O que lhes valeu no estrangeiro foi eu presidir ao Governo; senão, tomavam-nos como apaches.

Velho – está resistente e teimoso – velho está agressivo como na primeira hora!

– A mim tanto me faz ser rico como ser pobre. Se fosse rico, vivia da mesma maneira... Aqueço o meu café no candeeiro de petróleo. Ninguém me procura. Não me importa. Às vezes batem-me à porta e eu finjo que não ouço. Deixá-los lá...

– Porque ando sempre de guarda-chuva? Até já o Bordalo me caricaturou de guarda-chuva... É que o guarda-chuva, para mim, serve-me de tudo, até de arma. Duma vez, numa velha questão com o Castilho, o filho, o Júlio, encontrámo-nos nas escadas da Biblioteca e chamou-me: – Patife! patife! – Fui para ele de guarda-chuva em riste e, se não foge, tirava-lhe um olho!

O Manuel Ramos conta ao Pacheco do *Janeiro* esta cena macabra, que lhe foi narrada pelo Anselmo Braamcamp:

Primeiro descreve o velho pertinaz e materialista – mais velho, mais avaro, mais seco (mas não esqueçam que toda a sua obra só teve um fíto: o engrandecimento do povo português), o velho com ódios até à última, bico e unhas até ao fim da vida. – Intervém a morte, leva-lhe a mulher, aquela pobre velha que se levantava às vezes no meio duma visita, quando ele era presidente – o senhor Presidente – e dizia assim (anos e anos de hábito e de ternura): – Agora vou-me embora, porque lhe quero assar um franguinho, que é a única coisa que ele gosta de comer. Intervém a dolorosa tragédia, o cangalheiro, o enterro e Teófilo recomenda: – Gastem pouco dinheiro! gastem pouco dinheiro! – Uma velha criada quer vestir à sua senhora um vestido de seda:

– Para que é isso? – É o vestido que a senhora disse que queria levar... – diz a mulher, chorosa. – Isso está ainda muito bom, veste-lhe outro, mais velho. – E levando-o junto ao caixão assevera: –O que ali vês é lodo! é lodo, só lodo!

Não sei se isto é inventado, porque estes Braamcamps, todos estes homens da investigação, não se podem ver uns aos outros – mas está certo – está certo com a figura, com a avareza – com o sentimentos e as ideias – está horrivelmente certo.

Morreu-lhe a mulher, e a criada velha que o servia abandonou-o. Tomou uma rapariga, que adoeceu. Ouvia-se então Teófilo, nas sessões da Academia, dizer:

– Vou-me embora mais cedo porque estou sozinho e tenho de cozinhar lá umas coisas...

E isto só o engrandece.

O que eu admiro mais neste velho é a teimosia e o hábito. À força de persistência, chega a ser o que um sobreiro chega a ser no monte: deita raízes no mesmo sítio, engrossa e cresce: tem grandeza. Sempre agarrado aos seus livros, às suas ideias, à sua obra – que Unamuno diz que tem três metros de profundidade – aos seus princípios, atinge o tamanho e a majestade duma árvore secular. Tiro-lhe o meu chapéu pelas intenções, pelo esforço, pela sinceridade da sua vida, pelos seus hábitos simples, ligado ao trabalho sempre. É um homem tão extraordinário, que morre impenitente, não só agarrado às suas ideias mas também aos seus rancores que leva para a cova para remoer por *omnia secula seculorum*.

\*

O António Arroio, que conheceu os dois irmãos e toda a família de Júlio Dinis, diz que o mais notável dos três era o Alberto. E, a propósito, cita este facto interessantíssimo: – O Júlio Dinis morreu virgem. Tinta-se apaixonado por uma prima e teve um enorme desgosto quando ela se casou.

## JOAQUIM DE ARAÚJO

Dizem os jornais que se matou ontem, em Génova, o Joaquim de Araújo, com um tiro de revólver no coração. Eu conheci-o sempre alheado em pequenas coisas – versos, bibliografias, frases. Com isto miséria, com isto orgulho. Podia ter enriquecido – podia ter sido político: contentou-se com um quinhão de desgraça, absorto num sonho literário, desdenhado pelos homens de acção – e tem para mim certa grandeza, que me força a deter-me um momento perante este cadáver com o coração despedaçado por uma bala. E foi a bala?... Na sua vida houve um romance de amor também literário. Durante anos escreveu a uma estrangeira, polaca, creio eu, cartas de amor. Por fim

conheceram-se e casaram – e passados dias ela abandonava-o e fugia. Momento atroz na sua vida de pequenos versos, de frases, de notícias bibliográficas, quando deu de cara com a vida. Horrível solidão em que compreendeu talvez a inutilidade do seu sonho, em que Joaquim de Araújo acordou para a realidade e não pôde arcar com a realidade.

Ainda aqui há anos o encontrei em Veneza, feliz (era nas vésperas do noivado), com o mesmo casaco velho, as mesmas preocupações e os mesmos versos de há um século...

– Vou casar, vou casar... – disse-me sem entusiasmo nenhum.

24 de Outubro de 1913

O pobre Joaquim de Araújo não morreu: salvou-se para a loucura. Está internado num hospital de Lisboa.

\*

O filho do Trindade Coelho conta-me que o pai, nos últimos tempos de preocupação, de desgosto e de neurastenia, gastou o sobrado da casa, sempre a andar, sempre a rondar, de dia e de noite, no mesmo sítio da sala – de cá para lá, de lá para cá...

#### ROCHA PEIXOTO

A morte dum amigo, exactamente no momento em que realizava as suas ambições, traz-me à memória a morte horrível de Rocha Peixoto, quase nas mesmas circunstâncias. Há minutos em que a gente sente rodar os passos do Destino e outros, mais amargos, em que se ouve uma risada de escárnio – quando desabam todas as nossas construções efémeras...

Rocha Peixoto lutou como um desesperado. Era desconhecido e pobre e queria instalar-se na vida. Trabalhou como um negro. Escreveu, deu lições, redigiu os folhetos dum político em evidência. À noite era bibliotecário numa associação de caixeiros. A sua vida foi um cálculo e um esforço constante e metódico. A *Portugália* lançou-o definitivamente, e o político acabou por o fazer nomear director da Biblioteca Municipal do Porto. Tinha nessa altura reunidos também todos os materiais para a grande obra da sua vida – um livro sobre o povo português. Respirou: a casinha da Póvoa para descansar, a casinha de Matosinhos com alguns móveis e livros escolhidos. Aquele poveiro de botas cambadas ia ser uma das figuras de amanhã. Todos os seus esforços tinham enfim atingido o ponto culminante. E exactamente nesse momento é que a tuberculose o ataca dos pés à cabeça. Estou a vê-lo naquela sua casa solitária e húmida de Matosinhos, onde acumulara os móveis, as faianças e os livros... Não se iludiu. Compreendeu que todo o cálculo fora inútil, que toda a persistência fora inútil, que todo o trabalho acumulado fora inútil. Compreendeu tudo, compreendeu que ia morrer. – Agora que juntei as minhas notas! os papéis de toda minha vida! – Sim, no momento em que vencera, ia deixar a vida irremediavelmente. Era um homem de alto valor, céptico e irónico, a quem devo algumas palavras de piedade – e que se atreveu a olhar de frente o Destino. Construíra a vida – para a ver desabar. Embrulhando-se num velho gabão, mandou fechar as portas e não quis receber ninguém, não quis falar a ninguém. Desesperado e mudo, esperou a morte numa imobilidade de estátua. Em poucos dias a tuberculose generalizando-se atacou-lhe os pulmões, o fígado e o cérebro.

Extinguiu-se num silêncio trágico na velha casa de Matosinhos onde se ouvia perfeitamente ecoar o riso sarcástico do Destino.

## BRUNO

Bruno, esse, nunca fez cálculos sobre a vida. Cheio de simplicidade e de modéstia, viveu e morreu como um pobre homem – a arrastar-se, nos últimos anos, da padaria da Rua do Bonjardim para a Biblioteca, da Biblioteca para a Rua do Bonjardim. Punha um pé – parava; outro pé adiante – com uns testículos que lhe chegavam aos joelhos, e suspendia a marcha, arrastando-se com os vagares do caracol. Cada vez mais apegado à inocência dos livros, a sua grande alegria era conversar... – Só se detinha um momento a olhar a gente por cima das lunetas e tinha pena de não poder, como antigamente, correr as ruas do Porto, até de madrugada, com os seus amigos. – Nem ao café vou. Chamam-me talassa! – Do Porto dizia:

– É a melhor terra do Mundo para se viver. Nem Paris lhe chega!

Ora sucedia que este homem extraordinário que sabia tudo e que conhecia tudo – que valia uma biblioteca, conversador admirável, e que era ao mesmo tempo um homem modesto, falando baixinho, com grandes olhos de míope a espreitarem por cima das lunetas – tinha a desgraça de ser tão tímido que, posto à espera dum eléctrico, não se atrevia a fazer o gesto de o mandar parar. Se parava, subia – se não parava, ficava à espera de outro.

\*

## O ENSINO

Inverno. Luz turva. Um casarão enorme no apto da Rua Fernandes Tomás dentro duma cerca de terra calcinada... Entro: sala enorme, cheia de petizes dominados pelo mesmo sentimento de terror. – 8 X 7? – 8 X 7? – Entre as bancadas passeia um homem atarracado e grosso, de cabelo encarapinhado de mulato, botas de montar e a palmatória metida no cano das botas: – 8 X 7? – 8 X 7? – E o seu vozeirão mete medo. – Eu tinha todos os dias cólicas horríveis, antes de entrar no colégio de S. Carlos, e foi ali que principiei a estragar os meus nervos e a amargar a vida. O mestre, o Aragão, não era mau – era estúpido. Tinha nascido para cavar as vinhas do Alto Douro – e acabou director de colégio, depois da morte do Carlos Brandão.

Era aquele o seu sistema de ensino. De pé, entre as carteiras, nem dava tempo aos pequenos de reflectirem. – 8 X 7? – Adiante! adiante!... – 59! – 64! – 32! – Adiante! adiante! – Um, por fim, exclamava: – 56! Punha-nos então todos em fila e os bolos estalavam nas mãos dos rapazes, que se torciam e choravam, ou que bufavam na pede inchada e dorida. Levavam todos – levava também o que acertara por acaso, e a quem ele dizia com malícia: – Tu, tu também apanhas – para não te esqueceres! – Era um método.

Tinha ainda outro: o de mandar ao que acertara desancar os que tinham errado. Era um método tão bom ou tão mau que eu nunca consegui aprender a tabuada. Ainda hoje a não sei. O Aragão punha nomes a todos os rapazes: – Cabeça de Vitelo, Zé Bezerro, Cabeça de Burro, etc.

Mais tarde, como interno, caí do ninho tépido no dormitório gelado e enorme daquela caserna imensa da Rua Fernandes Tomás – e dei de repente com um mundo atroz e brutal. O colégio endurece. Havia lá de tudo: homens de barba até ao umbigo,

que estudavam as primeiras letras, garotos e brasileiros desterrados e friorentos. Desciam da serra sacripantas brutais cheirando a caldo e a broa e saíam da Rua da Soveia figuras mal amanhadas, ainda em bloco, para os professores desbastarem. Era terrível ouvir o vozeirão do Dantas ensinando latim àquela cáfila, com bramidos que se ouviam no Bolhão: – Bacamartes, pistolas e navalhas! Cabeça de burro ou calhamaço à tua escolha! – ou o Borges de Avelar fechar o livro de repelão, respirando com a amplitude duma baleia perseguida – enquanto o Aragão levava a sua fúria nos mais pequenos apavorados: – 9 X 8? – 9 X 8?... – Era verdadeiramente horrível, brutal e grosseiro – e talvez fosse necessário...

Tudo o que aprendi, desde o desenho, onde havia coisas extraordinárias que ainda hoje me perseguem em sonhos, como a perspectiva cavalheira e a perspectiva pitoresca, inventadas por o Miguel de Abreu, até à química – tudo foi encasquetado à força de berros na memória daquelas gerações de desgraçados – para o exame no liceu. Mas dali, dos oitocentos rapazes que enchiam os dormitórios e as aulas, saíram homens ilustres como o José de Figueiredo e cocheiros de praça como o Lamas e outro de quem esqueci o nome, e que um dia, muito mais tarde, encontrando-me na Rua Augusta, fardado de capitão, me chamou do alto da boleia: – Ó 114, anda daí dar uma volta, que não pagas nada! – Fiquei com uma impressão de negrume, que nunca mais me passou, do dormitório, do refeitório a cheirar a gordura, das salas de estudo cheias de tinta, do refúgio cheio de encanto das retretes, onde os mais velhos iam fumar metendo a cabeça no buraco, para os prefeitos não sentirem o fumo. Fiquei transido. Há quem tenha saudades do colégio: eu sonho às vezes com ele e acordo sempre, passado de terror...

O que este colégio, porém, tinha de melhor é que nos punha em contacto com a realidade. Mio havia sistema de educação – mas entrava-se logo na brutalidade, no egoísmo, na dureza do inundo. Por isso a minha sensibilidade sofreu, porque tudo estava ali em desacordo com o ninho tépido e com as noções que aprendera em casa. Fiquei ferido para sempre.

Eram logo três ensinamentos atirados uns por cima dos outros o da família, o do colégio e o dos livros. O ensino de casa é em geral uma mentira que não resiste diante da vida... Se no colégio desenvolvessem também nos rapazes o culto da honra e o da verdade, o sentimento da piedade, só preparariam desgraçados. É lícito educar uma criança numa moral que já não tem curso – se é que o teve algum dia – e recomendar-lhe virtudes que só a tornarão mais fraca na batalha humana, num mundo onde a brutalidade e o egoísmo todos os dias conquistam terreno?, pergunto. Para vencer, estamos vendo, empregam-se hoje constantemente os meios mais perversos e a concorrência todos os dias aumenta. A lei feroz de cada um por si é a única que se encontra de pé.

Hoje era necessário lançar as bases duma nova pedagogia e preparar as crianças para uma disciplina maior. Formar homens novos para um mundo novo.

Felizmente, no colégio de S. Carlos ninguém curava de semelhantes problemas: os professores encasquetavam como podiam os livros na cabeça dos rapazes e o pequeno que ali entrava pela primeira vez caía logo naquele vasto inferno da cerca calcada e recalçada por seiscentos rapazes agitados, que recebiam os novos com gritos, chufas e encontrões. S. Carlos endurecia: era o que o colégio tinha talvez de melhor, porque nos dava imediatamente uma imagem exacta da vida.

Na Escola do Exército ensinavam, no meu tempo, coisas inúteis que me deram mais trabalho a esquecer que a aprender. Pólvoras – e não havia um gabinete de química; fortificações pelos livros, fórmulas pelas sebatas, prelecções pelos lentes – e pouco mais. Havia lá cadeiras tremendas, não pelo que valiam, mas pelo terror proficuo

que o lente sabia espalhar e que se transmitia de geração em geração. A pior – os *planos cotados* – era ensinada pelo Dias Costa, excelente pessoa, com um aspecto feroz. Ele sabia perfeitamente que os rapazes só se mantêm na disciplina pelo terror. Ai do homem que eles sentirem fraco! ai daquele que não souber perfeitamente o que ensina!... Ainda agora me sinto vexado, como no dia em que um atrevido atirou do alto do anfiteatro um punhado de milho sobre um pobre coronel de engenharia conhecido pelo Peru...

A Cavalaria, no meu tempo, era dispensada de estudar: não abria livro. Mas não era dispensada do picadeiro, onde um tenente Ilharco só admitia alunos que fossem centauros. Esse homem estragou a vida ao meu pobre João da Rocha que, da Artilharia, teve de passar para a Infantaria, por causa do meticuloso Ilharco...

Os rapazes de Cavalaria nem livros tinham. Um, que foi meu companheiro de casa, era um tipo de carão comprido, taciturno, que passava os dias agarrado à guitarra, cantando uma eterna lengalenga em que ia comentando com voz rouca a vida, o amor, o sonho e a Escola, e que interrompia de quando em quando, sempre com o mesmo estribilho:

Que vá para a p... que o pariu  
Mai-lo Neves, mai-lo Neves do Rossio!

Foi a esse meu amigo, a quem esqueci o nome, que, num regresso de férias, ouvi a seguinte extraordinária história, contada com um soberano desprezo pela vida, pelo amor e pela arma de Infantaria.

Que vá para a p... que o pariu  
Mai-lo Neves, mai-lo Neves do Rossio!

– Tínhamos quinze dias diante de nós, eu e mais dois camaradas, resolvemos ir à caça para o Alentejo: não sei, porém, qual foi – o Rogério, talvez – que se lembrou de levar connosco três raparigas da Antónia – que fomos convidar para um passeio no rio.

Estava um destes luares de encanto e as raparigas vieram mesmo assim, de bata e sapatos de veludo. – Tu não trazes a guitarra? – A guitarra está no barco. – E um começou a rir, riu-se o outro, e elas desataram a rir-se também – porque todos tínhamos vinte anos. No Cais do Sodré o Rogério chegou o barco e saltámos todos dentro: eu agarrei os remos e uma delas principiou a cantar uma daquelas coisas espanholas que vêm direitas da África como um bafó morno e triste.

Eu a remar, elas a cantar e o luar a bater-lhes em cheio e a reluzir no rio como. as malhas duma rede metálica – desfazendo-se em pó na esteira do barco. Lisboa, velada ao fundo, ia sumir-se no luar. Eram duas horas, em Agosto, com quinze dias de férias diante de nós. – Para que diabo trouxeram vocês os cães, que nos encham de pulgas? – Eu não disse nada – os outros dois desataram em gargalhadas que não cessavam. íamos a meio do rio, e as raparigas, sem desconfiarem da partida, continuavam a cantar, influenciadas pelo luar, que parecia coalhado sobre a amplidão ilimitada do rio... Só quando atracámos na Outra Banda, e saltámos em terra com as espingardas e os cães, é que elas perguntaram:

– Onde é que vocês vão? Queremos ir embora... – Uma choramingou. – Pois vão!... – Era o deserto dos campos ou o Tejo imenso a atravessar. – Pois vão... – Maldade, a necessidade de fazer sofrer as raparigas – de as ouvir gritar? Não, o mesmo instinto que em noites de orgia nos leva a partir tudo para esquecer tudo – Pois vão. Nós vamos à caça por aí fora... –Depois dum momento de irresolução, lá se puseram a caminho, atrás de nós, debata e sapatos de veludo. Era já dia claro.

Quinze dias de charneca. Bebíamos nos poços. Comíamos o que caçávamos e à noite, acampados à luz duma fogueira, dormíamos no chão. Nunca encontramos ninguém. O céu, a charneca solitária, o nosso bando e os cães. No primeiro dia caiu-lhes o *cold cream*, e o pó-de-arroz, no dia seguinte desfizeram-se-lhes os sapatos. Já não choravam. Seguiam-nos mais coladas a nós que os cães, com medo de nos perderem... Romperam-se-lhes as batas, ganharam calos nos pés. Depois foi a própria pele, com o sol e o ar vivo, que se lhes despegou. Mas como não havia tempo para lamúrias, nem nenhum de nós as escutava, caminhavam sempre, como três escravas caladas, submissas e diferentes... Oh, diferentes! Pareciam o que naturalmente tinham sido antes de irem para a vida – três raparigas do campo...

– E à noite? à noite hem?... – perguntei-lhe com malícia.

– Tínhamos lá tempo para isso! Nem vontade. À noite deitávamo-nos todos enrolados, nós, elas e os cães, extenuados da caminhada. O que nós queríamos era comer e dormir. Acesa a fogueira, na noite imensa, assados os coelhos ou as perdizes no borralho, caíamos como bêbados – com esta rápida e sublime impressão nos olhos: – o formigueiro do céu em cima, duas brasas ao lado e a escuridão à roda. Não fazíamos caso uns dos outros – nem homens, nem mulheres, nem cães.

Uma noite acordei, altas horas, e ouvi soluçar. Olhei para cima; o céu parecia ter-se aproximado: sobre nós; um rodilhão de estrelas vivas, em muito maior quantidade e com muito mais brilho do que em qualquer outra noite – e a meu lado uma das raparigas, não sei qual delas, que falava, baixinho, para as outras:

– E nunca mais me lembrei do meu filho! O meu filho! E agora, com estas estrelas, pus-me a lembrar do meu filho, que abandonei, do meu filho, que tinha esquecido e que nunca mais torno a ver!

– Cala-te! cala-te!..

– Não posso!

Não sei o mais que disse, porque caí logo num sono de chumbo, com a sensação de ouvir uma fonte a correr – naquele sono dos que caminham um dia inteiro, que é um gozo extraordinário e que se dorme sem sobressaltos nem sonhos, com os punhos fechados – tão delicioso como a morte.

– E depois?

– Depois continuámos durante quinze dias a caçar. Não sei se elas chegaram a tomar gosto à charneca; sei que caminharam, caminharam sempre, esfarrapadas, negras, lamentáveis, até que regressámos a Lisboa. Então...

– Descompuseram-nos?

– Nem palavra. Quando se pilharam em terra (era de noite), nem olharam para trás: deitaram a correr e nunca mais as vimos...

– Mas quando vocês voltaram à casa da Antónia?

Mas já ele, aborrecido, tomara a guitarra e começara a lengalenga do costume, em que comentava todos os casos da vida – casos de amor, conferências da Escola<sup>1</sup>, a estupidez dos lentes ou a incoerência dos sonhos, intercalando de quando em quando e sempre o mesmo estribilho:

Que vá para a p... que o pariu

Mai-lo Neves, mai-lo Neves do Rossio!

Dezembro de 1916

O Júlio Mardel conta – como ele sabe contar – que indo um dia a casa do

Penamacor visitá-lo e não encontrando ninguém, foi por ali dentro, até a um grande salão imponente e deserto. Olhou, viu duas caldeiras a um canto, cujo fim ignorava, e um fio esticado de cobre, que vinha duma delas à outra extremidade da sala prender-se no busto de D. João de Castro, e que parecia um fio de secadouro. De repente ouviu um berro lá dentro: era a voz do conde descompondo o criado por o ter deixado entrar para ali – e logo apareceu o Penamacor, que o arrastou para outra sala.

Era quase noite.

– Queres tu dar um passeio até à Boca do Inferno? A noite de luar está uma lindeza...

Fui – e todo o caminho o conde me fez perguntas insidiosas, a que eu, na minha boa-fé, ia respondendo, sem perceber. Só depois compreendi o grande perigo que corra... Ele queria saber se eu tinha desconfiado – queria saber se eu perceberia para que fim estavam no salão as caldeiras e o fio de cobre... Matava-me pela certa!

Dias depois – numa linda manhã – o conde era preso na quinta de Sintra – na mesma quinta onde o grande D. João de Castro proibira que se plantassem árvores de fruto para dali arredar toda a ideia de interesse. E logo confessou tudo: onde tinha os moldes, os secadouros e as notas falsas. Até pavios de vela mandava comprar às tendas com notas de cem mil réis! Absolvido por empenho, foi agradecer ao rei, que lhe disse:

– Já sei que vais para o estrangeiro. Boa viagem!

Agosto de 1917

Nos colégios católicos, e nos outros colégios portugueses, a higiene é esta:

Uma menina, neta do marquês da Foz, que andava no Bom Sucesso, queixava-se a uma tia:

– A gente, lá no colégio, não lava aquilo, que a tia sabe senão às sextas-feiras.

– Às sextas-feiras? Ó menina, mas então isso é em memória da morte e paixão de N. S. Jesus Cristo!

## LISBOA

Lisboa é feminina. Lisboa cheira um pouco a alcouce e a pós-de-arroz. Na rua, os homens fazem olho a qualquer mulher que passa, e em quase todos os andares das ruas mais escusas da Baixa há *apartements à plaisir*. Juntem a isto as revistecas, os teatros, as casas suspeitas...

As velhas têm amantes e os homens dois lares. Um amigo meu, sempre que vai ao teatro, leva a mulher para um camarote de 1ª ordem e a *bicha* – é como ele chama à amante – para um de 2ª, mesmo por cima do outro, para a mulher a não ver.

Teatros maus, piores. actores.. Ninguém representa (1919). No Avenida, o velho Brasão e a Palmira Torres numa peça idiota – *Sua Majestade*; no Nacional, com raríssimas excepções, ninguém sabe o que é representar aquelas traduções de francês. Estou quase a dar razão ao público, que prefere as revistas do ano. São sátiras políticas, com mulheres ordinárias que mostram tudo o que podem, e, além disso, a obscenidade acorda nos portugueses levas de mortos, que se regalaram com os versos do Bocage, com o Camões do Rossio., e com outros homens notáveis.

Lembro-me muito bem duma Lisboa amável e falsa com políticos progressistas e regeneradores, discutindo na Arcada, de chapéu alto; dum lisboeta sorridente, com a

ponta do lenço a sair-lhe da algibeira do casaco; do jornalista dos teatros distribuindo camarotes; das meninas falando ao namoro dos quartos andares para a rua por um telefone de cartão e fio paquete, diante da pacata Guarda Municipal que parava e remoía como os bois. Passava o conselheiro imponente, de cabeleira lustrosa, a fumar um grande charuto numa fumadeira de espuma, onde se via sempre uma mulher em pêlo – o aspirante e o janota de luneta e gaforina. O grande homem do tempo era o Pinheiro Chagas – o grande político o Fontes. Na rua e na caricatura triunfava o marquês de Valada. A vida era fácil. A ambição suprema um emprego de quarenta e cinco mil réis por mês.

Tudo isto foi ontem – está sepultado há três mil anos. O lisboeta medroso foi substituído por o lisboeta que dá tiros nos cafés...

Dezembro de 1916

Lisboa é uma grande cidade muito suja e que vai ficando muito feia com as fantasias dos proprietários. A própria Baixa, que não era bonita, mas que tinha carácter, estão-na a estragar: vai ficar pior. Nunca deviam bulir, por exemplo, no Rossio, nas casas com as suas trapeiras e os seus telhados mouriscos – para legarem ao passado aquele pombalino intacto. Já lá está o Hotel Metrópole, já lá está o horrível Café Chaves, com uma mulher nua. O movimento das ruas triplicou nestes últimos anos.

Lisboa foi sempre, como Nápoles, uma cidade de pederastas... Desde o marquês de Valada até esse homem ilustre que morreu noutra dia, quantos nomes a citar! Escritores, aristocratas jornalistas... Em tempos, os bastidores de D. Maria foram *um* foco. Quando um jornal aludiu à intimidade dum actor notável com alguém muito conhecido, o actor barafustou e disse ao Pinturas: – Então tu não viste? Daqui a pouco não podemos sair juntos à rua; somos apontados a dedo. – E o Pinturas, pondo a mão ao lado da boca para ninguém ouvir: – O que vocês agora precisam é casar-se...

Ainda há poucos anos havia no Rossio um quiosque conhecido pelo quiosque do tio Pedro – que pendurava à noite, nos taipais, uma lanterna com dois vidros de cores, um vermelho, outro roxo. Quando um fanchono passava e dizia: «Boas-noites, tio Pedro», logo o velhote mudava o vidro vermelho para o roxo, o que queria dizer fanchono à vista – prevenindo assim os outros que estavam no Rossio.

## UM HOMEM

Encontrei ontem, numa rua escusa (Porto), ao dobrar a esquina, um homem que foi amigo de meu pai e seu contemporâneo no comércio. Tão pobre, tão apagado, com o fraque verde no fio, e fazendo por se sumir, rente com as paredes. – O olhar vago, os cabelos todos brancos!... Parecia que não pertencia já a este mundo. Naturalmente não soube enriquecer. A bondade perdeu-o. Naturalmente teve muitos escrúpulos – e agora os seus amigos de outro tempo dão-lhe de quando em quando uma placa de cinco tostões, quando ele entra nos escritórios, humilde, apagado e com o fraque verde no fio... Naturalmente passa mal... e tem por aí alguma filha que leva as noites a coser à máquina... É como aquele Navarro que noutra dia se chegou a mim, na Praça Nova, para me pedir baixinho uma esmola: – Eu agora não posso trabalhar. Tinha duas filhas, sabe, morreram-me ambas tísicas. – E chegando-se mais ao meu ouvido: – Morreram-me à fome! Depois deu-me uma coisa por este braço e a cabeça não pode... Por isso

peço esmola. – Vestido de preto, com o casaco transparente, repete: – Morreram-me ambas à fome!

Ó mocidade, atenção, que te arrependes se não olhas cara a cara a vida e a lição que te dão os que estão no alto – este admirável espectáculo de energia, de audácia e de ausência de escrúpulos que é a vida contemporânea!

\*

O que custa a largar na vida não é a esplêndida natureza, as grandes ideias, a luta ou as paixões – é o que fazemos todos os dias, é o hábito. Um médico meu conhecido do Porto, o de. Frias, acabou com estas palavras: – E os meus doentes? que vai ser dos meus doentes? – Um pobre chefe de via e obras do caminho-de-ferro, que eu conheci em Guimarães, só dizia: – A linha! tenham cautela com a linha! – E, a mim, uma das coisas que me vai custar a deixar são os meus papéis. A vida leva-nos e aturde-nos. Lutamos. Debatem-nos. Mas, quando chegamos ao fim, estamos todos docemente maníacos. O cúmulo é o caso acontecido com o Alfredo Guimarães, cuja vida se passou na constante preocupação do *bric-à-brac* e que na agonia recomendava ainda:

– Olhem lá se esses homens, quando descerem com o meu caixão, vão partir as jarras da Índia que estão no patamar da escada...

## DOIS TIPOS

O Custódio era um negociante da nossa praça (Porto), que foi amigo de meu pai e que só conheci na velhice. Tipo baixo, trigueiro, de barba de passa-piolho, rico um dia, pobre o outro, e que parecia indiferente à vida e ao dinheiro. Com isto, extremamente bondoso. A nota, característica da sua vida seria esta: não era a fortuna que ele procurava no negócio – era a agitação. Não parava nunca, nem quando tinha cem contos nem quando estava completamente arruinado – porque a sua vida foi uma linha com altos e baixos repentinos que surpreendia e maravilhava toda a gente. E também não havia trambolhão que o arrancasse a uma placidez que parecia indiferença. Tinha o seu escritório, quando o conheci, na Praça de D. Pedro, mas a bem dizer o seu escritório era o País inteiro, porque nunca se encontrava em casa ninguém sabia dele, nem a família nem os amigos. Saía. sem Vintém, com um par de meias no bolso, e estava de volta, quando estava, passado um mês. Percorria a província em negócios. Já os condutores do comboio, que não pagava, lhe não pediam o bilhete. Era o Custódio. Viajava sempre em terceira classe, falando pouco e absorto não sei em que planos irrealizáveis e absurdos. Todos os estalajadeiros lhe sabiam o nome e fiavam dele. – o senhor Custódio. – Todos os almocreves, todos os grandes e pequenos negociantes da província e do Porto conheciam aquele homem honrado, que depois mandava pagar todas as suas contas. Duma vez não houve em casa notícias dele durante três meses inteiros.

Foi uma aflição. Veio-se a saber, mais tarde, que tinha ido ao Brasil, com o mesmo par de meias na algibeira e a mesma soberana indiferença, para realizar uns negócios que só ele conhecia, e que no Rio de Janeiro, como em Portugal, encontrara amigos, consideração, simpatia: – Olhem quem ele é, o Custódio!...

Como era um homem de bem e um homem de coração, acabou naturalmente pobre, o que lhe não deve ter pesado nada, porque, a bem dizer, o fim da sua vida não foi juntar dinheiro, mas correr mundo, planear empresas, discutir letras, assinar contratos, e sonhar, sobretudo sonhar. A bem dizer, cuida que o Custódio foi um grande poeta.

\*

Na Praça de D. Pedro (Porto) morava também um relojoeiro, chamado Girôd, que abria a loja logo pela manhã e a fechava o mais tarde possível. Creio que este homem nunca encontrou na vida outro interesse que não fosse comprar relógios e vender relógios. Na sua alma não coube nunca outra ambição ou outro sonho. Se lia era *O Comércio do Porto*. Estou a vê-lo, sentado ao balcão, com um ar pacífico e bondoso.

Um dia passou a loja. Ora um comerciante que passa a loja é como um militar que se reforma – não sabe o que há-de fazer às horas. Sente na vida um grande vácuo. Começa a arrastar-se pelos cambistas, à procura dum interesse, dum amigo, de qualquer pessoa com quem falar do passado, e em geral acaba por morrer de tristeza, depois de ter lido todos os jornais de fio a pavio. Uns desaparecem, como o «Vara-e-meia», num mistério insondável; outros, como o da loja das Alminhas, regressam à lavoura, depois de comprarem uma propriedade que ambicionaram toda a vida.

A este meu conhecido relojoeiro aconteceu-lhe uma coisa singular: passou a loja – foi para casa. Era no Inverno, teve frio, mandou deitar lenha no fogão, que nunca se tinha acendido – e pôs os olhos no lume. À tarde chamaram-no para jantar – foi jantar e voltou para o lume. E, de manhã, mal se vestiu, mandou outra vez acender o fogão, embebido, extasiado, atraído pelo lume.

– Mas como isto é lindo! E eu que nunca tinha reparado! Como isto é lindo!...

Mal respondia se lhe falavam, de olhos postos na chama. E assim preso ao lume foi ficando até morrer. Não houve mais despegá-lo daquela labareda onde ele via não sei o quê que o absorveu até à última hora – a ele que nunca tinha tido outro interesse senão os relógios que vendia na Praça de D. Pedro.

Há para mim, nesta pequenina nota, um encanto que não existe para mais ninguém. É que também eu vejo no lume da minha lareira as coisas mais extraordinárias – cavernas douradas onde se passam dramas. outro mundo e outra luz.

### O «AI-JESUS»

Gosto muito de caminhar pelas estradas nos dias secos, de inverno, cheios de sol. Está tudo doirado. Os passos ecoam no pavimento endurecido pela geada. Dum e de outro lado ouve-se o estalido da tesoura dos podadores empoleirados nas árvores. O centeio começa a nascer, e num cantinho o verde do linho extasia-me. Há uma poeira azul para os fundos e toda esta frescura penetra-me e inebria-me. A um quilómetro de casa (Nespereira) encontro o senhor Domingos com uma trouxa de farrapos debaixo do braço. O senhor Domingos, conhecido pelo «Ai-Jesus», é meu vizinho, de profissão esfolador de bestas. Também anda nas feiras com uma roleta às costas, vende, escondido do fisco, fósforos de pau e, nas horas aziagas, sai à estrada.

– Bons-dias, senhor Domingos

– Bons-dias, meu senhor.

E fomos, conversando mano e mano pela estrada fora no tempo, na fortuna, na escassez do pão, um ao lado do outro, ele com a trouxa de farrapos debaixo do braço e eu de bengala na mão. Mas, a certa altura, reparei, estaquei: a trouxa de farrapos tinha mexido...

– Que leva aí, senhor Domingos? – interroguei com severidade.

– É a menina, que fui mostrar ao hospital.

– Que menina?!

O senhor Domingos enviuvava há seis meses e ficara-lhe uma filha, que me mostrou desenrolando os farrapos sórdidos da trouxa, um resto de casaco remendado, um pedaço de pano, um trapo de lã suja, até que apareceu um pobre ser

cor de cera, só pede e ossos e com dois olhos de sofrimento e de espanto.

– a menina. Fui levá-la ao hospital porque não quer comer. Todos os dias lhe dou leitinho, mas ela não o toma. Põe-se assim a olhar para mim, calada...

Pôs-se efectivamente a menina a olhar para mim e para o ladrão que sai à estrada, esfolia as bestas e lhe dá a ela o leitinho – pôs-se a olhar para a vida atroz, com o espanto e a dor de quem antevê uma existência que não vale a pena suportar por mais tempo. Será talvez por isso que não quer comer, será talvez por isso que me perturbo como se tivesse diante de mim, não o «Ai-Jesus» com aquela criança embrulhada em farrapos, mas duas figuras fora de toda a realidade, que saem do âmago da vida e me imploram e acusam ao mesmo tempo...

– Agora vou dar o leitinho à menina, se ela o quiser tomar.

– Então, adeus, senhor Domingos – e faça favor de desculpar.

Faça favor de desculpar o quê? Oh, meu Deus, faça favor de desculpar os financeiros, os políticos, os banqueiros, toda esta engrenagem horrível que nos esmaga!

Ele é ladrão, mas nós somos piores do que ele – somos piei do que ladrões.

## OS ÚLTIMOS ANOS DE JUNQUEIRO

Tenho conhecido em toda a minha vida dois ou três santos e alguns homens superiores. Nunca vi mágico da força de Junqueiro. Homem extraordinário! engenho extraordinário! Às vezes Deus fala pela sua boca; outras — quando menos se espera — é o Diabo fosforescente e sarcástico... Sempre que o encontro fico atônito. Tudo nele me deslumbra: o monólogo preparado, o dito repentino, a vida irreal que ele cria e produz ao lado da vida — e maior que a vida — a sua prodigiosa concepção do universo. Foi sempre assim — foi sempre imprevisível. Conheci-o profeta, com um fato velho, a pregar na Praça, e já o encontrei no Amieiro a discutir o talhe dum *smoking*. Vi-o também muitas vezes deixar um homem em evidência para acompanhar um poeta desconhecido e pobre. Grande génio que só na política — era de prever — falhou quanto se pode falhar!

A sua geração é, decerto, a maior geração literária que tem nascido em Portugal e, no entanto, só talvez Antero, entre todos eles, se conserve intacto... É o único que nos obriga a falar mais baixo. Rodeiam-no ainda as sombras desmedidas com que arcou na existência e que o levaram à morte. Ao próprio Eça falta-lhe não sei o quê que me irrita. Não é o talento, que adivinha e põe de pé viva a própria vida. Ainda agora reli as *Singularidades duma rapariga loura*, e fiz esta reflexão: nenhum outro era capaz de ressuscitar os homens, os sentimentos, os caracteres, a teimosia, como ele logo no primeiro livrinho. E com que frescura! As páginas, como as flores que foram colhidas de manhã, conservam ainda o orvalho. E, no entanto, agasta-me; sinto que a sua obra, lá de dentro, não era aquela; a sua obra verdadeira fechou-se com ele no túmulo, onde o esqueleto conserva na órbita descarnada o monóculo insolente. Ele foi janota e a vida é desalinhada e feroz. Ele foi irónico e a vida não é irónica. Com Junqueiro o caso é outro; a sua concepção do universo é excepcional — mas não pôde valorizá-la. Há na sua vida uma contradição. Iluminou-o uma luz artificial. Não conseguiu ser Santo. A certa altura da existência refez-se de alto a baixo, mas dentro do prédio nem por isso os moradores se entenderam melhor; Deus e o Diabo não puderam viver paredes-meias sem atritos. É falso o que diz Teófilo: — É tão judeu que começou por vender trastes velhos e acabou por profeta. — Mas todos nós, a quem ele deslumbrou ao iniciar novo caminho, preferiríamos que ficasse na vida simplesmente o Senhor Poeta. Não resistiu, como Herculano. Faltou-lhe talvez alguma coisa ao seu génio. O poder verbal é admirável, mas sente-te a ausência de intimidade e ternura. Amesquinhou-o também a política.

O Junqueiro, que depois da República foi para a Suíça e, mais tarde, deixou a embaixada porque, como ele dizia:

— Eu não sou galo para a capoeira do França Borges! — o Junqueiro que sobe as escadas dos ministérios e exerce a sua influência nos destinos da República, apesar de sublinhar para o lado: — Os piores bandidos não estão na cadeia, estão na política — não realizou aquela extraordinária concepção religiosa da Vida que a certa altura entreviu. Não pôde. Viu-a e não pôde. Teimou e não pôde — mas todos nós saímos esfarrapados deste negrume contraditório que nos leva e impele.

De resto, a sua intervenção na política não teve êxito nenhum: — Nem sequer consegui arrancar ao Bernardino um administrador de concelho! — Debalde tornou a envergar o casaco velho, teimando em que o régimen, «já que não podia ser uma república heróica, fosse ao menos uma mercearia bem ordenada». Nem isso conseguiu. Teve de abandonar a luta. Arredou-se o grande homem de génio, que aos setenta anos vale ainda um império. E agora já não escreve mais. — Agora — como diz Alberto de Oliveira — «era preciso andar atrás dele com um fonógrafo».

\*

O Antero estava muito alto, o Oliveira Martins distante e o Eça era irónico. Junqueiro viveu connosco. Todos assistimos à sua vida, em todas as fases; conhecemos-lhe todas as suas aspirações. Soubemos quando quis ser santo e assistimos às suas partidas para a Barca de Alva, com sacos de sulfato. Distribuiu por todos nós uma parte do seu prodigioso sonho. Nunca se isolou. Podia-nos ter desdenhado. Nenhum de nós estava à altura do seu génio, nem mesmo da sua bondade. Nunca o fez. Ao contrário, teve para todos, até para os mais humildes, uma boa palavra, um conselho, um prefácio, duas frases amigas. Todos fomos seus camaradas. Teve talvez actos vulgares e actos instintivos – mas quem Os não tem? Quem está livre de erros e de paixões?... Quanto mais os homens numa vitalidade extraordinária como a Sua! «Houve tempo – diz Ricardo Jorge – em que Camilo e Junqueiro se juntavam no Porto e então as discussões eram tremendas. Às vezes iam-me bater à porta às três horas da manhã. Felizmente que aquilo durava duas, três semanas, e o Camilo partia para Seide, porque senão eu morria extenuado.»

\*

O que me parece que em Guerra Junqueiro é único, é a corda satírica. É onde ele se sente maravilhosamente à vontade, onde é ele até às profundas do seu ser. Tão grande que não lhe conheço igual no mundo. Teixeira de Pascoaes diz que Junqueiro é maior do que Juvenal.

\*

Nunca se sentou para escrever. Fez os seus versos na rua e os seus poemas a passear na Praça. A sua dificuldade em escrever prosa – era sentar-se. Nunca metodizou o seu talento: atirou-o pelas janelas em conversas prodigiosas, ao acaso dos encontros – o que fez dizer a Alberto de Oliveira que Junqueiro falado, Junqueiro tratado, lhe dava a impressão de ter ainda muito mais génio do que Junqueiro lido.

\*

Teve sempre a ideia do teatro, e de quando em quando convidava um ou outro para fazer com ele uma peça. Colaboração em que ele dava o cenário e o final do primeiro acto. Mas a peça era impossível: *A Caridade* não tinha teatro nenhum.

\*

Junqueiro, quando ia para o Hotel Central, apesar de já usar um casaco, dizia mostrando o charuto opíparo:

– É o único vínculo que me liga ao Diabo.

\*

E da Universidade de Coimbra:

– Para ela dar luz era preciso deitar-lhe fogo.

\*

Em Abril de 1919 contou-me: – Quando Afonso Costa esteve na Suíça, preguei-lhe um sermão que durou oito dias. E como, quando ele está por baixo, não há ninguém mais amoldável, ouviu-me e concordou comigo.. Julguei a política toda mudada e a República salva. Pois, quando se viu livre de mim, fez exactamente o contrário.

\*

Fala sempre dos homens da República com grande amargura e desprezo:  
– Todos se anicham nos melhores lugares, eles e as famílias. Fora o Almeida e mais dois ou três, o resto devora.

\*

A vida de S. Francisco de Assis, de Sabatier, exerceu em Junqueiro uma influência extraordinária. Logo que apareceu, leu-a e só falava nela a toda a gente. Foi desde então que quis ser santo.

\*

Junqueiro escreveu algumas poesias eróticas, que um livreiro do Porto, a ocultas, coligiu e publicou, tirando quarenta exemplares. José Sampaio arranhou um para a Biblioteca Municipal do Porto. Junqueiro, que passou a vida a comprar por todo o preço esses exemplares, deu o manuscrito da *Pátria* à Câmara do Porto em troca do exemplar da Biblioteca. E dizia: – Esses versos não são meus, são do álcool.

Março de 1919

Fui hoje visitá-lo. Só tem osso e barba, mas conserva uma grande resistência. Ainda noutro dia o acompanhei a pé pela Avenida fora, e a certa altura disse-lhe, exausto: – O senhor é infatigável. – Respondeu logo, com o olho a luzir: – São as pernas de meu avô almocreve. – Está com o Mesquita de Carvalho, à Rua de S. Luís, numa casa de azulejo. De barretinho na cabeça e lunetas no nariz, lê-me vários trechos de *Memórias*, sínteses admiráveis sobre os homens e a República, sobre os acontecimentos e a vida. – Hei-de publicar em separado um folheto sobre a questão religiosa em Portugal. –Depois fala de D. Carlos, e eu escuto-o, como sempre absorto e com o bico calado. Nunca falei diante dele. Alberto de Oliveira diz mais: – É o único homem que nunca me atrevi a contrariar.

– D. Carlos... – e fala do rei como se ele estivesse ainda no Palácio das Necessidades – faia tão excitado, que mais tarde me pede para cortar o que dele me disse.

.....  
Uma das coisas – e poucas são – que levo como certas deste mundo é que não é possível julgar um homem com justiça. Há ocasiões em que a face humana mete medo. É o que está por trás? é outro mundo pior que quer intervir?... Ouvi julgar o mesmo homem de seis maneiras diferentes, opostas e definitivas. Junqueiro não pode ver D. Carlos. Outros, Melo Breyner, por exemplo, dizem do rei: – Não havia ninguém melhor do que ele. Para não acordar um velho criado que dormia ao pé do seu quarto,

descalçava as botas quando se ia deitar...<sup>12</sup>

Outro homem de quem o grande poeta fala como se estivesse vivo é Oliveira Martins:

– O Martins ingressou na política pela mão de João Crisóstomo, um grande homem de bem que, se vivesse, não consentiria quadrilhas. Assisti à última velada de armas nas Águas Férreas, quando juntava os papéis para descer ao povoado. – Que vai você fazer para Lisboa? – Vou pôr fora esses gatunos! – Era a época do Mariano e do Navarro; era quando o Marçal Pacheco, um homem muito esperto, bradava diante dos escândalos e das roubalheiras: – Roubem, meninos! roubem, mas dêem-me a minha parte!

– Que vai você fazer para Lisboa? – insisti com o Martins.

– Meter na cadeia o Mariano e o Navarro.

– Mas você, que quer ser um redentor, não pode viver duma sinecura. Um redentor tem de carregar com uma cruz, e hoje até para subir ao Calvário é preciso dinheiro para o caminho.

– Tenho vinte contos e os direitos dos meus livros. A minha situação material está garantida...

– Veio, e daí a pouco estava perdido, inteiramente nas mãos do Mariano e do Navarro. O D. Luís opôs-se sempre a que fosse ministro: por isso ele chamou aquele grupo de homens célebres os *vencidos da vida*. Mas D. Carlos tratava bem todos os que tinham sido inimigos de D. Luís e os que D. Luís não podia ver. A atmosfera de Lisboa envenenou-o. Deslumbrou-se. Tinha vivido uma vida modesta de trabalhos forçados. Fez-se a si próprio à custa dum esforço sobre-humano: em Huelva, enquanto a mulher ensinava os filhos dos operários das minas, ele estudava dia e noite.

O plano do Martins, o seu sonho, era a unidade ibérica, de acordo com D. Carlos. Afonso XIII estava para morrer. Os médicos não lhe davam três meses de vida. Era um ser gelatinoso e sem ossos. Então Martins pensou em fazer D. Carlos imperador da Ibéria e foi para isto que se organizou governo. Era um segredo de meia dúzia de pessoas, e até no próprio ministério sabido apenas do José Dias Ferreira, que foi escolhido para tabuleta, do Martins e do Bethsaida. Fora, conheciam o plano o Navarro, o Carlos Lobo de Ávila, que estava ao facto de tudo, e alguns dos *vencidos da vida*. O Chancelheiros ignorou-o até à última hora. Fui eu quem mais tarde lhe revelou tudo. O Emídio Navarro chegou um dia a dizer-me: – Junqueiro, deixe-se de histórias republicanas. Você e os seus filhos hão-de ser súbditos de D. Carlos, imperador da Ibéria. Na sua viagem à Espanha, o Martins foi admiravelmente recebido pelo Cánovas e pelos políticos espanhóis. O príncipe da Beira casaria com a princesa das Astúrias e, pela morte de Afonso, XIII, IY. Carlos seria proclamado imperador regente. O Bethsaida, futuro ministro dos Estrangeiros, quando o governo já estava preparado nos bastidores, e de acordo com o rei, fez nas Câmaras um discurso que pode ser considerado programa (já se sabia o ministério em terra) em que atacava a aliança inglesa e fazia o elogio da união ibérica.<sup>13</sup>

Mas Afonso XIII teimou em viver e um dia decidiu-se que os *vencidos da vida* organizassem ministério. Para isso era preciso alijar o José Dias. – Deita-o fora. Trata-o

---

<sup>12</sup> Melo Breyner dava um livro de memórias interessantíssimo. É director do hospital de sífilíticos, que tem transformado à custa de esmolas. Pela sua mão têm passado cem mil doentes de avariose. Aqui há poucos anos os rufias e as mulheres das vielas – o que há de pior em Lisboa – quiseram dar-lhe um testemunho de apreço, pela maneira como ele os trata no hospital, e tiveram esta lembrança delicada: ofereceram-lhe um *passe-partout* de prata – com o retrato de D. Carlos.

<sup>13</sup> *Diário das Cortes* de 1891. Sessão de 21 de Junho de 1891 e sessão nº22 de 25 de Junho de 1891. (Apêndice à sessão nº22 de 25 de Junho de 1891.) Parte final do discurso.

mal. se quiseses – disse D. Carlos ao Martins. O Martins assim fez, mas o velho rábula. que percebeu a tempo a tramóia, deu-se ares de conspirador, e começou a reunir em casa alguns generais de chinó e manga de alpaca. O rei teve medo e pôs o Martins na rua.<sup>14</sup>

O Martins foi então para Londres, desiludido e cheio de desgosto, e veio morrer mais tarde a Lisboa, duma doença de alma, quando se viu abandonado de todos os seus amigos e rodeado de inferiores, que desprezava. Até D. Carlos e ludibriara! Na sua fase palaciana chegara a copiar para *O Repórter* os *menus* do Paço e a tomar nota numa carteirinha dos elogios que os jornais lhe faziam! Eu descompu-lo e mais tarde deixei de lhe falar: cortei com ele. O rei tratava-o de alto. O rei nunca teve atenções pelos homens de espírito do seu país. Nem o Ramalho convidava para as festas íntimas do Paço. Comigo, já depois de publicada a *Pátria*, mandou D. Carlos insistir para que o curasse. Não tratei mal a pessoa que me levou o recado ao hotel, porque era um amigo meu. Mas disse-lhe: – O convite é inconsciente.

\*

Depois conta-me a história do seu *bric-à-brac*:

– Casei em Viana do Castelo, toda a gente diz que com uma mulher riquíssima. Sabe quanto ela tinha? Trinta contos. Empreguei doze em coisas antigas, principalmente em peças de arte religiosa, em quadros, em louça portuguesa do século XVI, e em algumas peças italianas ou hispano-árabes, que feitas as contas, me saíram a 1:750 cada uma. O *bric-à-brac*, que nesse tempo não seduzia ninguém e a que chamavam *cacos velhos*, interessou-me pela forma e pela cor, sobretudo as peças góticas ou renascença, que são as grandes formas de arte. Mas eu tenho duas filhas e começaram a dizer que me arruinava. Resolvi vender. Comecei pela Câmara do Porto, oferecendo-as para o Museu – duas salas com o meu nome. Foi o António Arroio quem, a meu pedido, falou com o Costa Almeida. Dava tudo, que valia um par de contos, e que hoje vale doze ou vinte, por um conto e setecentos. Resposta: – Agora não temos onde arrumar *cacos velhos*. – Teimei em conservar intacto o que possuía vendendo-o a um colecionador. Depois de muitos esforços, encontrei um rico homem de Coimbra, Aires de Campos, a quem vendi com a condição de legar tudo a um museu. Espere... Ouça... Tinha comprado em Espanha uma colecção de quadros, que nesse tempo se vendiam por uma côdea, e lembrei-me de os oferecer ao Estado pelo, seu custo. Viram logo nisso um negócio. Apareceu-me então um francês, que me comprou os Grecos, que se cotam hoje em Paris por um preço fabuloso. Por último, acabei por oferecer ao Museu de Arte Antiga por um conto e setecentos mil réis, obras de arte que valem vinte, Minha filha ia casar, eu precisava de dinheiro e nesse momento o meu ideal era uma cela... Aqui tem, em resumo, o extraordinário negociante de *bric-à-brac* que eu tenho sido...

---

<sup>14</sup> E por que modo o José Dias o executou! Como um criado! Conta Silva Pinto na *Alma Humano* o seguinte:

«O sr. José Dias Ferreira foi quem me disse um dia, em palestra, sem confiança comigo e sem confiança em mim, pois que se ri de tudo e de todos:

– «Vou despedir o ministro da Fazenda, porque não quero que no meu governo outro ministro, que não seja eu – presidente – se dê ao incómodo de pensar...»

«O ministro da Fazenda que *José Dias* se propunha *despedir* chamava-se *Oliveira Martins*.

«Mas fale ainda o presidente-pensador:

– «Jantei agora com ele (*Oliveira Martins*) e, enquanto jantávamos, dizia eu com os meus botões:

– «Quem hei-de eu chamar para o teu lugar?».

«É de bom homem, liem?! E acrescentava a excelente criatura:

– «Quem lhe parece que eu deva chamar?»

«Com respeito à origem judaica que me atribuem, quer saber que não há um único judeu na minha família? Meu pai educou-me no ódio aos judeus. No distrito de Bragança sabe-se perfeitamente quais são as famílias judaicas, que, de resto, não têm nada o meu tipo, nem o nariz adunco. Qualquer labrego de lá pode ignorar quem é o presidente da República, e mesmo se há República em Portugal, mas aponta-lhe, uma a uma, sem se enganar, as famílias suspeitas do distrito.

Volta a falar de coisas mais íntimas, da mulher, «que é a trave e a luz da sua casa», e eu pergunto-lhe:

– E a sua aldeia?

– Na aldeia não me posso ver. A aldeia neurasteniza-me. À aldeia só estou preso pelo tubo digestivo. Agora não penso senão em acabar a minha filosofia toda em demonstrações sintéticas.

Pega num papel, acavala outra vez as lunetas no nariz e lê-me uma das últimas notas que tomou e que reproduzo de ouvido: «Deus é perfeito? Se é perfeito e o universo não se pode separar de Deus, porque é imperfeito o universo? Então houve um momento em que ele o criou, e até aí, evidentemente, não era perfeito. Não se pode admitir a perfeição com uma errata. Se até aí era imperfeito, então não era Deus, porque Deus não se pode conceber sem a perfeição absoluta. Portanto, o universo existiu sempre.»

Pousa os cadernos e diz-me por fim:

– Ah, meu amigo, a minha pena é não poder trabalhar! Mas quem é que pode trabalhar, hoje, em Portugal?... Depois, estou doente. Se me sento à mesa para escrever duas linhas, fico logo fatigado. É talvez intoxicação. O cérebro regula-me na mesma, mas passo as noites em sonhos, fora de toda a realidade. Acordo sempre cansado. Quando poderei juntar as cinco mil páginas de notas da minha filosofia *Unidade do Ser*? Não sei, mas hei-de publicá-la mesmo reduzida a esqueleto. O resto não me interessa. Da minha obra só a parte religiosa é que é grande. Tenho no Porto um caixão com as notas que tomei pela vida fora. Foi lá que fiz a última instalação. Não faço mais nenhuma. Agora, a última, a definitiva, é fácil: que a façam os outros!

Sinto que o momento amargo é este, o mais amargo da vida. O que custa a um poeta não é envelhecer, é não poder criar. Troco tudo pela vida fictícia. Dêem-me mais cem anos e um dia para tecer, sozinho, fechado a sete chaves com livros e papéis, deixem-me o sonho a que me apego e não me importa o dia, não me importa a noite. Não é esta primavera que me importa – é a outra primavera... Às vezes ainda me iludo... Numa página extraordinária dum livro que eu li ou que não li (ou que não li, porque há livros em que imagino ter visto as mais belas histórias do Mundo) um homem encontra uma mulher que foi sua amante há muitos anos. A princípio, a mulher, amachucada, não se recorda. Mas, ao lembrar-se do seu primeiro amor, sob a fisionomia ressequida transparece-lhe, de repente, outra fisionomia de saudade e sonho – e que *não* morreu! e que não morreu! Sob os traços gastos, outros traços vivos, sob a velhice, vinte anos que sorriem... Ora se eu, na minha humildade, não despego os olhos do pouco sonho que criei, que fará o grande homem de génio que tanto sonha ainda! que se obstina em sonhar! «Quero escrever e não posso! Um martírio» (carta de 28-12-1915). A alegria de criar é a maior da vida. Também Camilo diria em carta a Tomás Ribeiro:

«O que eu queria, meu querido amigo, era que me dessem a vista que eu tinha há quatro meses, para poder trabalhar até morrer!»

Produzir mais e melhor, produzir sempre Até em velhos. Teófilo agarra-se como um desesperado aos seus livros, Junqueiro ao seu sonho. Foi esquecendo-se e prodigalizando-se que os grandes homens escreveram a nossa história, os nossos poemas e toda a

vida espiritual de que nos alimentamos. E em troca da sua alma demos-lhes quase sempre o abandono e o frio isolamento... Se o negócio fosse realizado com o Diabo, esse senhor, que é um príncipe, dar-lhes-ia uma recompensa mais generosa. O País não lê e nem ao menos os rodeia numa atmosfera de carinho. Eu já não falo na questão material. O pior é o isolamento que mata os grandes e os pequenos, numa terra profundamente materialista e em que parece que tudo lhes é adverso. Resta-lhes o sonho – que o sonho lhes baste!...

9 de Julho de 1921

Ontem fui ao Porto, chamado por Junqueiro. Conheci o grande poeta em diferentes épocas da vida, mas nunca me fez tanta impressão como agora, posto diante de mim, magro e doente, com os braços estendidos e as mãos abertas:

– Pesei o bem que fiz e o mal que fiz...

Pedi-me que rasgasse algumas notas sobre D. Carlos que me tinha ditado há dois anos.

– Não posso aparecer no outro mundo como acusador! Também o chamei para lhe dar o último abraço – porque vou morrer...

Senti-lhe os ossos contra o peito. Que figura! Barbas grisalhas e duas farripas ao lado da calva. Ao andar, o esqueleto desconjunta-se-lhe. Está reduzido a pele, osso e espírito.

– Não posso dormir! não consigo dormir! E, se durmo, são séries de sonhos – que se repetem, de dia, quando caio em torpor sobre esta cadeira. Há dias, senti uma vaga de paralisia. E sempre sonhos, sempre espectros! Uma vida fora de toda a realidade!...

Alimenta-se mal. Estava habituado a dormir dez a doze horas por dia: – Era a minha defesa... – Há muito que Junqueiro pensava em trabalhos científicos. A sua biblioteca de biologia era a melhor e a mais completa do País. Escreveu, naquelas suas admiráveis sínteses, alguns estudos, um deles sobre assimilação. Ora, aqui há tempos, unia revista francesa expunha uma das suas teorias e quase pelas mesmas palavras. Foi o que o decidiu a publicar, quanto antes, em resumo, todos os seus estudos, e começou a trabalhar dez horas por dia, alimentando-se com um pouco de leite. A mulher tinha ido a Barca de Alva carregar vinhos. Quando voltou ao Porto, veio encontrá-lo exausto e doente. Chamou o doutor Costa Silva, que lhe disse:

– O que o senhor tem é fome.

Custou imenso convencê-lo a comer. Foi um mês de luta.

– Toda a minha obra fica por fazer! – exclama. – O que publiquei é nada. Tenho dois poemas, um e outro concluídos, perfeitos, admiráveis desde a primeira à última palavra, aqui... – aponta a cabeça – e não os posso escrever! A minha filosofia, em que trabalho há anos, aí fica, fragmentária... Venha ver. Está no meu cofre.

Levanta-se, leva-me ao quarto. Mostra-me maços de manuscritos.

– Está aí tudo. Em seis meses concluía-se – mas não posso, não posso!... Tenho-a pronta, simplificada, o problema da vida resolvido, desde o átomo ao santo, desde o santo a Deus. E não posso!... O que aí está são tentativas que fui escrevendo pela vida fora até descobrir a verdade. Por exemplo, eu tinha encontrado primeiro. isto: todas as almas são imortais? Não são. Os que neste mundo só dão satisfação à matéria, morrem com a matéria; os que nesta vida vivem para o espírito é que continuam a viver em espírito. Mas não é verdade. Todas as almas são imortais. Ainda esta manhã cheguei a essa conclusão e fiz a errata.

«Também para mim o Inferno não existia. Hoje sei que há Inferno, o Inferno

existe! Bem vê que Deus é infinitamente bom e infinitamente justo; portanto, o inferno tem de existir, para as almas que durante a eternidade se não arrependem. Mas há almas que não se arrependem durante a Eternidade... O cristianismo é uma verdade eterna. Melhor: existiu sempre, existiu antes de Cristo...

«Durante oito anos deixei de trabalhar por causa dessa miserável República – e agora posso! agora não posso!... E eu nunca fui republicano. O que disse numa nota da *Pátria* foi que tudo dependia do rei...<sup>15</sup> O rei foi D. Carlos – e então a República impôs-se. Mas o mal não é do regime, o mal é da nação. E agora vamos acabar... Há aí uns monárquicos – mas que monárquicos! A parte mais viva é a dos integralistas. Noutro dia o Pequito Rebelo dizia que queria o País governado por Deus. Eu não sei se ele é sincero. Se e, havia de ver que Deus tinha de ser representado na Terra por vários padres Matos. Dum lado, isto; do outro, a República – representada pelos mediócras... Eu bem lhes preguei: não democratizemos a República, nacionalizemo-la. Ninguém me quis ouvir... Vamos acabar! vamos acabar!... Vai-se fazer o empréstimo: são talvez alguns anos de expectativa. – E, depois, depois o descalabro financeiro, levam-nos as colónias para se pagarem e o resto cai na Espanha... E, por isto, não concluí eu a minha obra – o melhor de minha obra! o que havia em mim de mais alto, os meus dois poemas e a minha filosofia!... Vou morrer.

E voltado para mim exclama: – Não só o Inferno existe mas é necessário que exista! Já pesei tudo. – E espalma as duas mãos, com os braços abertos como um santo: – Pesei o bem que fiz, o mal que fiz. Já me arrependi. O que me falta agora é pouco – é o que diz respeito à minha mulher, à minha santa... Agora, pela última vez, venho ver os meus Cristos...

Levanta-se, leva-me à sala da frente – onde tem as melhores coisas que juntou pela vida fora e de que nunca se desfez:

– Deixo tudo ao Museu de Arte Antiga... Em primeiro lugar aqui tem o Mau Ladrão, arte espanhola, o homem que não se arrepende, e veja que tragédia há aqui dentro! É todo o drama de Espanha e Barcelona. Veja também o que os espanhóis fizeram de S. Francisco de Assis, o santo italiano –este místico que está aqui de olhos postos em si e no céu, sem ver mais nada. Olhe esta Maria Madalena, com uma saia de esparto – e compare estas figuras com os santos portugueses, só ternura. A elegia não dá drama – dá este aspecto resignado e doce. A escultura precisa do drama, porque vive de atitudes. Aqui está o Cristo espanhol – é D. Quixote pregado na cruz. Venha agora aqui a este cantinho – onde tenho todo o Portugal: o Cristo dos cavadores, o Cristo cavador, que morreu crucificado para os redimir, e uma candeia de ferro. Olhe para ela: é

---

<sup>15</sup> «Fora o rei um *homem*, que a nacionalidade moribunda se levantaria por encanto. E bem se me dava a mim da questão política, da forma de governo. Essencial, a forma do governante. Prefiro uma boa república a uma boa monarquia. A coroa do rei, de pais a filhos transmissível, como a coroa de Vénus; o trono hereditário como as escrófulas, – absurdo evidente. Mas se de absurdos anda cheio o mundo! Salta-se menos da majestade à *excelência* que da *excelência* ao *tu*. Impero eu mais no meu criado que o rei em mim. Há em dada burguês uma monarquia. Milhões de burgueses, milhões de absurdos. E eliminam-se acaso numa hora?

Não se tratava por enquanto de modalidades orgânicas de existência; tratava-se de existir. Problema social e problema político marchariam evolutivamente na órbita ininterrupta do seu destino. Quando um vapor alagado vai ao fundo, discute a marinagem construções navais? Primeiro salvá-lo, o estaleiro depois. Quer dizer: a revolução urgente não era social, nem política, era moral. Nem havia a escolher entre monarquia e república, pois que, para escolher entre duas coisas, e necessário existirem, e a república tanto custava a realizar que ainda até hoje a não fizemos.

A segurança da pátria exigia inadiavelmente à frente do governo um homem de superior inteligência, de alto carácter, de ânimo heróico e resolutivo. Era-o D. Carlos? Obedeceríamos a D. Carlos. Uma alma, uma vassoura e uma carroça, de nada mais precisava. Varrer, limpeza geral, pôr isto decente!»  
– *Pátria* – p. VIII – Anotações.

esplêndida! Aqui, no meio, uma cruzinha, entre furos que parecem uma constelação; mais outra cruzinha aqui em baixo. Agora, adeus, outro abraço – e até sempre, até à eternidade.

Desço as escadas, com a mulher, que afirma:

– Ele não está tão mal como diz. É uma impressão nervosa. Conheci-o sempre assim, a dizer-me que morria. Pouco depois de nos consorciarmos disse-me que, quando fizesse um ano de casado, morria. Estive doente...

Acaba místico, como era de prever. Caminho lógico. E debate-se agora com as sombras que nos apertam o cerco nos últimos anos da vida. Está só – ele e Deus, ele e a vida eterna, não já como palavras mas como temerosas realidades, e aquela consciência extraordinária debate-se com os primeiros negrimes que a envolvem. Não quer morrer. É isto – e é também a situação dolorosa de não poder acabar a sua obra – o seu sonho – o melhor do seu espírito. É o momento do grande drama, do maior drama numa alma como a sua.

Quando este drama se passa num tablado como a alma de Junqueiro, absorve-nos. Já não posso arrancar os olhos, não deste homem, mas desta figura só ossos, a repetir: – Há Inferno! há Inferno!... Tenho por força de debater também comigo o problema que o interessa e que me interessa, e a interrogação não consigo arredá-la, nem quero, sem perguntar também: Que bem? que mal?... A vida passa num rápido instante. Um nada. Um minuto de ternura e de dor. Uma coisa tremenda que nos leva, sufocados e aturdidos, quase sem reflexão possível. Banal para os frívolos, inútil para os cépticos. Mas tão dolorosa e tão pesada para as grandes almas, capazes de a conceberem e de a cumprirem, que elas sós carregam com a sua cruz e a nossa cruz. E o peso redobra, o peso esmagaras. Nelas, o universo vibra com tal intensidade que as devora. Porque o Mundo, nós é que o construímos, dilatando-o até ao infinito, ou reduzindo-o a proporções mesquinhas. De que tamanho era o mundo de Junqueiro? Do tamanho da sua obra, desde a *Morte de D. João* aos *Simples*.

Grande, humano, profundo coração, que desejou ser Poeta e ser Santo, os dois mais altos cumes que o homem pode atingir na vida, e só bateu por extraordinárias concepções de génio! Todos nós assistimos à subida desse calvário. Se caiu, ergueu-se logo e ficou maior. Arrancou os trapos para poder ir mais longe. Transformou-se. Reduziu-se a osso e alma. Pregou-se e pregou-nos Deus. Há contradições na sua vida? O sofrimento que ele atravessou nessas horas de luta, vendo-se vencido, é o testemunho realizado em sufocar o egoísmo, até alcançar a vida ideal. «O meu esforço, a luta que sustento, é o meu martírio e o meu perdão.» Arqueja nas subidas a pique até chegar – reparem na figura enorme – ao pé de nós, descarnado e com as mãos abertas:

– Pesei o bem que fiz e o mal que fiz...

Quantas vezes me detenho a pensar, e a dizer aos melhores amigos da minha vida, àqueles a quem devo as horas mais silenciosas, mais recolhidas e mais belas: – Valeu-te a pena? Trocaste a vida pelo sonho. Gastaste-te a criar, sabe Deus à custa de que absorção dolorosa. Nem vaidade satisfeita nem vulgares interesses mesquinhos. Deste-nos a tua alma, e a tua existência foi um esforço sobre-humano para atingir a beleza espiritual e a beleza moral. Nisto passaram as melhores horas – passou a vida – e se consumiram cérebro e nervos de homens que se chamam Herculano, Antero, Camilo e Junqueiro, que durante vinte, trinta anos, levaram a alma ao fogo dum cadinho, esquecendo-se que a vida galopa a nosso lado, e de que, se nos arrependermos, não há esforços., nem gritos, nem súplicas, nem sentimentos, nem razões que a detenham. Profissão, se é profissão, a pior de todas que conheço. Dela extraem, alguns, vaidade, e quase todos sofrimento. Dela se morre. Vejo Camilo deitar a mão ao revólver e leio nos olhos de Antero o minuto supremo de angústia. Aí está o Eça exausto, e o pobre Fialho

carrega com um fardo que me mete medo. Todos estes homens só tiveram uma existência de sonho, uma existência tão pesada e humilde de trabalho que não há aí ninguém que a compreenda, que a inveje. Uma força Os obriga a subir sempre, a subir ainda que não queiram. Nem desviam os olhos, nem se sentem sangrar. Totalmente se entregam... Um momento diante da sombra destes grandes mortos para chegar ao pé deste vivo e perguntar-lhe, enfim: – Que bem? que mal? e só viveste uma vida imaginária, trocando a realidade pela ficção? – Os poetas estão sempre entre as mãos de Deus. Nós só sabemos que o homem que sofre e se dilacera é o único que conta nesta vida. Para a outra, lá vamos todos até esse Ser temeroso e que enche o Céu e a Terra. Se Ele está, como creio, vivo, há-de dizer-lhes a um e a outro: – Como tu tens sofrido! – Mas, se está morto, resta-nos ainda, depois de tanta discussão, de tanta luta e de tanto grito, o trabalho de o sepultarmos.

\*

Mas, digamos, não é só isto. Junqueiro, nos últimos anos, dilacerou-se até ao âmagô, interrogando e interrogando-se, e tendo sempre diante de si o caminho da vida percorrido. Debalde nós queremos muitas vezes apagar certas pegadas que deixámos no pó da estrada. É impossível – moldaram-se em bronze. Vemo-lo então agarrar-se, não aos gozos da existência nem aos interesses, mas ao trabalho criador e à parte dolorosa da vida. O último gesto das suas mãos será para produzir.

– E já não posso trabalhar! e já não posso, trabalhar!

E o seu último grito:

– Pesei o bem que fiz e o mal que fiz!

Ouvem? compreendem? sentem como eu sinto que o momento amargo é este, como nenhum outro, o momento mais amargo de toda a existência? Momento trágico que exige todo o nosso respeito e toda a nossa ternura. Momento em que lhe devemos dizer: – A tua obra genial foi um produto da vida – da vida com os seus erros e as suas paixões. Mas dela nos alimentamos. Está no nosso sangue e na nossa medula. Pertence-te e pertence-nos,

Reconheçamos que, se por vezes o poeta é excessivo, nunca deixa de ser humano. Reparemos que as suas dúvidas são as nossas dúvidas. O nosso quinhão é, na realidade, muito mais pequeno, mas naquela dor anda da nossa dor, e naquela vida uma parte da nossa vida. Enjeitá-lo seria enjeitarmo-nos, como na história trágica em que os filhos levam o pai ao monte, com uma manta coçada e uma escudela de barro.

Melhor ainda: é necessário compreender que é aqui, no extremo da vida, que ele atinge a suprema beleza. Interroga-se, discute, dia e noite, com o mesmo pensamento obstinado. Acabaram-se todas as ficções, desapareceram todas as frases. Está só e a sua consciência, só e Deus. Duvida, clama, esfarrapa-se – engrandece.

Detesto os homens que, diante da morte, conservam uma indiferença que não compreendo nem explico. Porque ou a morte é o nada ou o início de outra vida superior. Seja o que for, põe-se o pé em falso num abismo. Só a estupidez ou a inconsciência olham sem temor essa hora suprema. Quanto melhor compreendo os que gemem baixinho – ou procuram em Deus um refúgio e na sua mão se entregam confiadamente – ou mesmo os que, numa angústia, se enchem dum pavor sagrado...

\*

Maio de 1923

Desde que adoeceu, isto é, pelo menos desde 1921, Junqueiro não cessa de debater com a sua consciência o mesmo problema. Arreda tudo. Quando, em 1922, pensaram em lhe fazer uma grande manifestação nacional, Junqueiro respondeu a António José de Almeida, num telegrama, pouco mais ou menos nos seguintes termos: – Paz – silêncio – morte.

Não foi o vulgar medo da morte que encheu Junqueiro nos últimos dias. Este extraordinário homem tinha todo o drama da sua vida diante de si, desde o primeiro acto até ao epílogo. No fim da vida, todas as acções que julgávamos desaparecidas se erguem diante de nós, cada vez maiores, e reclamando a nossa atenção cada vez mais alto. E estão ali presentes, enormes, hirtas e obstinadas. Com os seus livros, foi a causa de revoluções e de crimes, como por exemplo se diz no prefácio duma obra – obra que ele detestava e em que não queria ouvir falar?<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> O grande escritor espanhol Unamuno publicou, por ocasião da morte de Junqueiro, um pequeno artigo no *Liberal*, de Madrid, em que distinguia a atitude de Junqueiro – poeta – da dos outros refugiados em Salamanca – políticos – por ocasião da morte de D. Carlos:

«A morte do que foi meu querido amigo Guerra Junqueiro, o grande poeta ibérico, ao passo que me despertou a lembrança e a mágoa da morte de outro amigo e também grande poeta ibérico, Maragall, trouxe-me à flor da memória o copioso ramalhete de anedotas, agudeza e profecias que lhe ouvi em nossas conversas. Espero recolhê-las e comentá-las; mas, entretanto, quero aqui conter um episódio de que fui testemunha num dos maiores momentos históricos de Portugal – quando o Buiça assassinou o rei D. Carlos.

Poucos dias antes deste incidente trágico tinham chegado a esta cidade de Salamanca, pressentindo já a borrasca que se ia erguer na sua pátria, Guerra Junqueiro, Alpoim, o político, e outros portugueses. Com os dois últimos tratava eu diariamente.

Alpoim tinha sido ministro da Justiça com D. Carlos – se é que no governo deste rei houve alguma vez justiça – e ocupara na política portuguesa um posto análogo ao que em nossa política ocupou Canalejas, ou que no que hoje ocupa Melquiades Álvarez. Era uma espécie de reformista com um pé na República e outro na Monarquia. Por então conspirava contra João Franco, cuja vida, dizia ele, periclitava. E veio a Espanha a marchas forçadas de automóvel, fugido à ditadura de João Franco, de quem me profetizava que não voltaria vivo a Portugal, onde, afinal, ainda hoje vive.

Encontrávamo-nos juntos, Alpoim e eu, na monumental Plaza Mayor desta cidade de Salamanca, quando nos deram a notícia da morte do rei de Portugal. Não me pareceu surpreendido, nem me pareceu que ela lhe tivesse feito grande impressão, ainda que, a que ele esperava, era a de João Franco, pelas conhecidas razões de Estado. Daí a pouco cruzámo-nos com outro português, a quem Alpoim disse:

«Olha, já morreu o canalha!» E era seu ex-ministro! Fiquei gelado. Fomos dali ao Hotel Comércio, onde na sala de visitas nos esperava Guerra Junqueiro. Comentámos o caso. O poeta e eu estávamos sentados, o corpulento político passeava na sala com o ar dum elefante preocupado. Junqueiro, o autor da *Pátria*, acaso o seu melhor poema, formidável livro profético e apocalíptico que a muitos respeitos é qualquer coisa assim como *Les Chatiments*, de Vitor Hugo, posto que muito superior – Junqueiro dizia-nos: «Se houvesse dependido a morte do rei de que eu sozinho, no meu quarto, movesse apenas este dedo mendinho, não o teria feito: nem pela morte do rei, nem pela dum Caim, nem pela dum Judas; mas, enfim, mataram-no, bem morto está!» Alpoim e eu não dizíamos palavra. Guerra, tomando-nos como de costume por auditório, recitava o seu evangelho tolstoiano.

De repente, Alpoim parou e disse: (Sabem? Vou mandar um telegrama de pêsames e condolências à rainha.» Os olhos do poeta, olhos de águia, chispavam. E disse: (Não, não faça tal: não pode fazê-lo, não deve fazê-lo... nem que deveras sinta a morte do que foi seu rei e seu amo. Não, não faça tal!)» Alpoim vacilou um momento; até que murmurou qualquer coisa – em português, claro, como toda a converso – que equivalia ao nosso *no quita lo cortês à lo valiente*, saiu a pôr o telegrama. E ao sair Alpoim, o político, Guerra, o poeta, indicando-o com o dedo, disse-me, ou melhor, silvou: Vê-o ali? Político... bandido!» E acrescentou: «Quando voltar a Lisboa, verá que a primeira coisa que faz é ir ver a rainha.» E assim foi; apenas, e recepção que esta lhe fez, contam que foi o que ele merecia.

Quando Alpoim tornou para junto de nós, falou-se do defunto, e Guerra pediu-lhe que me contasse certa cena que, sendo aquele ministro da Justiça, teve com a rainha D. Amélia, magoada com certo soneto satírico e indecente que contra ela circulou no Palácio, soneto que se apurou ser do rei, que dizia: «o soneto não é uma obra de arte. mas é engraçado.» Foi assim, pelo menos, que nos contou o caso aquele ex-ministro do rei D. Carlos, aquele político, bandido de marca, no dizer do poeta.

Este, que foi quem mais contribuiu para matar a realeza, o profeta vingador, não quis nunca ocupar

Ofendeu a Igreja e algumas consciências simples e timoratas?... Há Inferno? Há Inferno! Chegou a pensar que a única religião lógica é efectivamente a católica, a única que atinge o homem e explica esta vida e a outra vida. A princípio, todos supõem que fora dela é que está a luz, e atrevem-se a julgar o edifício temeroso, onde se abrigaram gerações e gerações de mortos, e em que cada pedra tem raízes tão vivas e tão fundas que deitam sangue. Mas, no fim da vida, todos sentem o mesmo desejo de se acolherem lá dentro ainda que seja ao pé dum túmulo, porque o mundo, cá fora, mete medo. Também os bichos, quando sentem a morte, procuram um cantinho para se esconder... Se há algum calor e agasalho é ali. Fora, é o caos. Tudo isto o preocupou a ponto de refundir os seus livros; tudo isto o preocupou, a ponto de aceitar, dizem, que Queirós Ribeiro e Antero de Figueiredo lhe fizessem repetidas instâncias para o levar à confissão católica.<sup>17</sup> Recebeu o padre, discutia com ele a questão religiosa e com Luís de Magalhães a questão política – e a tal ponto que refundiu a *Pátria*, havendo um exemplar emendado em poder dos editores e outro nas mãos de Luís de Magalhães. Chegaram a dar-lhe água de Lourdes a beber, mas, como não sentiu melhoras, fez o que fazia aos remédios – deitou-a fora. Por último, o cerco àqueles dois velhos, isolados, na Rua de Santa Catarina, tornou-se intolerável. Já a mulher dizia ao dr. Santos Silva:

– Também eu estou com medo ao Inferno e já hoje fui à missa!

Foi então que o médico interveio, aconselhando-o a mudar-se, durante algum tempo, para Lisboa, porque a humidade do Porto lhe estava a prejudicar a saúde. Trouxeram-no para casa da filha e do genro, mas ele, frequentemente, dizia:

– Levem-me para o Porto! quero morrer no Porto!

Junho de 1923

Está, não a morrer do coração, como para aí se diz, mas profundamente fraco e neurasténico. Teima em que tem sífilis ou qualquer doença na medula. E diz:

– Tenho um medo enorme de morrer e peço todos os dias a Deus que me mate!

Ao António José de Almeida:

– Morro esta noite!

– O senhor bem sabe que não pode morrer esta noite... O seu coração está bem, o seu estômago e os seus intestinos regulam razoavelmente.

– Então, dentro de quinze dias estou doido. Sofro horrivelmente.

A questão religiosa continua a preocupá-lo sempre. Noutro dia disse:

– Dava toda a minha glória para não ter saído do catolicismo. Errei a minha vida. Quem me dera ter vivido ignorado, só para a minha mulher e para as minhas filhas!

Às vezes esquece-se e despreocupa-se. Quer saber tudo e ler tudo que lhe diga

---

cargos propriamente políticos. Ainda que vivia no meio daquele temporal desfeito, no meio das ondas agitadas, na história, enfim, sabia desaparecer, como um submarino, nas calmas profundidades do oceano e elevar-se, como um aeroplano, sobre as nuvens da tempestade.

É que foi um poeta republicano e nunca um republicano poeta. Antes de tudo e sobre tudo, foi um poeta; e o resto... por demais. O que se não pode ser por demais é poeta. E na obra revolucionária portuguesa a parte do poeta será mais duradoura do que a de todos os políticos.

MIGUEL UNAMUNO

<sup>17</sup> Aquilino Ribeiro:

O cônego Anaquim disse que, tendo o núncio telegrafado para Roma a morte de Junqueiro e o pedido de enterro religioso, de lá perguntaram de que qualidade tinham sido os ataques ao Papa e à Igreja. Afirmou também que Junqueiro caminhava para a confissão e reintegração completa na igreja Católica, quando Fernando de Sousa estragou tudo com a violência dos seus ataques.

respeito. Esta tarde, dois amigos conversavam a seu lado sobre a inteligência com que o Antônio Mania da Silva tem governado o País, e ele, de repente, exclamou:

– Sim, sim, com meio partido e meio rim não se pode governar melhor!

Ontem, o seu estado agravou-se. Nestes últimos meses teve quatro crises de bronquite, mas a febre não passava de 37 e três décimos e, apesar de os focos se manterem e multiplicarem, ia resistindo. O coração, bem – artérias de vinte anos (dr. Santos Silva). De repente aparece-lhe uma broncopneumonia com febre logo a trinta e nove e o coração a funcionar muito mal. Os médicos perderam a esperança.

Mudaram-no do quarto do rés-do-chão para um quartinho do primeiro andar, donde ele quis que retirassem tudo, menos uma cama de ferro. Desse dia em diante raras vezes falou. Segundo a Ana, de Freixo de Espada à Cinta, a velha criada que o vestia e despia nos últimos tempos, só dizia repetidas vezes:

– Meu Deus, levai-me! meu Deus, levai-me!

7 de Julho de 1923

Morreu naquela cama de ferro, hoje de manhã, às cinco horas menos dezassete minutos, depois duma breve agonia. Não soube que morria. No caixão, com o fatinho preto e coçado, espiritualizou-se ainda mais. Barba em bico, testa enorme, duas farripas aos lados e mãos esguias e brancas: parecia a figura de Nun'Álvares (Trindade Coelho). Nem um livor cadavérico.

A sala da frente está escura. À cabeceira brilha a chama de duas velas de um e de outro lado dum crucifixo com violetas. Sombras amarfanhadas ao fundo, e ao lado do caixão uma figura imóvel, com a manta pela cabeça, a velha Ana, que parece uma imagem de retábulo ou um daqueles humildes de que tanto falava e que lhe chamavam o Senhor Poeta.

Olho-o e não me atrevo a julgá-lo. Nem por sombras! É exactamente o mesmo que me acontece com o atormentado Camilo. Se estes homens praticaram alguns erros, pagaram-nos bem caros, com dias de tortura e de sensibilidade exasperada, dando-nos em espectáculo as suas dúvidas, e a sua dor, em consciências em que a sensibilidade é tão grande que até pesa fantasmas – enquanto os outros comem e digerem, digerem e comem, morrendo com a serenidade dos animais e dos justos. Sofrer é talvez um sinal da misericórdia de Deus. A vida eterna não se fez para as bestas!

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Ernestina de Sousa Coelho. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2002

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*